

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

CLETO SANDYS NASCIMENTO DE SOUSA

O RÁDIO COM SOTAQUE PIAUIENSE:

História e memória da Rádio Educadora de Parnaíba em meados do século XX.

TERESINA – PI
2009

CLETO SANDYS NASCIMENTO DE SOUSA

O RÁDIO COM SOTAQUE PIAUIENSE:

História e memória da Rádio Educadora de Parnaíba em meados do século XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.
Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento

S725r

Sousa, Cleto Sandys Nascimento de.

O Rádio como sotaque piauiense: História e memória da Rádio Educadora de Parnaíba em meados do século XX. / Cleto Sandys Nascimento de Sousa. – Teresina, PI, 2009.

152 f.

Dissertação (Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Piauí, Teresina - PI, 2009.

Orientação: Profº. Drº. Francisco Alcides do Nascimento.

1. Rádio. 2. Memória. 3. História Oral. 4. Rádio Educadora de Parnaíba.
I. Título.

CDD – 070.41

CLETO SANDYS NASCIMENTO DE SOUSA

O RÁDIO COM SOTAQUE PIAUIENSE:

História e memória da Rádio Educadora de Parnaíba em meados do século XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.
Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento

Aprovado em _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento - UFPI
(Orientador)

Prof.

Prof.

A meus dois Grandes Amores, Renata Cristina da Cunha e Rebecca Sandys Cunha e Sousa, com amor e carinho especial.

Aos meus pais, João Pedro de Sousa e Lindalva Nascimento de Sousa, com carinho.

Aos meus irmãos, Sara, Cleandro, Raniere e Ranier, com ternura.

A meu orientador, Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento, com imensa gratidão.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação de mestrado dificilmente pode ser considerada uma obra individual, visto que várias pessoas contribuíram para a concretização deste trabalho.

Gostaria inicialmente de demonstrar minha gratidão ao meu orientador e incentivador, o professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento, pela disponibilidade e paciência frente às minhas limitações.

Aos professores do Mestrado em História do Brasil, a minha gratidão, pelo repasse teórico em forma de aulas e textos, que me foram de extrema valia.

Aos meus amigos e colegas de turma pela agradável convivência, em especial Benilton, Aldairis, Ana Cristina, Cristina Cunha, Ednalda, Elton Larry, Fabio Henrique, Francisca Raquel, Francisco Humberto, Fábio Nádson, José Maria, Verônica, Ângela Maria.

A todos os entrevistados, que me receberam com carinho e atenção mesmo eu sendo um completo desconhecido.

Agradeço aos meus pais João Pedro e Lindalva. “Pai e Mãe, vocês são o timão no barco da minha vida”.

A minha esposa e amiga, Renata Cristina, cujo estímulo e amor redundaram no meu crescimento pessoal e profissional. A você, meu escudo, MUITO OBRIGADO por todo amor, carinho e apoio incondicional em todos os momentos bons e difíceis de nossa vida conjugal. Não só nos últimos dois anos, mas nos quase vinte anos vividos juntos.

Ao meu grande amigo e irmão, Francisco Nascimento, por incentivar-me no processo de melhoria contínua. Você é um exemplo de profissional sério. Obrigado por tudo.

Finalmente, a minha filha, Rebecca Sandys, pela compreensão, maturidade, pelo carinho e tranquilidade ao me transmitir segurança em saber que estaria longe, mas perto do coração. Cada abraço de chegada era minha recompensa. Não há nada melhor que o seu amor.

A notícia da chegada do aparelho a Pedreiras correu célere e, num raio de duas léguas, movimentou todas as camadas da população. Os mais entendidos explicavam tratar-se de um admirável invento que tanto sabia falar em várias línguas como sabia tocar lindas músicas. Via, ouvia e contava tudo o que acontecia no mundo.

Recomendava-se, inclusive, que todos tivessem cuidado para não falar bobagens e, sobretudo, não atacar o governo de Getúlio Vargas, pois o rádio revelava tudo e falar mal do governo poderia dar longos anos de cadeia.

O rádio ia ser inaugurado à boca da noite, hora de propagação mais favorável para a onda média. A bateria estava recebendo carga no caminhão do Doca que ainda não tinha regressado de Coroatá.

Naquele dia, as maiores lojas lideradas por “A Pernambucana” e “A Rianil”, grandes rivais no comércio de tecidos em todo o Estado, combinaram encerrar suas atividades mais cedo, possibilitando aos funcionários assistirem à inauguração ainda com o claro do dia, de modo que, às 17 horas, já começava a formar-se um considerável auditório em frente ao janelão da Casa Cateb, cada curioso procurando a melhor posição para ver e ouvir o rádio falar.

Enquanto esperavam, ouviam-se as mais diferentes e pitorescas opiniões.

Antônio Chico, um cortador de cana do Engenho Zebelo, pernambucano inteligente e com boa base de instrução, explicava aos colegas que o segredo do aparelho, para mover a língua e falar, consistia num sistema de ar comprimido bombeado por um motor elétrico e regulado por uma borboleta dessas utilizadas nos antigos gramofones, só com a diferença de ser movida à bateria, enquanto o gramofone era tocado a corda. O que ele ainda não tinha conseguido decifrar, e que era mistério para todos os presentes, era o funcionamento do sistema cerebral da máquina. Como ela ouvia e captava as notícias, como tomava as decisões entre falar e tocar músicas.

Na ponta da calçada, Torquato e Enoque Siqueira, na época simpatizantes do integralismo pregado por Plínio Salgado, com certa reserva, trocavam opiniões ao lado do velho Zé Martins, Ucino Fernandes e outros, a respeito do fenômeno que, pelas profecias do conhecido Frei Vidal da Penha, só poderia ser coisa do fim do mundo.

Torquato achava que o aparelho devia ter alguma ligação com o espiritismo, posto que Zé Cateb, há tantos anos morando em Pedreiras, não aparecia na Igreja nem para batizar os filhos. E alguém já lhe havia sussurrado que o Cateb fora visto, certo dia, saindo da sessão espírita do João Costa, na rua do Cantinho. Recomendava, pois, aos seus amigos, muita cautela nas conversas, e que procurassem se manter a uma distância razoável do janelão da casa.

O velho Zé Martins, seus filhos: Nezinho, Expedito e Pedro também não faltaram à concentração, na esperança de ouvirem pelo rádio algum pronunciamento do chefe nacional integralista, Plínio Salgado, principalmente acerca do golpe de 10 de novembro de 1937, criando o chamado Estado Novo e consolidando a ditadura de Getúlio Vargas.

Um grande número de integralistas, liderados pelo companheiro Luiz de Lima, chegou mais cedo e tratou de ocupar as melhores posições do improvisado auditório e aguardava impaciente que Zé Cateb desse início às operações do rádio.

Chegaram a aparecer alguns mais exaltados, já querendo fazer baderna e invadir o janelão da casa, gritando que tudo não passava de marmelada [...]. Temendo o excesso e possíveis invasões do seu lar [...]. Cateb resolveu pedir garantias policiais ao Delegado local, no que foi prontamente atendido: O Capitão mandou dois soldados armados de fuzil, para ficarem de plantão ao lado da janela enquanto o rádio estivesse falando.

RESUMO

Este trabalho ambiciona construir um mapa do rádio em Parnaíba, a análise tem como foco a construção da memória radiofônica de Parnaíba e a metodologia está centrada na História Oral, por esta oferecer as possibilidades de investigação do conhecimento que se processa no convívio social, questionando a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais, oportunizando não só oferecer uma mudança do conceito de história, mas também, garantindo sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem. É dedicado ao levantamento, sistematização e interpretação dos diferentes suportes e registros de memória, orais e escritos na tentativa de reconstruir uma narrativa da história e da memória do rádio parnaibano. A proposta enquadra-se no campo da história cultural privilegiando o estudo da memória. Ganha vida, produzido pela ação do historiador que almeja compreender a contribuição da Rádio Educadora de Parnaíba, como uma das primeiras tentativas de instalação do rádio no Estado, propiciando à produção histórica uma abordagem no âmbito da cultura que possa desvelar práticas, reconstruindo memórias, analisando discursos, identificando modelos de produção de subjetividades que deixaram marcas a serem identificadas na cultura piauiense. É no cenário das décadas de 1940 e 1960 que este trabalho se situa, procurando cartografar o rádio e fornecendo algumas pistas e indicações que contribuam para o crescimento do interesse nessa área de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio. Memória. História Oral. Rádio Educadora de Parnaíba.

ABSTRACT

The objective of this work is to construct a map of the radio in the city of Parnaíba; therefore, its focus of analyses is the construction of the broadcasting memory in this city. The methodology of the research is the Oral History, for it offers possibilities to investigate the knowledge that is present in the social context, interrogating the historiography tradition centered in official documents, which offer not only a change in the concept of history, but also a guarantee of the social meaning to the participants and writers' life who start to understand the historical sequence and to feel part of the environment in which they live. It is dedicated to the collection, systematization and interpretation of different bases of oral and written memory registers in order to reconstruct a narrative about the radio history and memory in Parnaíba. The propose of the work figures out in the field of cultural history concerning the study of memory. The research was produced by the historian actions which also intend to comprehend the contribution of the "Rádio Educadora" of Parnaíba, as one of the first attempts to the radio installation in the state, offering the historic production an approach in the cultural dimension that can reveal practices, reconstruct memories, analyze discourses, identify models of subjectivity productions which left marks identified in the culture of Piauí. This work also verifies the contribution of the "Rádio Educadora" of Parnaíba identifying the moments in which it articulated new social practices, stimulating new habits and costumes and creating new spaces of sociability and political practice. It also highlights the promotion of the radio artists through its microphones and concerts that took place in open spaces and private clubs. The scenery of this research is placed between the decades of 1940 and 1960 in order to understand the radio phenomenon and to offer some tips and indications to contribute to the increase of interest in this research field.

KEY-WORDS: Radio. Memory. Oral History. "Radio Educadora" of Parnaíba.

LISTA DE LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Fotografia 01. Amplificadora Municipal de Parnaíba. | 39 |
| Fotografia 02. Prefeito Mirócles Veras. | 42 |
| Fotografia 03. Propaganda de venda de Rádios. | 48 |
| Fotografia 04. Primeira turma de aviadores civis. | 56 |
| Fotografia 05. Cassino 24 de Janeiro. | 62 |
| Fotografia 06. Cópia da ata de Assembleia Geral. | 65 |
| Fotografia 07. Primeiro transmissor da Rádio Educadora de Parnaíba. | 70 |
| Fotografia 08. Propaganda da Rádio Educadora de Parnaíba | 77 |
| Fotografia 09. Formatura da turma de concludentes do Colégio das Irmãs | 80 |
| Fotografia 10. Banda Black-Out sendo apresentada por Nelson Chaves. | 84 |
| Fotografia 11. Orquestra de Ruy Reis. | 85 |
| Fotografia 12. Nelson Chaves apresentando a cantora Ângela Maria | 86 |
| Fotografia 13. Nelson Chaves entrevistando Café Filho. | 88 |
| Fotografia 14. Imagem panorâmica da Praça da Graça | 89 |
| Fotografia 15. Propaganda da Rádio Educadora. | 94 |
| Fotografia 16. Francisco Costa no estúdio da Radio Educadora em 1949. | 98 |
| Fotografia 17. Propaganda da Rádio Educadora no jornal O Sino (1951) | 99 |
| Fotografia 18. Correspondência enviada pelo ouvinte Lars Ryden, da Suécia. | 99 |
| Fotografia 19. Arquibancada do Parnaíba Esporte Clube. | 101 |
| Fotografia 20. Locutor Theodoro Ângelo dos Santos Filho. | 108 |
| Fotografia 21. Auditório da Rádio Educadora de Parnaíba. | 110 |
| Fotografia 22. Propaganda da firma de Raimundo Fonseca Mendes. | 111 |
| Fotografia 23. Nelson Chaves em sua mesa de trabalho, 1951. | 115 |
| Fotografia 24. Hidroavião da Empresa Aérea “Condor”. | 118 |
| Fotografia 25. Nelson Chaves, Ângela Maria e Luiz de França. | 119 |
| Fotografia 26. Carteira de trabalho de Maria Irma em 1949. | 124 |
| Fotografia 27. Maria Irma no estúdio da Rádio Jornal do Comércio (PE) 1954. | 125 |
| Fotografia 28. Maria Irma como Tia Edna na extinta rede Tupi (1969). | 126 |
| Fotografia 29. Edna Maria cantando no Auditório da Rádio Educadora. | 133 |

| | |
|--|-----|
| Fotografia 30. Auditório da Radio Educadora de Parnaíba. | 134 |
| Fotografia 31. Edna Maria, em sua despedida em 1951. | 138 |
| Fotografia 32: Maria Auxiliadora e Alcenor Madeira. | 140 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1 EM SINTONIA COM AS FREQUÊNCIAS DO RÁDIO..... | 21 |
| 1.1 Os primeiros passos da Radiodifusão no mundo..... | 21 |
| 1.2 O nascimento do rádio no Brasil..... | 24 |
| 1.3 O uso político do rádio - os ideais do governo de Getúlio Vargas..... | 33 |
| 1.4 Os antecedentes do rádio parnaibano : as amplificadoras..... | 38 |
| 1.5 Memórias que registram o nascimento da emissora de forma Acidental.... | 43 |
| 2 POLIFONIA DO RÁDIO PIAUIENSE: A memória em disputa..... | 54 |
| 2.1 A sociedade que deu origem ao Rádio parnaibano..... | 54 |
| 2.2 O processo de instalação..... | 57 |
| 2.3 A compra dos Transmissores: Uma disputa de memórias..... | 63 |
| 2.4 Finalmente é inaugurada!..... | 72 |
| 2.5 CHÃO DE ESTRELAS: A vinda de estrelas nacionais do Rádio para Parnaíba..... | 85 |
| 2.6 A vinda de Getúlio Vargas e os discursos políticos na Educadora..... | 86 |
| 2.7 Religião: Roteiro de uma história..... | 90 |
| 2.7.1 A criação do Bispado de Parnaíba..... | 90 |
| 2.8 O alcance da Rádio Educadora | 93 |
| 2.9 Rádio, futebol e pioneirismo: a memória em disputa..... | 100 |
| 3 RÁDIO EDUCADORA: Seus locutores e artistas..... | 105 |
| 3.1 A trajetória dos locutores na Rádio Educadora de Parnaíba..... | 105 |
| 3.1.1 Raimundo Fonseca Mendes..... | 108 |
| 3.1.2 Mário de Santana Campos..... | 112 |
| 3.1.3 Rubem da Páscoa Freitas..... | 113 |
| 3.1.4 Nelson Martins Chaves..... | 115 |
| 3.1.5 Maria Irma ou Edna Maria? A Show Woman da Rádio Educadora.. | 121 |
| 3.2 OS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO: o conjunto Regional e os calouros..... | 127 |
| 3.3 O surgimento de artistas locais..... | 136 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 142 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 146 |
| ANEXOS | 152 |

INTRODUÇÃO

Um dos principais motivos para termos escolhido o rádio como objeto desta pesquisa se deu pelo fato do enorme alcance que este meio de comunicação de massa teve e ainda tem no Brasil, pois as pesquisas de opinião indicam que todas as camadas sociais acessam emissoras, seja apenas para ouvir músicas, seja para se antenar com as últimas notícias, seja para enviar ou receber recados, seja para concorrer a brindes. Para alguns ouvintes, o rádio se transformou em vício, como também ajuda no processo que antecede ao sono profundo.

O rádio, enquanto objeto de estudo, teve sua importância amplamente reconhecida a partir da década de 1950 quando surgiram primeiros livros sobre o assunto. Na década de 1990, surgiram trabalhos acadêmicos mais aprofundados, sobretudo nos novos cursos de pós-graduação implantados no Brasil no período, despertando interesses nos estudos acadêmicos, principalmente na área de Ciências Humanas e no campo da História. Neste sentido, (Haussen, 2005, p.7), pesquisador da área, afirma que:

Na pesquisa efetuada encontraram-se registros de 105 trabalhos, sendo 89 dissertações e 16 teses sobre rádio, no período de 1991 a 2001. O tema preponderante foi o da história do veículo (21), seguido pelo da linguagem radiofônica e dos estudos de recepção (16, cada), pelo das rádios comunitárias, livres e alternativas (13), pela política (10), pela análise da educação no rádio (8), pelo radiojornalismo e a tecnologia (7, cada), além de outros temas que despertaram menor interesse por parte dos pesquisadores.

Esta pesquisa realizada período de 1991 a 2001, constitui-se um recorte de dez anos de fluxo da produção científica sobre o rádio no Brasil. Assim, os resultados encontrados demonstram um período de significativo interesse pelo estudo do rádio, período em que passou a ter maior relevância enquanto objeto de estudo por parte das universidades brasileiras, principalmente através de seus Programas de Pós-Graduação.

O rádio, enquanto objeto de estudo, possui uma profusão e uma íntima inserção na abordagem desenvolvida pelos estudos culturais na atualidade,

privilegiando as produções discursivas e as representações sociais. No Estado do Piauí, ele possui uma intensa atividade nos processos de sociabilidade e civilidade de determinadas camadas da sociedade, em que exerceu, quase que majoritariamente, durante certa temporalidade, uma influência na tomada de decisões, reivindicações, manifestações e contestações.

Pelas ondas do rádio fatos históricos foram divulgados, notícias mobilizaram multidões, insuflaram concepções e propagaram princípios ideológicos. Tornou-se um instrumento do poder ou de micro-poderes, tornando-se presente no cotidiano da maioria das famílias piauienses, disciplinando horários, modos e costumes, coordenando práticas sociais, mitificando personalidades, depreciando outras, num modelo de circularidade e de projeção, mudança e permanência, mediado pela capacidade de interação com o veículo de comunicação que ultrapassou a dimensão da cidade moderna e passou a integrar os espaços sociais mais diversos e distantes.

No Brasil, na época da inauguração da rádio Educadora de Parnaíba, o rádio era o veículo de comunicação de massas mais popular e de maior penetração. Este, em relação aos outros meios de comunicação, aproxima-se mais da população, devido a algumas características que lhe são inerentes: linguagem oral-auditiva, mobilidade, baixo custo, imediatismo e instantaneidade. A mensagem por ele veiculada foi fundamental para a construção de identidades e de mudanças culturais.

A sua influência, constituiu na primeira metade do século XX, um elemento propagador de várias ideologias, de uma forma especial, a ideologia política presente no contexto nacional e que devido, ao seu grau de intencionalidade, também favoreceu sua sofisticação e a instalação de novas emissoras em todo o território nacional.

É neste cenário de emergência do rádio no Brasil e no Piauí que ganha vida este objeto de estudo, produzido pela ação do historiador que almeja compreender a contribuição da Rádio Educadora de Parnaíba, como “lugar de memória”, como uma das primeiras tentativas de instalação do rádio no Estado, objetivando propiciar à produção histórica uma abordagem no âmbito da cultura que possa desvelar práticas, reconstruindo memórias, analisando discursos, identificando modelos de produção de subjetividade que deixaram marcas a serem identificadas na cultura piauiense.

O rádio neste contexto tem um papel de grande importância, principalmente o parnaibano, pela sua audiência e amplitude. Por meio dele, músicos do calibre de Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Valdick Soriano, Orlando Dias, Luiz Gonzaga, Roberto Muller, Emilinha Borba, Calbi Peixoto e tantos outros que além de encantarem os ouvintes, fizeram shows memoráveis em Parnaíba. Influenciando assim o aparecimento de cantores locais de grande sucesso, personificado na figura da amplamente conhecida Maria Irma¹, a princesinha do rádio parnaibano.

É certo que alguns pioneiros² já se aventuraram pelo estudo da radiodifusão, sendo que uns superficialmente, enquanto outros se deixaram absorver por esse universo encantador. Um dos pioneiros piauienses em destaque é o historiador Francisco Alcides do Nascimento que, ao reconstituir as trajetórias da Rádio Pioneira de Teresina, construiu uma narrativa historiográfica sobre o cotidiano do rádio e sua relação com a sociedade.

Parece não haver dúvidas de que, entre 1949 e 1970, o Rádio foi o principal meio de comunicação de massa do Piauí, modificando significativamente a forma de sentir, refletir e ver o mundo. O cotidiano das pessoas foi transformado de maneira irreversível. (NASCIMENTO, 2004, p.30).

O autor chama a atenção para a existência de uma modificação do cotidiano dos piauienses, pois o rádio passou a funcionar como um relógio que demarca as rotinas diárias ao organizar e reproduzir os ciclos e as temporalidades locais. Contudo, a partir de meados da década de 1950, o rádio ganhou um concorrente poderoso, a televisão. E, para sobreviver, teve que se adaptar àquela essa nova

¹ ALMANAQUE DA PARNAÍBA, Fortaleza, Ce: Minerva, 1942, p. 55.

² CAUDURO, Fernando. **O homem que apertou o botão da comunicação**. Porto Alegre: Editora Feplan, 1977; DOMINGUES, Heron. **Rádio Nacional - 20 anos de liderança a serviço do Brasil**. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 1956; FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio no ar - O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 2000; GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981; GRAMÁTICO, Dáurea. **Histórias de gente do rádio**. São Paulo: Ibrasa, 2002; GRISA, Jairo Angelo. **Histórias de Ouvinte**. Itajaí: Univali, 2003; LAGO, Benjamim do. **Radiodifusão e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: livreria Cultural da GB, 1969; LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **O rádio dos pobres: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social**. São Paulo: Edições Loyola, 1988; MARANHÃO FILHO, Luiz. **Rádio em todas as Ondas**. Recife: Editorial Universitária/UFPE, 1998; MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991; NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio**. São Paulo: Annablume, 1999.3ª ed; SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da TV no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984; TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Harbra, 1999. 2ª ed.; VAMPRE, Octavio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da TV: cronologia**. Porto Alegre: Fundação Educacional Padre Landell de Moura/RBS, 1979.

realidade. Para tanto, uma das estratégias empregadas foi a organização de uma nova programação. As radionovelas, os programas de auditório, de calouros e os humorísticos desapareceram do veículo e ganharam novos formatos na televisão. Esse é o caso das atuais telenovelas, dos programas de auditório e de humor, que garantem os maiores índices de audiência da televisão.

Desenvolver a cidadania, estimular a reflexão e a crítica, provocar o debate, democratizar a informação são algumas das possibilidades que o rádio, enquanto gênero de entretenimento pode apresentar através de radiodramas, informações de utilidade pública, comentários de cartas, programação musical, jogos, entre outros. Portanto, basta saber como usar o veículo através de suas peculiaridades sonoras.

O rádio funciona bem no mundo das ideias. Como um meio de promover a educação, ele se destaca com conceitos e também com fatos. Seja ilustrando dramaticamente um evento histórico, seja acompanhando o pensamento político atual, serve para veicular qualquer assunto que possa ser discutido, conduzindo o ouvinte, num ritmo predeterminado, por um conjunto de informações. (MCLEISH, 2001, p.20).

O rádio seguiu uma trajetória ascendente, atingindo enormes índices de audiência entre o final dos anos de 1940 e um pouco depois da metade dos anos de 1950. O marco final dessa era está relacionado ao fato de que, no fim da década de 1950, a televisão passou a ocupar um papel destacado, absorvendo uma boa parcela das verbas publicitárias e dos ouvintes, o que de certa forma acelerou um processo, que já vinha ocorrendo, da mudança significativa do perfil do rádio, ou melhor, do conteúdo veiculado pelas emissoras.

Nesse contexto, o rádio é pensado enquanto um veículo de comunicação de massa que tanto constrói quanto explicita práticas culturais. Este meio criou/veiculou códigos de comportamento social, pois seguia de perto os fatos do cotidiano do país, transmitia informações de diferentes lugares, "levava a cidade ao campo", compartilhava da formação de novas gerações, entre outros. Para muitos, ele se constituía a única possibilidade de contato com as modificações que aconteciam além das fronteiras de seu pequeno universo.

Assim sendo, o rádio apresenta-se como um "espaço" especial de onde se pode partir para melhor entender a configuração da sociedade na qual este se encontrava inserido. É de fundamental importância destacar/reconhecer/estudar o

papel desempenhado pelo rádio na formação de uma sociedade urbano-industrial, em contraposição a uma dita "tradição agrária", na consolidação de uma sociedade de consumo no Brasil, na segunda metade do século XX.

Na produção desta pesquisa, que enfoca a memória coletiva da Rádio Educadora de Parnaíba, ressaltamos a discussão feita por Jacques Le Goff sobre a memória coletiva. Le Goff defende que (2003, p.469), a memória é “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Em seguida, o referido autor acrescenta que:

Enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2003, p.469).

Buscando a memória de profissionais que passaram pela Rádio Educadora de Parnaíba, procuramos entender a relação entre o rádio e a sociedade parnaibana. Há, pois, uma relação original entre o historiador e as memórias dos sujeitos da história, diferente, portanto, daquela que o historiador mantém com um documento.

A memória como evocação do passado nos termos do presente é o ingrediente da História Oral e, na tentativa de conceituá-la, Delgado (2006) chama atenção para uma “distinção” e não uma “oposição” entre História e memória. Embora ambas, estejam preocupadas com a preservação do que se passou, a memória se liga mais à imaginação, ao vivido, enquanto que a História procura refletir sobre essas vivências. Todavia, esta distinção é muito tênue, pois a memória também traz consigo reflexões e do mesmo modo a História está ligada ao vivido.

Outra concepção de memória que nos orienta é tomada de empréstimo à obra de Maurice Halbwachs, a partir de seu trabalho *A memória coletiva*. É possível, por meio dela, reter pelo menos dois traços principais para delinear seu conceito de memória: em primeiro lugar, a memória é coletiva; mesmo as

recordações mais pessoais de um indivíduo só são possíveis nos enquadramentos superpostos dados pelos grupos de referência a que esse indivíduo pertence, pela tradição e pela linguagem. Em segundo lugar, a memória não é um apático retorno de um passado incólume, mas um procedimento de reconstrução deste passado feito a partir de subsídios e interesses do presente. (HALBWACHS, 1990).

O que estabelece as fronteiras, na verdade, são os procedimentos e regras padronizados pelos historiadores no fazer da História, que a memória em seu processar não possui. A memória contém vestígios do passado sobre os quais a História procura construir um conhecimento.

Um dos instrumentos empregados para investigação do objeto Rádio Educadora de Parnaíba, no período de 1937 a 1960, é a metodologia da História Oral, por esta oferecer as possibilidades de investigação do conhecimento que se processa no convívio social. As fontes construídas com o emprego da História Oral somam-se às outras fontes, mas avaliamos que as primeiras permitem não apenas oferecer uma mudança do conceito de história, mas também, que os atores sociais que atuaram no rádio em Parnaíba participem da construção de uma narrativa histórica sobre aquela emissora. Talvez essa participação acrescente outro sentido à vida de depoentes, que passam a entender a sequência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem.

De acordo com Ecléia Bosi (2003, p.15), “a memória oral é um instrumento precioso se desejarmos constituir a crônica do cotidiano. A história que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. A citação configura a importância da pesquisa baseada na História Oral e, neste trabalho, as histórias de vida têm muito valor para afirmar a relevância das publicações pesquisadas.

A proposta de construir ou reconstruir memória é atravessada pelo uso da História Oral, como metodologia, devido à complementação de informações sobre o tema. A utilização de depoimentos orais favorecerá na construção do conhecimento sobre o período, constituindo-se na principal forma de reconstrução deste passado, elucidando questões e trazendo, outras à tona.

Na tentativa de compreender a História Oral, pode-se conceituá-la como sendo, uma metodologia de pesquisa e de documentação de fontes para estudo da história contemporânea. Para Pollak (1989, p.04) “a História Oral ressaltou a

importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à “memória oficial”.

Foram realizadas entrevistas com profissionais que trabalharam na Rádio Educadora de Parnaíba como técnicos, cronistas sociais, locutores, cantores e até músicos que tocaram em programas de auditório e acompanharam estrelas do rádio brasileiro os quais foram levadas pela Rádio Educadora de Parnaíba e ali realizaram shows em praça pública ou em clubes fechados.

O avanço da História Oral se encaixa no âmbito das transformações da historiografia que passou a considerar as experiências particulares, deslocando a análise do geral para o específico, enfatizando com isso trajetórias de vida e projetos individuais. O relato pessoal passou a ser visto como fonte capaz de fornecer importantes dados sobre a experiência coletiva.

Além da História Oral, buscando interagir com outras fontes, analisamos documentos cartoriais, correspondências de ouvintes, jornais da época, os Almanques das cidades de Parnaíba e Teresina; as dissertações de Daniel Vasconcelos Sólton (2006), *O eco dos alto-falantes: memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*, de Nilsângela Cardoso Lima (2006), *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948 - 1962)*, além de livros e artigos do professor Francisco Alcides do Nascimento³. Estabeleceremos ainda diálogo com o uso de fotografias.

As fotografias são valorizadas enquanto fonte, pois há um grande acervo a ser explorado. Na atualidade, “a fotografia revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003, p. 460), enquanto produção e, por conseguinte, fonte para história, “a imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos”. (KOSSOY, 2001, p. 22).

³ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002; **Cadernos de Teresina. A era do rádio**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002; **História e memória da Rádio Pioneira de Teresina**. Teresina. Alínea Publicações, 2004.

As práticas de investigação a partir das imagens fotográficas colaborarão na ampliação da comunicação entre o pesquisador e seu objeto, intensificando a capacidade para manifestação da linguagem e produção de sentido, pois:

[...] a fotografia ao ser veiculada, institui um código específico de comunicação que possui seus próprios signos, neste sentido, a foto é entendida como um “texto icônico”, a compreensão da imagem fotográfica como uma escolha possível em um universo de escolhas descartadas. Essa dupla referência - à foto em si mesma e às possibilidades não realizadas - deve ser levada em conta pelo pesquisador, “a relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão”: o conteúdo refere-se à relação entre o que foi captado pelo fotógrafo e a circunstância da produção da imagem (CIAVATTA, 2002, p. 56).

A partir do levantamento bibliográfico que marcou a primeira etapa da pesquisa, portanto com maior “domínio” sobre o objeto, efetuamos a seleção, classificação e análise dos documentos oficiais, as fotografias, livros de memória e demais objetos de memória que constituíram os indícios e transformados em fontes históricas.

Em seguida, buscamos em arquivos públicos da cidade e do estado, em bibliotecas de particulares e em especial no Almanaque da Parnaíba, de acordo com a natureza das fontes necessárias submetidas ao processo de seleção, classificação e análise a documentação primária pertinente ao objeto em estudo.

Posteriormente, com o embasamento que as fontes nos ofereceram, elaboramos questionários para utilizá-los nas entrevistas com os depoentes - pessoas que se relacionaram com o objeto de estudo. Nesta etapa, procuramos por meio da memória individual e sua relação com memória coletiva, compreender de que forma a Rádio Educadora de Parnaíba impactou na constituição das subjetividades dos sujeitos que se envolveram com a instituição enquanto profissionais ou funcionários.

Estruturalmente o trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, **EM SINTONIA COM AS FREQUÊNCIAS DO RÁDIO**, descortinamos um panorama de como se deu o nascimento do rádio no Brasil e no mundo, procurando assim, compreender sua trajetória e a sua expansão no Brasil a partir o governo Vargas. Vale ressaltar que foi nesse período que o rádio foi transformado em uma instituição

comercial e empregada por Vargas como ferramenta fundamental na divulgação de suas ideias. Discutiremos ainda uma incipiente disputa pelas memórias do nascimento da primeira rádio de forma acidental em território piauiense através dos artigos, livros e dissertações produzidos sobre o tema por autores piauienses.

No capítulo segundo, intitulado “**POLIFONIA DO RÁDIO PIAUIENSE:** a memória em disputa”, nos dedicamo-nos a analisar que sociedade ajudou na consolidação de uma emissora de rádio em Parnaíba e dos mecanismos que viabilizaram a apresentação das estrelas do Rádio do Brasil, tais como Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Valdick Soriano, Orlando Dias, Luiz Gonzaga, Roberto Muller, Emilinha Borba, Cauby Peixoto, em Parnaíba e o impacto desses shows na cidade. Assim, buscamos responder, neste capítulo, questões como: Qual a sociedade que originou o rádio em Parnaíba? Quais os mecanismos utilizados pelos organizadores de shows para viabilizar a vinda de estrelas nacionais do rádio para Parnaíba? Qual a participação das empresas parnaibanas naqueles eventos? De que forma os músicos e artistas locais eram inseridos naquelas atividades artísticas?

No terceiro e último capítulo intitulado: “**RÁDIO EDUCADORA:** Seus locutores e artistas” percorremos a trajetória dos locutores no rádio que utilizavam suas vozes para indicar discursos que, por sua vez, tinham objetivos variados e se expressavam através de ondas hertesianas, além de analisar como se dava o lazer na cidade e como as sociabilidades se cruzavam com o ato de ouvir Rádio através dos programas de auditório e os shows de calouros. Neste sentido, procuraremos responder neste capítulo as seguintes questões: Como os locutores se apropriaram do microfone para divulgar ideias? Quais relações existiam entre os ouvintes e os programas de auditório? Como se cruzaram o lazer e o show de calouros na cidade?

A história do rádio na cidade de Parnaíba funde-se com a própria história do estado e da nação; nesse período, entretanto, esta experiência é pouco registrada. O descaso, a falta de compromisso e a desvalorização histórica provocaram a destruição de diversos documentos, cujo valor memorialístico é inestimável. Enfatiza-se ainda que alguns dos homens-memória que fizeram a história do rádio no Piauí estão com idade avançada e a perda dos seus depoimentos evocando as experiências de vida, protagonizadas no rádio, podem gerar lacunas na história que dificilmente poderão ser preenchidas, o que torna mais desafiador e necessário o esforço de produção da história da Rádio Educadora.

A realização da pesquisa possibilitará iluminar um período histórico, por meio da ação radiofônica, lançando luzes para uma vasta produção discursiva, ainda pouco explorada, além de examinar as manifestações culturais, desenvolvidas no rádio por diversos atores sociais e pelo rádio, atingindo uma grande quantidade de sujeitos anônimos que compartilharam da experiência histórica.

O trabalho constitui, portanto uma possibilidade de ampliação da produção historiográfica piauiense sobre o rádio, tendo em vista o crescente esforço de historiadores em pesquisar a temática, a quantidade de fontes primárias existentes sobre a Rádio Educadora, os depoimentos concedidos e a íntima relação entre o rádio, a sociedade, a cultura e a cidade.

CAPÍTULO 1

EM SINTONIA COM AS FREQUÊNCIAS DO RÁDIO

1.1 Os primeiros passos da Radiodifusão no mundo

Um dos primeiros dispositivos eletrônicos a adentrar no ambiente doméstico das famílias foi o rádio. Este continua sendo um meio de comunicação poderoso, apesar de concorrentes como a televisão e a Internet, graças ao seu poder de ubiquidade, por estar em toda parte ao mesmo tempo, vencendo imensas distâncias. Pode-se dizer que teve e continua tendo papel destacado, especialmente entre os segmentos populares, como destaca Luiz Arthur Ferrareto,

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador das novas esperanças; o consolador do enfermo; a gula dos sãos, desde que realizem com espírito altruísta e elevado. (2001, p. 97).

O formato no qual conhecemos o rádio hoje se deu a partir de um processo lento e gradual da evolução da indústria e do aparecimento de novas tecnologias que deram forma para que a transmissão e recepção radiofônicas fossem definitivamente operacionalizadas.

Foi na Primeira Guerra Mundial (1910-1914) que se desencadeou a exploração das ondas de rádio como meio de comunicação. Com o início da guerra, a tecnologia da radiodifusão passou a ser utilizada com fins militares. Durante o

conflito, a transmissão de ondas eletromagnéticas e a atividade radiofônica permaneceram sob o controle dos governos dos países em guerra, causando um atraso para sua consolidação.

Esse atraso na consolidação da radiodifusão para o grande público, no entanto, foi compensado pelos avanços feitos no período, que facilitaram o crescimento das estações de rádio no pós-guerra. O rádio chegou a um nível que permitia a transmissão de sons extremamente complexos, entre eles, a voz humana. Os boletins informativos com as notícias no front passaram a fazer parte do cotidiano dos norte-americanos e dos europeus, com a produção em massa de transmissores e receptores encomendados pelos exércitos.

O desejo e a ânsia por notícias da guerra incentivavam e permitiam a utilização de aparelhos radiofônicos, tanto por parte das tropas em combate - como equipamentos táticos de comunicação à distância - quanto dos parentes dos militares e do público em geral. Nesse contexto, as emissoras de rádio se desenvolveram de fato após a 1ª Guerra Mundial.

O final da Primeira Guerra Mundial sinalizou uma nova fase e um marco para o desenvolvimento comercial do rádio, a indústria norte-americana Westinghouse Electric Company, sediada na cidade norte-americana de Pittsburgh, ao tentar vender o excedente de rádios produzidos durante a Primeira Guerra Mundial, instalou no pátio de sua fábrica uma antena de rádio e passou a transmitir música, conseguindo assim vender todos os aparelhos guardados em estoque, contribuindo significativamente para o surgimento do processo de transmissão radiofônica da forma como conhecemos hoje. Assim, a radiodifusão difundiu-se por todo os Estados Unidos e depois conquistou grande parte do mundo.

A radiodifusão espalhou-se pelo mundo com rapidez. As novidades sempre estiveram relacionadas com os avanços proporcionados pela ciência. O rádio passou a exercer um certo fascínio e acompanhar as principais ações humanas, em diversos lugares e momentos da vida. Estações de Rádio noticiavam e mantinham os indivíduos informados de vários acontecimentos transcorridos ao longo do tempo.

[...] uma vez que dinamizou a troca de informações ao encurtar as distâncias, despertando comentários defensivos e contrários. Acrescente-se a isso o fato de que é ainda hoje um dos principais meios de comunicação da contemporaneidade. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 28).

A partir deste momento, o Estado passou a se estabelecer como proprietário do espaço eletromagnético, controlando as transmissões radiofônicas, por meio de um conjunto de leis e de uma rígida fiscalização, passando a decidir quem estava autorizado a emitir mensagens.

Assim, no modelo europeu de radiodifusão o próprio Estado faz uso das ondas através de rádios estatais. Mas, no modelo norte-americano, o Estado outorgou o uso do espaço eletromagnético às empresas privadas de comunicação. Nos dois casos, havia um compromisso entre os interesses dos governantes e a função social do rádio.

No ensaio intitulado “O Rádio como aparelho de comunicação”, Bertold Brecht (2005) propõe alterar o funcionamento do rádio ao afirmar que:

[...] é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. A radiodifusão deveria, conseqüentemente, afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes como abastecedores. Portanto, todos os esforços da radiodifusão em realmente conferir, aos assuntos públicos, o caráter de coisa pública são totalmente positivo. (p.56-57).

Desta forma, Brecht defende uma democratização da comunicação, nesta circunstância disseminada em formato circular, onde o ouvinte não apenas recebe informações, mas interfere direta ou indiretamente nas decisões do que precisa e deve ser transmitido/ouvido. O rádio é visto por Brecht como um meio político e educativo, com um enorme potencial democrático e interativo, mas limitado às condições objetivas de sua existência numa sociedade que não admite a efetivação com todas as suas consequências desse potencial.

O rádio se transforma em um meio de expressão e se adapta com seus recursos técnicos, de linguagem e de conteúdo às novas tecnologias e aos novos tempos da humanidade. Este evoluiu como o veículo mais popular e de maior alcance de público e permanece sendo o de maior imediatismo e instantaneidade de transmissão.

Desde o começo do rádio, no Brasil, inúmeras experiências de formatos radiofônicos foram praticadas. A comunicação radiofônica desse período foi inicialmente explorada pela elite econômica, por portadores de uma cultura erudita e indica uma ampla alteração nas formas de sociabilidade, que colaboraram para seu incremento e a melhoria do rádio enquanto meio de comunicação de massa.

1.2 O nascimento do rádio no Brasil

Encontrar uma maneira de expressar de forma sonora a palavra escrita foi uma das maiores dificuldades do rádio quando do seu nascimento. Neste processo de aproveitamento do rádio se insere a sua linguagem coloquial, pela recepção acessível e por sua característica fundamental que é a formação de imagens mentais, ou seja, o grande potencial do rádio em trabalhar com o imaginário.

Foi graças a essa linguagem compreensiva e que rapidamente se inseriu nas residências brasileiras que o rádio conseguiu atingir um grande desafio: participar do cotidiano das famílias, fornecendo-lhes informações e entendimentos sobre diversas dimensões da vida humana.

Pode-se afirmar, baseado na vasta produção bibliográfica que a radiodifusão começou a se solidificar no Brasil definitivamente a partir da primeira referência (SANTANA; TOMAZIELLO, 2004, p.5) a uma estação de rádio no Brasil que data de 1913 por Paul Forman Godley⁴, um dos fundadores da Adams-Morgan/Paragon, que a pedido do Governo brasileiro instalou o primeiro transmissor de ondas de rádio no Brasil na região amazônica. Em 1914, ao voltar para os Estados Unidos, Godley se admirou em saber que as estações brasileiras eram escutadas com regularidade no Clube de Rádio da América.

No entanto, foi durante a inauguração da exposição do Centenário da Independência, realizada na esplanada do castelo, que aconteceu a primeira transmissão de rádio oficial no Brasil. A empresa Westinghouse a pedido da Repartição Geral dos Telégrafos, instalou uma estação transmissora e com 500

⁴ Com variômetros auto-ajustáveis, Godley, conseguiu combinar os circuitos de grade e da placa de seu rádio, dessas experiências nasceu o Rádio receptor Paragon.

watts de potência no alto do corcovado, e importou cerca de 80 rádios receptores para que os membros da elite carioca ouvissem à distância o pronunciamento do presidente da república Epitácio Pessoa, depois disso, a ópera *O Guarani* de Carlos Gomez era transmitida diretamente do Teatro Municipal. Era o dia 7 setembro do ano de 1922 e, o público que a tudo assistia ficou bastante impressionado, nascia assim o rádio no Brasil.

Entretanto, existem documentos que situam o surgimento da atividade radiofônica brasileira antes de 1922, e apontam Oscar Moreira Pinto como percussor destas atividades ao inaugurar em 6 de abril de 1919 a Rádio Clube de Pernambuco. Estas informações dão conta de que Moreira Pinto havia adquirido um transmissor francês e este fato revela e evidencia ser essa a primeira experiência, ainda em caráter amador de radiodifusão no Brasil, apesar de sua inauguração oficial datar apenas do dia 17 de outubro de 1923 utilizando-se de um transmissor de 10 watts de potência – portanto, oficialmente anterior àquela da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

No Brasil o rádio nasceu elitizado, pois o alto custo da aparelhagem que envolvia a transmissão e recepção do meio radiofônico, descaracterizava-o enquanto veículo popular, destinando-o assim às classes altas. O rádio mantinha-se longe dos assuntos locais, nacionais e internacionais. E irradiava apenas óperas e músicas clássicas estrangeiras que alimentavam a elitista programação da época.

O antropólogo Edgard Roquette Pinto, considerado no Brasil um dos pais da radiodifusão, era contrário a este ideal e creditava ao rádio um poderoso elemento de difusão às massas de educação e de cultura. Roquette Pinto afirmava que: “O rádio é a escola de quem não tem escola”. (ARAÚJO, 2008)

O rádio, idealizado por Roquette Pinto para fins educativos, pouco podia fazer, já que os que mais necessitavam deste tipo de serviço não tinham condições financeiras para adquirir um aparelho receptor. Roquette Pinto afirmava ainda que “a programação radiofônica deve ter esta concepção diferenciada de comunicação. Precisa ser circular, ter a participação da sociedade”. (Idem)

Oposto a função que Roquette Pinto lhe conferia, o rádio na época:

[...] se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros. [...] Nasceu como empreendimento de intelectuais e cientistas e suas finalidades

eram basicamente culturais, educativas e altruísticas. (ORTRIWANO, 1985, p.86).

Edgar Roquette Pinto e Henrique Moritze, grandes entusiastas do rádio, em 1923 inauguram aquela que seria a primeira emissora de rádio AM do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada para atuar sem fins comerciais e com o objetivo explícito de levar cultura e informação à população.

Em relação à credulidade de funcionamento de estações de rádio no Brasil antes do funcionamento da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Ruy Castro (2008) conta uma experiência interessante que serviria para atrair a atenção dos formadores de opinião como no caso do jornalista Amadeu Amaral que após o ocorrido se tornaria um entusiasta da radiodifusão em São Paulo, como se percebe a seguir.

O poeta e jornalista Amadeu Amaral, secretário da Gazeta do Rio e cronista de O Estado de São Paulo, teve vontade de rir. Fora convidado por seu amigo Edgard Roquette-Pinto para ouvir uma transmissão experimental da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que este acabara de fundar. Roquette contara-lhe maravilhas do rádio, mas não o preparara para o espetáculo que o esperava.

Como todo mundo em 1923, Amadeu Amaral ouvira falar da nova invenção. Sabia que era uma forma de transmitir sons à distância, um misto de telégrafo com telefone, mas nunca escutara uma transmissão. Em sua fantasia, devia ser uma coisa de alta ciência, cheia de aparelhos complicados, daí sua surpresa ao adentrar a casa de Roquette, na Rua Vila Rica, em Botafogo, e deparar-se com um cenário de circo de cavalinhos.

Uma vara de bambu, plantada no jardim, servia de antena. Dela escorriam fios de cobre, que iam até a sala e se enfiavam numa bobina de papelão, a qual devia ser o aparelho. Deste saíam uma tomada de terra, comicamente ligada à torneira da pia, e em um fone comum, de telefone, para ser aplicado à orelha. Uma geringonça infantil, primitiva e precária. Amadeu Amaral achou graça: aquilo é que era o rádio?

Amadeu Amaral esperou o pior: iria escutar grunhidos, estalos e chiados, e, para não desagradar seu anfitrião, teria de dizer a Roquette que o rádio era mesmo a oitava maravilha. Olhou resignado para a engenhoca, aplicou o fone ao ouvido - e, em vez da cacofonia que imaginava, escutou os poemas e trechos de ópera que estavam sendo irradiados a quilômetros dali, na estação da Praia Vermelha. "Tudo tão perceptível como se os sons se originassem a dois passos. Aquela caranguejola ridícula funcionava maravilhosamente", ele escreveria entusiasmado em O Estado de São Paulo. (2008)

Imagine como seria ouvir pela primeira vez uma transmissão de rádio? As reações possivelmente iriam de curiosidade, encantamento e até desconfiança. Apesar de Amadeu Amaral ter duvidado de Roquette Pinto no início da experiência radiofônica citada acima, seus sentidos foram aguçados após sentir que os sons pareciam tão próximos que podia vislumbrar tocá-los e ele ficou deslumbrado.

A partir da instalação das primeiras emissoras de radiodifusão no Brasil, a história da sociedade nacional, que até então era relatada pelos jornais, revistas e documentos, passaria a contar com a nova tecnologia do rádio para o registro e a preservação de sua memória.

Óperas, concertos (na maioria das vezes de discos emprestados pelos ouvintes), palestras culturais, recitais de poesias, atividades com alto grau de erudição. O investimento na atividade radiofônica nesta época estava atrelado a um grupo de entusiastas apaixonados pelo novo meio de comunicação.

As associações ou Rádio-Sociedades cumprem um papel importante ao fundarem as primeiras emissoras do Brasil, mas, a proibição de publicidade nas transmissões, cria uma espécie de mecenato radiofônico que inviabilizava o surgimento de um número maior de estações de rádio no Brasil. De acordo com (Barbosa Filho, 2003, p.40):

[...] Muitos apreciadores que apostavam na potencialidade do novo meio se associavam e pagavam assinaturas. [...] Sem a instituição do campo publicitário nesse espaço, que era proibido pela legislação brasileira, as rádios eram mantidas por atividades privadas ou públicas. Havia, também, um apelo aos sócios para que ajudassem nessa tarefa.

O rádio era sustentado por doações de empresas privadas ou públicas, com mensalidades dos ouvintes que possuíam os aparelhos receptores e em alguns momentos por anúncios, que na época era uma prática irregular segundo a legislação daquele período.

O Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, viria regulamentar o Decreto nº 20.047, 27 de maio de 1931, instituindo o uso legal sobre a radiodifusão. Onde o artigo 69 deixa claro que,

O programa nacional é destinado a ser ouvido, ao mesmo tempo, em todo o território do país, em horas determinadas, e versará sobre assuntos educacionais, de ordem política, social, religiosa, econômica, financeira, científica e artística, obedecendo à orientação que for estabelecida de acordo com o disposto neste regulamento.

O plano e a fiscalização dos serviços de radiodifusão competem ao Ministério da Viação e Obras Públicas, cabendo ao Serviço de Publicidade da Imprensa Nacional a execução do programa nacional. O governo brasileiro é atraído pelo veículo, investe em sua expansão e define o rádio como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”. (BARBOSA FILHO, 2003, p.41).

No mesmo ano, o Decreto nº 21.111, autoriza a veiculação de propaganda pelo rádio, abrindo caminho para a auto-suficiência financeira, mas, tendo limitado sua manifestação, inicialmente, a 10% da programação. O rádio, a partir deste momento começa a ser pensado como uma atividade comercial viável.

As mudanças na economia do Brasil nesta década, principalmente o afluxo de capital estrangeiro notadamente a indústria elétrica e a indústria fonográfica transformariam o rádio no veículo de comunicação de massas e maior atração cultural do país, modificando hábitos e alterando significativamente o cotidiano das pessoas.

A década de 30 é bastante promissora com a fundação de várias emissoras no Rio de Janeiro então capital do Brasil, a Rádio Jornal do Brasil, cria diversos programas de notícias, e em 1936 é fundada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que foi a primeira em audiência por mais de vinte anos.

A direção educativa da programação das emissoras foi mudada com a inserção da publicidade. Apesar de proibidas na interrupção de atrações como conferências ou concertos, as inserções publicitárias passaram a ser alternadas por atrativos de apelo puramente popular. E novos elementos foram incorporados à grade de programação do rádio, como por exemplo, a execução de música popular e os famosos quadros humorísticos, atingindo desta forma seus ouvintes com maior eficiência na divulgação de produtos e serviços. As mensagens publicitárias passam a atingir um público cada vez maior, afastando-se cada vez mais do ideal educativo, proposto pelos primeiros homens de rádio do país e se aproximando cada vez mais das atividades comerciais visando tornar as emissoras auto-sustentáveis gerando lucro.

A competição pelos ouvintes criou um mercado que se apoiava em tantas mensagens publicitárias quanto fosse possível, sustentando as emissoras como se observa na afirmação de Ortriwano (1985, p.16): “Com a publicidade como suporte da programação, o objetivo principal passa a ser o de alcançar grandes audiências, mercado para os produtos anunciados.” Essa contenda por audiência tornou-se basilar para a sobrevivência das emissoras existentes no Brasil e neste momento o rádio como um todo, entra em sua etapa meramente comercial.

A revolução administrativa do estado brasileiro, instaurada por Getúlio Vargas na pós-revolução de 30, foi a ponta-de-lança desta mudança na radiofonia brasileira que perde sua condição de passatempo puramente elitista e migra ao grau de atividade exclusivamente comercial. E este contexto histórico transformou o rádio, de acordo com Ortriwano (Idem), em “[...] meio extremamente eficaz para incentivar a introdução de estímulos ao consumo”.

O sucesso comercial obtido pelo rádio pode ser relacionado ao fato de o país contar com um elevado número de analfabetos, que não entendiam os folhetos promocionais das empresas, pois não sabiam ler e as empresas então passaram a anunciar seus produtos através do rádio, pois todos aqueles que tinham acesso ao rádio no Brasil da década de trinta escutavam e entendiam as propagandas.

Mas, apesar da entrada de dinheiro advindo da crescente comercialização publicitária nas rádios que surgem no Brasil, a inadequação profissional era lugar comum. No início, as várias etapas da produção radiofônica era responsabilidade de um mesmo indivíduo, os chamados programistas⁵ que foram os primeiros profissionais do rádio brasileiro, pois além de comprar os horários nas emissoras, eram encarregados de conseguir patrocinadores, precisavam ainda produzir e apresentar estes programas.

Após revolução constitucionalista, ocorrida em São Paulo em 1932, o rádio demonstrava sua força no tocante a temas políticos, como um meio que catalisava e agregava em torno de si influências diretas sobre seus ouvintes. A rádio Record, como a primeira líder de audiência da história das rádios brasileiras é um bom exemplo desse poder de influência no rádio. Ao criar a discussão de temas políticos, por meio das palestras instrutivas, que direcionavam a opinião pública, não

⁵ Os programistas compravam determinados horários nas emissoras de rádio e produziam programas independentes com apoio financeiro dos espaços publicitários que conseguiam vender em forma de patrocínio, no princípio, para o comércio local.

passariam despercebidas pelos órgãos do governo que viram no rádio um instrumento de agregação nacional, mas, principalmente um irradiador dos ideais do governo recém-instalado no Brasil.

O rádio se atualiza mais ainda quando elimina a improvisação, pois muitos profissionais são contratados.

[...] introduzindo o 'cast' profissional e exclusivo, com remuneração mensal. A partir daí, começa a corrida e as grandes emissoras contratam 'a peso de ouro', astros populares e orquestras filarmônicas. E mesmo as emissoras de pequeno porte procuravam ter seu pessoal fixo. (ORTRIWANO, 1985. p. 17).

A partir da década de trinta, a profissionalização se evidencia e a programação é cuidadosamente analisada e preparada com antecedência. Gerencia-se o tempo de cada atração, e metamorfoseando a própria linguagem do rádio que se adapta e é mais simples do que a mídia impressa, aos poucos a radiodifusão vai se popularizando e sendo assimilada por um número cada vez maior de ouvintes.

A reformulação do rádio veio com as equipes que eram formadas de apresentadores, repórteres, locutores, redatores, radioescutas, vários editores e assistentes, pauteiros, enviados especiais, entre outros, e, com aparelhamento mais atualizados, começa a alcançar uma grande parcela da população do Brasil.

Os programas de auditório e as rádio-novelas passaram a ser patrocinados por empresas nacionais e internacionais, anunciantes como a Philips, Kolynos, GM, Ford, Siemens/Telefunken, além de anunciantes locais que vinculam suas marcas nos programas das principais emissoras do país.

Rompe-se a vinculação com o rádio educativo/cultural. Os receptores financiados pelos fabricantes estrangeiros a preços modestos popularizam seu uso às populações de baixa renda, aproximando-os cada vez mais do convívio com rádio. Estimulando e direcionando programações com vistas a alcançar grandes audiências e como consequência, o agregamento do modelo produzido no rádio norte-americano. Além disso, o rádio também teve influência na política com o programa *A hora do Brasil*, as propagandas eleitorais e os pronunciamentos dos presidentes da República que conseguiam alcançar já naquela época milhares de ouvintes e também de eleitores.

Numa relação do Rádio com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), percebe-se que, houve nesse momento a comunicação de fatos cotidianos, criou-se e fortaleceram formas identitárias, as notícias do front. Surgia assim o radiojornalismo no Brasil, sendo o Repórter Esso um marco dessa época. O rádio foi ágil na vanguarda.

o radiojornalismo cresce em importância durante a Segunda Guerra Mundial. No espírito da aproximação brasileira com os Estados Unidos, irrompe nos receptores o “Repórter Esso”, identificado por uma característica musical e textos de abertura que ficariam na memória de milhares de ouvintes em todo o país: - Prezados ouvintes, bom dia. Aqui fala o Repórter Esso, porta-voz radiofônico dos revendedores Esso, apresentando as últimas notícias. (FERRARETTO, 2001, p.127).

Porém, outra grande novidade da radiodifusão veio do segmento eletrônico, com a chegada em 1947 do transistor⁶, inventado pelos norte-americanos John Bardeen, Walter Brattain e William Shockley, ganhadores do Prêmio Nobel de Física, no ano de 1956. Foi a partir desta nova tecnologia que o rádio passa a ser ouvido em qualquer lugar e a qualquer hora, não precisando mais das tomadas, uma revolução no mercado. A radiodifusão se impôs por sua condição “Ao vivo” e é percebida por quem ouve desta maneira.

Em artigo publicado no Diário Carioca, Nenê Alcântara narra a afinidade do rádio com os ouvintes e as consequentes mudanças no comportamento e das práticas culturais:

[...] atualmente, porém, o centro de uma residência é determinado pelo rádio. É este que indica qual o ponto de reunião. Se o rádio estiver na sala de visitas, ali também estarão os habitantes da casa. Mude-se o aparelho para a sala de jantar e tanto Os moradores como as próprias visitas ali estarão a seu redor. Sem o rádio ninguém mais passa [...]. (ALCÂNTARA, 1937, p.46).

⁶ Apresentado ao mundo em 1947, o transistor, aos poucos, vai se tornando um componente essencial na montagem dos aparelhos de captação, edição e veiculação de sons, permitindo, graças as suas reduzidas dimensões, o lançamento de receptores portáteis sem a necessidade do uso de tomadas de força o que obriga, com o tempo, a aposentadoria dos rádios à válvula. (ORTRIWANO, op. Cit.. p. 22)

O rádio se transformou rapidamente em um instrumento fundamental na vida cotidiana da família, tendo inclusive um lugar de destaque na casa. Do meio de comunicação de difícil acesso, nos anos 1910, passou a ser indispensável na década de 1940.

[...] o rádio transformava a vida dos pobres, e, sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia o mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós, E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou outro modo de expressão em sons estava agora ao alcance deles. Surpreende, portanto, que um veículo desconhecido, quando a Primeira Guerra acabou, houvesse conquistado 10 milhões de lares nos EUA no ano da quebra da Bolsa, mais de 27 milhões em 1929 e mais de 40 milhões em 1950. (HOBBSAWM, 1995, p. 194.)

A programação do rádio foi se alterando no transcorrer dos anos, incorporando uma diversidade de estilos musicais, notícias e entretenimento, produzindo práticas culturais numa perspectiva de circularidade cultural (BURITY, 2002, p.16.) que transitava do erudito ao popular, modificando conceitos e elegendo preferências.

Os meios atuaram apresentando conteúdos para que as massas se reconhecessem, já que este era o período de constituição do massivo e, conseqüentemente, da própria idéia de massa. Por isso, nessa época o massivo refere-se à presença social das massas. Segundo Alcides Nascimento no Estado do Piauí: “na equipe de Leônidas Melo, existiam auxiliares que sabiam da importância do rádio pra divulgar o trabalho desenvolvido pelo Governo no sentido de construir um novo Piauí, um novo homem, um cidadão novo.” (2002, p. 55.)

A capacidade do alcance das transmissões radiofônicas foi ampliada, vários países passaram a transmitir em ondas curtas a partir de antenas direcionadas para os diversos continentes. O Brasil, por exemplo, passou a irradiar programas para a América Latina, Estados Unidos, Inglaterra e França.

Quase que simultaneamente, grandes líderes como Roosevelt, Hitler, Stalin e o brasileiro Getúlio Vargas descobriram a potencialidade do rádio. A importância política dada por Getúlio Vargas a este novo meio de comunicação pode ser demonstrada imediatamente a sua posse em 1930, ao projetar o rádio dentro de seus objetivos políticos e adotar medidas para solidificar o setor de comunicações e poder dialogar com a população através deste meio.

1.3 O uso político do rádio - os ideais do governo de Getúlio Vargas

Ao assumir o governo provisório da República, Getúlio Vargas quebrou de certa forma a oligarquia paulista, fechou o Congresso Nacional, as assembleias legislativas estaduais e os partidos políticos; e ainda destituiu os governadores, nomeando para os estados, pessoas de sua confiança - aqueles que ficariam conhecidos como *Interventores*.

Pelas ondas do rádio, que funcionava desde o início dos anos 20 o Brasil ouvia Getúlio. Um Brasil, cada vez mais industrial, mais urbano, bastante diferente daquele dos tempos da República Velha. O desempenho do rádio no período que seguiu à Revolução Constitucionalista exerce com eficácia o papel de irradiador e influenciador na discussão de temas nacionais.

O rádio foi um dos principais instrumentos usados por Getúlio Vargas como uma máquina de propaganda que interagiu e controlava vários setores do governo. Ao reunir algumas características bastante peculiares⁷ a radiodifusão sustentaria com bases bastante sólidas a fase histórica conhecida como *Era Vargas*. Segundo o pesquisador Othon Jambeiro (2003, p. 64).

Nenhum meio de comunicação foi tão utilizado politicamente como o rádio. Foi através das transmissões radiofônicas oficiais que o governo conquistou a popularidade necessária para manter por tanto tempo um sistema ditatorial no país.

⁷ **Oralidade:** Baseado no som, o rádio tem na oralidade uma de suas principais características. Voz, efeitos sonoros, som ambiente etc, conferem ao rádio uma personalidade e uma característica de proximidade e companhia, àqueles que o utilizam.

Sensorialidade: O rádio tem a capacidade de levar o ouvinte à visualização do relato feito pelo radialista. O ouvinte vai construindo a imagem mental do que ouve. *“Quem faz textos e comentários para o rádio escolhe as palavras de modo a criar as devidas imagens na mente do ouvinte e, assim fazendo, torna o assunto inteligível e a ocasião memorável”* (McLEISH, 2001, p.16).

Grande poder de penetração geográfica: Exponencialmente, as ondas eletromagnéticas radiofônicas ultrapassam as fronteiras físicas e se instalam no cotidiano de um número potencialmente maior de usuários, do que aqueles atraídos por outros meios de comunicação.

Imediatismo e Velocidade: a mensagem radiofônica não pode ser apreendida em outro momento que não o da transmissão. Como sua transmissão é majoritariamente feita ao vivo, tanto no instante em que ocorre o fato narrado como no estúdio de transmissão, não há possibilidade de “volta” para que o ouvinte entenda a mensagem que perdeu. O rádio pode acontecer no momento em que transmite a informação, sem grande necessidade de um aparato técnico complexo. *“Imagens e sons são transmitidos por todo o mundo, trazendo qualquer evento de qualquer lugar para o nosso imediato conhecimento”* (McLEISH, 2001, p. 16).

Getúlio Vargas cooptou as massas fazendo inclusive o uso da propaganda ideológica para criar uma sociedade ideal, cujas diferenças fossem anuladas dentro do seu projeto estadonovista e onde, os meios de comunicação desempenharam um papel preponderante no processo de planificação cultural.

Esta afirmação denota que Getúlio Vargas investiu primeiro no rádio, e depois colheu os lucros. Nota-se ainda, que o crescimento do rádio se deu simultaneamente ao crescimento da popularidade de Vargas. Afinal, Vargas soube manipular enquanto governante as ondas radiofônicas, criando um canal direto de comunicação com os ouvintes/eleitores.

Getúlio Vargas foi retratado pelo rádio através de intensa propaganda, distribuídas através de verbas públicas, por eloquentes discursos, notícias do governo, jingles e até sátiras. Todo esse bombardeamento de informações que se verifica durante a gestão de Vargas, serviu para criar no imaginário popular uma noção de aproximação com o presidente Getúlio Vargas.

O governo controlava e censurava as transmissões radiofônicas, o conteúdo, a propaganda utilizada nas décadas de trinta e quarenta. E esta condição criou um caminho de mão dupla, pois se por um lado, as concessões de rádio eram de caráter privado, do outro sofriam controle por parte do estado que tinha direito de acordo com a legislação da época de liberação ou cassação das mesmas. De acordo com (Calabre, 2002, p.12)

O rádio brasileiro estabeleceu-se a partir de uma dupla determinação: um veículo de comunicação privado, portanto subordinado às regras do mercado econômico, mas, ao mesmo tempo, controlado pelo Estado, que é responsável tanto pela liberação da concessão para o funcionamento das emissoras (normalmente por um período de dez anos renováveis) quanto pela cassação das mesmas, caso haja desrespeito às leis do código de comunicação em vigência.

Este controle era feito pelos órgãos estatais, com o apoio da polícia, existia uma vigilância exagerada por parte desses órgãos de controle, que estavam dispostos a entrar em ação a qualquer momento controlando assim toda e qualquer tentativa de resistência ao governo varguista que se firmou a partir da década de 30.

Progressivamente, Vargas, personalizando demasiadamente a história implanta e implementa órgãos de controle estatais da atividade radiofônica no Brasil. Entre os

departamentos criados podemos citar: Departamento Oficial de Propaganda - DOP, transformado posteriormente em Departamento de Propaganda e de Difusão Cultural, concomitantemente surgido com o programa radiofônico A Voz do Brasil.

Em seguida, Getúlio Vargas cria o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, órgão ligado diretamente à presidência da república, cuja missão principal de acordo com (Ortriwano, 1985, p.18). Era “a fiscalização e a censura não só do conteúdo das programações radiofônicas, como as do cinema, teatro e jornais”. Assim, Vargas pretendia controlar o que era falado e como era falado.

O Decreto 24.655 de 11 de julho de 1934 teve a intenção de instituir os critérios de concessão para a radiodifusão no Brasil, bem como fiscalizar e executar as disposições contidas no decreto. Determina abertamente o interesse econômico do estado no setor de radiodifusão, como se pode verificar no parágrafo único do seu art. 1º: “O Governo poderá desapropriar os serviços das concessionárias ou permissionárias, para o fim de executá-los, diretamente, ou por nova concessão a terceiros, nacionais, neste caso mediante concorrência pública, sob a condição de participar dos lucros”. Além disso, como aponta JAMBEIRO,

Percebendo o efeito que o novo veículo provocava, as autoridades revolucionárias começaram a se preocupar com a sua regulamentação definindo, então, a radiodifusão como de interesse nacional e de finalidade educativa. (2003, p.49).

O Departamento de Correios e Telégrafos assume a responsabilidade pelo controle da Rede Nacional de Radiodifusão, contido no Art. 2º: “A Rede Nacional de Radiodifusão será constituída pelas estações existentes e pelas que vierem a ser instaladas, ficando a sua direção a cargo do Departamento de Correios e Telégrafos.” Como já foi dito, o estado assume a condição de controle da expansão radiofônica, função que lhe permitia expandir o seu olhar panóptico, além disso, influenciara numa prática comum nos meios de comunicações, a autocensura.

A Rádio Nacional (1936) é uma das primeiras emissoras da história da radiodifusão brasileira a caminhar em direção a uma estrutura extremamente burocrática e organizada. No bojo de sua programação, *A Voz do Brasil*⁸ fortalecia

⁸ O mais tradicional noticiário de rádio do país e começou a ser veiculada no dia 22 de julho de 1935, no governo Getúlio Vargas, com o objetivo de levar informação jornalística diária, sobretudo do Poder Executivo, aos mais distantes pontos do país. Sua primeira edição foi apresentada pelo

estrategicamente a divulgação do regime Vargas vista já em pleno funcionamento no país. A partir de 1935 o governo Vargasista através do Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP torna obrigatória a retransmissão do programa *A Voz do Brasil* por todas as emissoras radiofônicas brasileiras.

O sinal da Rádio Nacional alcançava todo o território nacional e conseguiu a façanha de atingir os continentes africano e norte-americano. Além disso, seus números impressionam como afirma Ortriwano (1985, p.18):

A gigantesca organização valia-se de dez maestros, 124 músicos, 33 locutores, 55 radiadores, 39 radiatrizes, 52 cantores, 44 cantoras, 18 produtores, 13 repórteres, 24 redatores, quatro secretários de redação e cerca de 240 funcionários administrativos.

Exercendo papel central nos acontecimentos, o rádio ocupava na vida social do Brasil de então a posição de relevância, como destaca O Radionauta,⁹ “[...] O rádio era o centro de tudo: todas as coisas acabavam de uma forma ou outra, ligadas ao rádio, disseminadas pelo rádio, tratadas pelo rádio, influenciadas pelo rádio”.

Programas como eleição da Rainha do Rádio¹⁰ demonstram claramente esta importância que o rádio tinha na vida do brasileiro, pois mobilizada todo o país, inclusive criava partidários que dividiu o país entre as várias candidatas. Além disso, havia uma grande quantidade de revistas especializadas em rádio como, por exemplo, as Revista do Rádio e a Radiolândia. Outro exemplo desse impacto das emissoras de rádio no cotidiano dos brasileiros está relacionado ao número impressionante de cartas deste período, recebidas pela Rádio Nacional “Quase oito milhões”.¹¹

Getúlio Vargas se propõe a criar uma imagem positiva de seu governo, por isso pretende espalhar emissoras de radiodifusão e aparelhos receptores, além de amplificadores em todo território nacional. Nesta perspectiva o Estado Novo e Getúlio Vargas são apresentados como os responsáveis pela reabilitação do

locutor Luiz Jatobá. Naquele período, chamava-se Programa Nacional. De 1934 a 1962, era levado ao ar com o nome de Hora do Brasil. A transmissão obrigatória do programa por todas as emissoras de rádio do país, em rede nacional, iniciou-se após 1938.

⁹ **A história do rádio.** Disponível em <www.bn.com.br/rádios-antigos/rádio.htm>. Acessado em 17/04/2008.

¹⁰ Os concursos de Rainha do Rádio, realizados entre 1936 e 1958, os quais estimularam o consumo de revistas, discos, bem como a formação dos chamados fãs-clubes.

¹¹ **História do Rádio.** Disponível em <www.microfone.jor.br/história.htm>. Acesso em 17/12/2007.

trabalhador e do país, tendo Vargas inclusive neste período sido alcunhado de *Pai dos pobres*.¹²

De acordo com o Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (2001, p.485):

[...] a primeira vez em que o rádio foi utilizado como veículo direto de propaganda política no país foi no então Distrito Federal pela Rádio Clube do Brasil, no dia 02 de janeiro de 1930. Na ocasião, a emissora transmitiu o primeiro grande comício da Aliança Liberal, ocorrido na Esplanada do Castelo, durante o qual Getúlio Vargas apresentou a sua plataforma eleitoral.

É a partir do final da década de vinte que as emissoras de rádio estréiam seu entrelaçamento com a política e a radiodifusão demonstra a sua força como propagador e formador de opiniões políticas ao apoiar ou não determinados candidatos durante as eleições.

É mister ressaltar que embora o rádio tenha realmente alcançado força de expressão sociológica basicamente a partir de meados da década de 30, mais especificamente a partir de 1933, considera-se que já a partir do final da década de 20, cada vez mais o rádio passou a atuar como agente de propaganda política, ideológica e cultural. (NASCIMENTO, 2002, p. 44).

Devido à sua instantaneidade e a penetração horizontal (atingindo todas as classes sociais), o rádio ia ao encontro das necessidades do governo, o veículo atingia dos grandes centros às regiões menos desenvolvidas e mais afastadas. E essa abrangência era crucial para o projeto estadonovista proposto por Vargas e por essa razão, o rádio passou a ser considerado de interesse nacional e de finalidade educativa.

A política de alargamento econômico e o processo de desenvolvimento do governo Vargas descobriram no rádio um extraordinário aliado. Afinal, o rádio apresenta um enorme poder, o poder agregador. Por isso, tornou-se um dos mais fortes instrumentos para a mobilização das massas, enquanto criava através de

¹² Getúlio Vargas implementou, pela 1ª vez na História do país, uma abrangente política de direitos sociais e trabalhistas, algumas destas antigas reivindicações das classes populares brasileiras. Além disso, ao longo do Estado Novo essas realizações foram sistematicamente divulgadas por um aparato de propaganda de massas que prestaram um verdadeiro "culto à personalidade" do então ditador. Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/htm/dhbb_faq.htm#rep_1_3. Acessado em 16/06/2008.

suas ondas eletromagnéticas a padronização de valores, gostos e crenças. De 1932 a 1937, foram inauguradas 42 novas estações, passando o país a possuir 63, quantidade que pulou para 111 em 1945, quando chega ao fim o Estado Novo.

1.4 Os antecedentes do rádio parnaibano : as amplificadoras

Em Parnaíba as pesquisas realizadas apontam que as primeiras experiências do uso dos meios de comunicação de massa remetem ao uso das amplificadoras ou como também eram conhecidas como “serviços de alto-falante”. Alguns locutores de rádio iniciaram suas carreiras nas antigas amplificadoras, como no caso do locutor da Rádio Educadora Jaime Lins Solano Lopes ao afirmar em entrevista ao Professor Francisco Alcides do Nascimento que,

[...] a minha universidade entre aspas o meu microfone como eu disse de início era coisa muito difícil ter o ingresso no rádio, eu comecei no serviço de alto falante naquele tempo pela escassez das emissoras de rádio principalmente no Piauí falei aqui de cinco emissoras era comum se ver praticamente em cada bairro uma amplificadora, um alto falante, um mastro, um projetor de som, um estúdiozinho improvisado e ali estava uma amplificadora naquele bairro [...]. (2003, p.4)

Estas amplificadoras faziam propaganda e divulgavam notícias de interesse geral, mas, com alcance bastante reduzido. Era inclusive corriqueiro também transmitirem as festividades que ocorriam nos bairros onde estavam instaladas. Esse meio de comunicação destinado a acanhados agrupamentos urbanos cumpria bem o seu papel na cidade de Parnaíba.

Como se pode constatar, antes da criação da PRKK, os alto-falantes cumpriram papel de destaque nos pronunciamentos de massa em Parnaíba, inclusive para a comunicação da prefeitura com os munícipes parnaibanos.

Em dois pontos da Praça da Graça como é demonstrado nas imagens abaixo foram instaladas as “bocas de ferro” - como eram conhecidas popularmente as

amplificadoras, na primeira imagem a amplificadora¹³ está estrategicamente instalada sobre a pérgula, local onde normalmente se reunia a população para as mais variadas finalidades, na segunda imagem um poste de madeira fincado na parte norte da praça serve de torre para amplificar ainda mais os sons que eram irradiados a partir de um estúdio que fora instalado numa das dependências da prefeitura que funcionava na época em frente à Praça da Graça.



Fotografia 01 - Amplificadora Municipal instalada na Praça da Graça em 1935
Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940 p. 244.

A escolha de Praça da Graça como local de instalação da amplificadora municipal se deve ao fato de a praça ser transformada no lugar de encontro de toda a sociedade, é o lugar para onde se desloca os moradores da cidade, uma vez que é em torno dela que estão localizados: o cinema, os bares mais frequentados, a igreja matriz, sem falar dos shows que ali eram realizados.

¹³ O sistema de alto-falantes não é um meio desconhecido. Segundo Magali Noriega e Helena Pinilla (1984, p.58), o sistema de transmissão de alto-falantes é um tipo de transmissão local de curto alcance, cujo uso generalizou-se vertiginosamente em praças, mercados, paróquias, vilas e favelas, locais comunitários, escolas e colégios. Encontram-se principalmente nas periferias das grandes cidades e em algumas zonas rurais que contam com serviço de eletricidade. Seu alcance depende da qualidade, potência e estado dos aparelhos, como também das condições de sua instalação e das características geográficas do lugar. Isto limita amplamente a recepção das mensagens e exige por parte da equipe responsável cuidar da instalação dos aparelhos e da qualidade do som. Devido às características e simplicidade do equipamento, o sistema de alto-falantes constitui um meio de comunicação de fácil manejo para pessoas não especializadas. Faz muito tempo o sistema de alto-falantes é utilizado para cobrir necessidades informativas e promocionais, educativas e recreativas.

Era na Praça da Graça onde os jovens se encontravam para trocar as primeiras olhadelas e, às vezes, entabular namoros, que poderiam se transformar em noivados e casamentos. Sendo, portanto o foco central do entretenimento da cidade. As amplificadoras ajudavam bastante estes encontros, funcionando como uma espécie de cupido, pois, era comum que os jovens enviassem mensagens com declarações amorosas seguidas de uma bela canção oferecida ao seu pretendente.

As praças são referências históricas no contexto das cidades e as perdas dessas referências afetam, sua singularidade e principalmente sua sobrevivência. E a Praça da Graça possui referências bastante presentes na memória de Parnaíba. Durante as pesquisas, a maioria dos entrevistados sempre associaram a alguma experiência ou fato de sua vida à Praça da Graça e isso nos fez perceber o quanto a praça foi importante para o parnaibano. Afinal o lazer em Parnaíba convergia para a Praça da Graça: Cine Éden, o Cine Ritz, o Cassino 24 de Janeiro, a AABB, as festas cívicas e populares, a missa aos domingos na igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças.

Em Teresina, de acordo com Solon (2007 p.31), era na praça Pedro II que ocorriam estas manifestações afetivas que passaram a fazer parte do cotidiano da cidade, pouco tempo depois de Parnaíba,

[...] a Praça Pedro II, à noite, passava a ser ponto de encontro da juventude teresinense, de todas as classes sociais. Atendendo a pedidos, o locutor da amplificadora que ali funcionava mandava mensagens românticas às moçoilas, às quais eram oferecidas músicas, mediante pagamento. Sobre a programação da amplificadora em que ele trabalhava, havia espaço para comentários sobre música, cinema, teatro, esporte, noticiário e prestação de serviços, com avisos diversos para a população.

O cotidiano da Praça da Graça resiste na memória daqueles que viveram nos anos 30 em Parnaíba, afinal de contas a Praça da Graça era o ponto de encontro dos casais; alguns tipos de negócios se resolviam na Praça da Graça. Em alguns dias específicos da semana, várias pessoas saíam de casa com destino a praça. Esta, então se transformava em um lugar de diversão, geralmente às quartas-feiras, sábados e domingos. Dessa maneira, “O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. [...]”

Diversamente do lugar, não tem, portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um 'próprio'". (CERTEAU, 1994, p. 202).

As memórias que evocam a Praça da Graça atestam que, os passeios eram verdadeiras vitrines e servia de passarela para os jovens. Era o local de lazer mais procurado por todos principalmente na juventude. Com o objetivo de iniciar relacionamentos fortuitos, namoros ou simplesmente jogar conversa fora. Ao som da amplificadora no centro da praça, moças e rapazes volteavam sem parar, procurando o par ideal.

[...] mas, imaginem, uma antiga e bela praça, onde tinha uma bela e monumental pérgula, ponto de encontro dos namorados. É canto romântico de tantos casamentos. Enquanto uns preferiam dar mais voltas ao redor da praça e saber das "Presepadas", outros prefeririam ficar sentados na pérgula. Ah! Progresso, porque levar esta nossa pérola, com a sua tartaruginha tão nossa amiga, com os seus bugavilles lhe adornando. Tu ficarás para sempre em nossas lembranças. (FREITAS, 1994, p.03)

Nos finais de semana o cenário ao redor da praça era mais convidativo ainda. Havia sessões no Cine Teatro Éden ou mesmo as famosas tertúlias realizadas na AABB localizada ao lado da praça que alegravam este espaço de sociabilidades público. Devido à tradição e os valores morais da época, após as 21 horas quando não havia tertúlia na AABB, a moça que se prezava não mais circulava neste local, sob pena de ficar malvista e mal falada na sociedade.

Além disso, a Prefeitura Municipal de Parnaíba incentivava o uso das amplificadoras que facilitavam as relações entre o poder público e a população que pode ser confirmado a partir deste discurso encontrado no (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940, p. 244).

O rádio é hoje, a voz que todos devem ouvir. Por esse motivo, do plano de educação popular do governo municipal de Mirócles Vêras constou, a instalação de uma Amplificadora, a qual foi inaugurada em julho de 1935.

E é através de seu microfone que o povo vem ouvindo e apreciando, há três anos, as locuções cívicas, palestras sobre ensino, conferências literárias e até a marcha dos negócios públicos, no seu conjunto e nos seus pormenores.

O sistema de amplificadoras era utilizado principalmente para informar sobre atividades culturais, recreativas, e festas locais, dinamizar as manifestações culturais e divulgar o trabalho dos artistas locais, usados para entreter, entrevistar os moradores, promover festivais, concursos, enviar cumprimentos, etc.

Nesta época, Parnaíba era dominada por uma elite comercial e política que construiu ferramentas visando alcançar objetivamente um tom disciplinador. Com base em saberes médicos, de engenharia, sanitários, administradores das cidades e intelectuais constroem discursos “civilizadores”, reguladores desta sociedade, havia toda tradição baseada no poder político e econômico.

Em primeiro lugar é possível ressoar deste discurso um tom disciplinador em relação ao rádio quando a prefeitura diz que “todos devem ouvir”, depois é bastante perceptível, a multiplicidade de usos da amplificadora que no início da década de trinta era um meio poderoso de informação largamente empregado pelo poder público, de educação, de cultura e ainda de entretenimento.



Fotografia 02. Prefeito Mirócles Veras discursando na Amplificadora Municipal.
Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940, p. 244.

Em Teresina, a instalação de amplificadoras na mesma época, também tinham este caráter dinamizador de relações sociais e de mudanças de comportamento que pode ser comprovado a partir desta afirmação,

[...] as amplificadoras tornaram-se importantes veículos de comunicação para o comércio local, bem como meio de acesso à informação e programas humorísticos locais e à música produzida

nos grandes centros urbanos, que já viviam a Era de Ouro do rádio. (SOLON, 2007 p.28-29)

O uso comercial das amplificadoras, garantia sua sobrevivência apesar de não existir ainda uma legislação específica para seu funcionamento. Na cidade de Parnaíba em 1935 as amplificadoras cobravam por todo e qualquer anúncio, de um pedido de música para alguém, até os anúncios para atender principalmente a demanda do comércio local, que não contava ainda com uma estação radiofônica para divulgar seus produtos.

A presença das amplificadoras em Parnaíba a partir de 1935¹⁴ favoreceu bastante a criação de uma estação de rádio, afinal o modelo de programação de uma amplificadora se assemelha em muito ao de uma estação de rádio.

1.5 Memórias que registram o nascimento da emissora de forma a acidental

Alguns autores piauienses,¹⁵ atestam a forma acidental e clandestina do surgimento da primeira rádio em todo território do Piauí. O Professor Francisco Alcides do Nascimento, por exemplo, em seu livro “A cidade sob fogo”, fruto de sua tese de doutorado (2002, p. 55–56) afirma que, “a primeira emissora de rádio piauiense a cortar os ares deste território fez-se de forma clandestina a partir de 1937. Devido às condições mencionadas foi fechada em 9 de julho daquele mesmo ano”.

Na dissertação de mestrado da UFPI defendida por Daniel Vasconcelos Sólón O ECO DOS ALTO-FALANTES (2006 p.23) há indicações desta acidentabilidade e clandestinidade quando informa que:

¹⁴ De acordo com o ALMANAQUE DA PARNAÍBA de 1938 (p.147), em 1935 começaram a funcionar as primeiras amplificadoras na cidade de Parnaíba que foram se espalhando gradualmente de acordo com a demanda de energia elétrica e dos interesses de algumas firmas comerciais que as utilizavam para atrair possíveis compradores. Estas amplificadoras se concentravam inicialmente apenas no centro da cidade devido o alcance reduzido de distribuição elétrica.

¹⁵ Ver: Nascimento, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002; Sólón, Daniel Vasconcelos. **O ECO DOS ALTO-FALANTES**: Memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX; LIMA, Nilsangela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3**: Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 - 1962).

[...] uma brincadeira de jovens em Parnaíba transformou-se na primeira experiência de radiodifusão que se tem notícia no Piauí, abrindo caminho para a inauguração, poucos anos mais tarde, da Rádio Educadora de Parnaíba (PRJ-4), a primeira estação piauiense.

Ainda sob esta perspectiva, Nilsangela Cardoso Lima (2006, p.12), informa em sua dissertação de mestrado (UFPI) que, “[...] a cidade de Parnaíba vibra na mesma frequência que a do transmissor”.¹⁶ Entrava no ar, em 1937, a PRKK - Rádio 3 Cocos, que oficialmente três anos depois receberia o nome de Rádio Educadora de Parnaíba.

Existe uma vinculação entre as afirmações destes autores, e este interligamento se afunila na hipótese de que, a memória reconstruída da Rádio Educadora de Parnaíba foi formada e pensada a partir de uma acidentabilidade contínua. Uma das propostas de trabalho desta pesquisa é descobrir de que forma a Rádio Educadora de Parnaíba havia surgido e me aproximar ou distanciar destas afirmações acadêmicas.

No decorrer das pesquisas para a produção deste trabalho em jornais e Almanques da Parnaíba e, através ainda de entrevistas, foi-se reconstruindo o percurso traçado pelos sujeitos que são apontados como precursores do primeiro sistema de radiodifusão do estado do Piauí: Alcenor Madeira, Euvaldo Carvalho e Ramiro Santos Pinto que ocorre na cidade de Parnaíba, percebe-se que a hipótese apresentada pelos autores sobre o tema, assinala que o nascimento da primeira rádio do estado Piauí, na cidade Parnaíba teria ocorrido de maneira acidental.

Quando do aprofundamento nesta temática percebeu-se que a hipótese aponta para um nascimento acidental, mas é atravessado também por uma **Intencionalidade**, ou seja, para um desejo de continuidade, tendo inclusive de vencer todos os obstáculos – que eram recheados de sacrifícios - para concretizar a idéia inicial.

Para comprovar esta afirmação, nos apoiamos em documentos produzidos na década de 1940, como por exemplo: O Livro do Centenário de Parnaíba,¹⁷ organizado por Benedicto Jonas Correia e Benedicto dos Santos Lima em 1945. Este livro se propunha em reunir uma coletânea das instituições públicas ou

¹⁶ NEVES, B. Op. cit., p.8.

¹⁷ CORREIA, Benedicto Jonas, LIMA, Benedicto dos Santos. **O livro do Centenário de Parnaíba: documentário da cidade.** Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.

privadas que de acordo com os autores representavam com algum grau de importância política, cultural, social ou econômica que existiam na cidade e contribuíram de forma ampliada na caracterização da cidade, no capítulo VIII que conta um pouco da história da Rádio Educadora encontra-se o seguinte teor (p. 183),

Euvaldo Carvalho, rádio-técnico em Fortaleza, veio para Parnaíba, e instalou uma oficina para reparos em aparelhos de rádio-recepção, numa dependência do escritório de Alcenor Madeira, que negociava com a venda de rádios-receptores. Pobre de instrumentos e material, necessários aos serviços da oficina, faltava um oscilador para a calibragem dos rádios. Euvaldo pensou em construir um destes instrumentos com material de "socata" (expressão da gíria do rádio que significa material velho abandonado). Construído o deficiente oscilador de radiofrequência, Euvaldo e Alcenor iniciaram as tentativas para calibrá-lo, e levantar a sua curva de frequências. Quando das experiências de calibragem do rudimentar aparelho de fabricação de Euvaldo e Alcenor, notaram eles que o oscilador estava extraordinariamente potente para o fim a que se destinava, pois a sua onda causava interferências nos receptores vizinhos. Foi então quando de ambos os experimentadores surgiu a lembrança de adaptar uma antena ao oscilador, o que foi feito imediatamente. Logo depois, Euvaldo saiu percorrendo as casas da vizinhança e com satisfação notava que uma intensa onda de radiofrequência estava chegando em todos os receptores. Quiseram ver até onde estava chegando a onda do oscilador, mas isto era impossível, sem ter qualquer coisa que caracteriza a onda, ou melhor, que a identifica. Euvaldo então propôs que se transformasse o oscilador num verdadeiro transmissor, com a construção de um modulador próprio, com uma antena em ordem, etc. Nessa ocasião, já Ramiro Santos Pinto, que fazia os serviços de instalações de antenas nos rádios vendidos por Alcenor e consertados por Euvaldo, foi chamado para os "pesados serviços" de construção de uma antena em regra, e ajudar nos enrolamentos dos "de grande responsabilidade", transformadores e choques de filtro para o modulador. Estávamos, então, em setembro ou outubro de 1937. Dentro de poucos minutos estava desmanchado o oscilador e Euvaldo, Alcenor e Ramiro se empenhavam na construção do grande transmissor.

A citação acima serve para demonstrar e confirmar a hipótese de que houve realmente uma **intencionalidade**, uma continuidade a partir do projeto iniciado com o "acidente" que deu origem à Rádio Educadora de Parnaíba em 1937.

Logo Euvaldo deu uma vista d'olhos aos aparelhos sobre a sua banca de trabalho e ordenou a Ramiro: "Tire o transformador de força deste PHILCO; os eletrolíticos deste PHILIPS; o condensador variável deste RCA VICTOR; as válvulas nós escolheremos dentre as melhores de todos eles".- Foi então quando Alcenor perguntou a Euvaldo: "E que você dirá aos donos desses rádios?"- Euvaldo respondeu: "Não se importe com isso, quando a estação estiver no ar tudo se arranjará". E os donos dos rádios, como dissemos, deram então a sua primeira e grande contribuição para a PRJ4, sem o saberem, e hoje, é verdadeiramente lamentável que nenhum registro tenha ficado de seus nomes, pois naturalmente estariam inscritos entre os benfeitores da rádio parnaibana.

Completo o material, feitas as adaptações necessárias, foi tudo montado num dia, sobre um chassi de rádio velho, e a noite lá estava no ar aquilo que o povo chamou de "PRKK - Rádio 3 Cocos", transmitindo discos. Com Euvaldo ao microfone, com aquela sua voz metálica, a chamar os botequins da cidade, pedindo café e guaraná. E ninguém deixava de atender ao apelo, De toda parte os telefonemas surgiam com frequência. Chegavam as primeiras palavras encorajadoras. A cidade vibrava na mesma frequência do transmissor. (Idem)

O imprevisto na construção do transmissor e a participação involuntária dos donos de rádios por consertar que se encontravam na oficina, demonstram que o desafio e os obstáculos vencidos indicam um desejo intenso de pôr em funcionamento uma rádio na cidade de Parnaíba.

A trama que se desenrola a seguir em torno da história da Rádio Educadora de Parnaíba informa em seguida que,

A seleção do material coube a Euvaldo, que escolheu o circuito, com uma válvula 6F6 oscilando, excitando uma 6L6 para amplificadora final de potência, com uma modulação de duas 6F6 em "push-pull". Desenhado o circuito Euvaldo dizia contente a Ramiro e Alcenor. "Amigos, com um transmissor destes, na onda de 31 metros, nós vamos chamar Floriano!" Material não havia, como dissemos. E foi então que surgiram os primeiros abnegados e sacrificados pela rádio-difusão no Piauí e que hoje ainda, pobres deles, se conservam no enaltecido anonimato: os que tinham rádios na oficina do Euvaldo para serem consertados. (CORREIA; LIMA, 1945, p. 183).

O que se percebe à primeira vista, a partir deste discurso é que, antes mesmo da iniciativa que daria origem a Rádio Educadora, já havia na cidade uma oficina para conserto de rádios, denunciando, portanto, a existência - ao menos expressiva,

de indivíduos que adquiriam estes aparelhos receptores de rádio - que eram bastante caros na época - em Parnaíba¹⁸.

Em seguida é possível observar que o mesmo autor sugere ainda uma acidentabilidade, que um fato incomum dentro de uma oficina, desencadeará acontecimentos que segundo o autor, “Sem nunca imaginar que o rearranjo daqueles restos de material eletrônico iniciaria uma verdadeira revolução nos costumes, hábitos, enfim no cotidiano da cidade Parnaíba”. (Idem, p. 185).

Desta experiência que segundo o livro marca uma verdadeira revolução nos costumes da cidade é possível perceber que com o aparecimento e sua popularização, o rádio enquanto veículo implicou na criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas comercialmente de vender produtos ou culturalmente de criar modas para os consumidores, como também de mobilizar as massas, criando as condições para a padronização de valores e gostos.

Vale ainda ressaltar que na década de 30 e início de 40, possuir rádio era sinônimo de modernidade e progresso como afirma (LIMA, 2007, p.32) “O aparelho receptor tornava-se indispensável aos lares modernos, enquanto que para as cidades, a presença de uma emissora radiofônica denotava que a cidade estava na via do progresso e da modernização”.

Esta idéia de modernidade que em Parnaíba na década de 30 assume uma dimensão bastante particular pode ser percebida através da propaganda de venda de rádios que ocorre antes da instalação da PRKK - Rádio 3 Cocos. A Sociedade Ericsson do Brasil tinha 59 filiais no mundo distribuídas em 24 países e no Brasil havia 21 agentes nas “cidades mais importantes da República” segundo a propaganda, Parnaíba é considerada então, pela empresa uma destas cidades.

Este anúncio abaixo cria a atmosfera de modernidade na qual passa Parnaíba neste momento, principalmente com a produção e beneficiamento de cera de carnaúba um dos carros-chefe da economia local. Com vendas principalmente para

¹⁸ Dados estatísticos (**Almanaque da Parnaíba**, 1941, p.286) indicam que em 1941 a cidade de Parnaíba contava então com 22.571 habitantes e sua produção agrícola era de 1.101382\$000, se compararmos estes dados com a cidade de Teresina no mesmo ano veremos que foi da ordem de 1.282.910\$000 com uma população de 35.254 (Idem, p. 349) habitantes, portanto mesmo com uma população 50% maior que Parnaíba, Teresina sendo então a capital, não demonstrava potencial agrícola superior. Além disso, as exportações de cera de carnaúba, couros, peles e bagas de mamona que só se verificavam em Parnaíba atingiam o volume de 20.259361\$000.

o exterior, notadamente Europa e Estados Unidos a cidade de Parnaíba experimentou na década de trinta um “boom” econômico que lhe proporcionou conhecer e se apropriar destas maravilhas tecnológicas.



Fotografia 03 - Propaganda de venda de Rádios.
 Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1938 p.267.

Para compreender este momento é necessário discorrer sobre a economia que apresentava franco crescimento e pode ser avaliado através dos sete bancos e agências bancárias que funcionavam na cidade durante a década de 1930 (ALMANAQUE DA PARNAÍBA 1939, p. 269), número bastante expressivo para uma população urbana que oscilava entre 25 e 35 mil habitantes.

O prolongamento da estrada de ferro de Parnaíba até a cidade de Piri-piri, que ficava 180 km de distância e que se interligaria à capital Teresina, facilitaria enormemente o escoamento dos produtos importados, que chegavam a todo o

momento no Porto Salgado – principal porto da cidade, pode ser um outro bom indicador do momento experimentado pela economia parnaibana.

Além disso, o ALMANAQUE DA PARNAÍBA 1940 (p. 378) divulga uma nota atribuída ao jornal Correio da Manhã em que o estado do Piauí foi apontado como o oitavo maior exportador do Brasil no ano de 1939 com 25.280 Contos de Réis, superando estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Mato Grosso e Espírito Santo dentre outros e que as firmas de Parnaíba, Roland Jacob e James Frederick Clark & Cia Ltda, foram as maiores responsáveis por estas exportações. O mesmo Almanaque (p.351) enfatiza que “4.700.000 quilos aproximados de cera de carnaúba foram exportados do Piauí pelo porto de Parnaíba”.

Estes números demonstram certa importância econômica da cidade¹⁹ que culminariam por chamar a atenção e criar as condições de instalação de uma empresa multinacional como a Ericsson, os rádios vendidos pela empresa são consertados na loja do senhor Alcenor Madeira. E em 1940, ano em que é inaugurada a Rádio Educadora de Parnaíba, é instalada também uma empresa de telefonia dotada de equipamentos comprados pela Ericsson.

Moderniza-se a cidade ajardinam-se suas praças. As ruas são calçadas e arborizadas, a limpeza pública se estende aos subúrbios, restabelecem-se os serviços de higiene, constroem-se o mercado de frutas, faz-se completa reforma da Usina de Luz Elétrica e de sua rede de iluminação, concluem-se e inaugura-se o Leprosário. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1938, p. 168).

Quando das primeiras experiências com a radiodifusão do Piauí em meados de 1937 a cidade de Parnaíba contava com aproximadamente sessenta mil

¹⁹ Dos 47 municípios pesquisados, de acordo com o ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1947, p.276) havia no Piauí em 1945 cerca de 1378 aparelhos de rádios dos quais 630 em Teresina e 468 em Parnaíba, um outro dado curioso aponta que a terceira cidade com mais aparelhos era a cidade de Campo Maior com apenas 62 aparelhos. No mesmo período dos 47 municípios pesquisados, no entanto a quantidade de veículos no estado do Piauí era de 1437 em Teresina 282 e em Parnaíba havia 224 automóveis, caminhões, camionetas, ônibus, motocicletas, bicicletas, carroças e carros de boi. Na educação primária em 1945 eram 10.534 crianças matriculadas nas redes pública e privada na cidade de Parnaíba a situação era a seguinte: 4.387 no mesmo período a cidade de Floriano vinha em terceiro com 1847 alunos matriculados de um total estadual de 44.627 alunos. Estes dados foram fornecidos em 23 de setembro de 1946 pelo Departamento Estadual de Educação que tinha na figura de Odilon Nunes seu Diretor de Inspeção.

habitantes, 8 praças, iluminação elétrica e calçada no perímetro urbano, contava ainda com três igrejas, duas capelas, bons prédios públicos e particulares, seis grupos escolares e inclusive naquele ano era inaugurado o instituto São Luiz de Gonzaga, havia também uma escola para as normalistas. De acordo com Almanaque da Parnaíba a cidade contava ainda com nove mil casas e uma população urbana de aproximadamente 35 mil habitantes e era governada pelo médico, Mirócles Campos Veras.

O projeto de instalação da Rádio encontrou entre os parnaibanos entusiasmo na mesma medida de seus fundadores, como pode ser apontado através do capitão dos portos de Parnaíba Nelson Martins Desousart que doou certa quantia em dinheiro para a compra de equipamentos; até o prefeito da cidade na época o Senhor Mirócles Véras era um entusiasta do projeto. Motivações para que a rádio fosse definitivamente instalada na cidade, como se pode comprovar através deste pequeno trecho extraído do ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1942, p. 187),

O Dr. Mirócles Véras prefeito municipal prestigia a causa da PRKK, e mandava todas as noites ler ao seu microfone a notícias de importância do expediente da Prefeitura, e isto animava seus organizadores a levarem a frente a empreendimento.

Com o apoio da prefeitura e outros entusiastas como os empresários locais que ajudaram financeiramente na instalação da rádio “no momento em que se fez necessário melhorar as instalações, o comércio ajudou com a quantia de 3 contos de réis, através de uma coleta”²⁰ o projeto de uma rádio aos poucos vai ganhando forma e um estúdio é improvisadamente montado na casa de Alcenor Madeira que leva ao ar todos os dias a partir das 18 horas – horário em que o motor da usina de energia elétrica era ligado. Com uma programação bastante diversificada, ao entrar no ar, a rádio transmitia músicas clássicas até sucessos de artistas nacionais da época como: Vicente Celestino, Benedito Lacerda, Noel Rosa dentre outros.

O impacto dessa novidade deslumbrou os parnaibanos e de vários locais começaram a chegar telefonemas à rádio, que transmitia músicas de discos doados ou emprestados aos seus idealizadores e

²⁰ NASCIMENTO, Alcides do. História e Memória da Rádio Pioneira de Teresina. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004, p. 22.

sob a liderança de Euvaldo que ficou ao microfone. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1943, P. 184).

A origem do nome Rádio 3 Cocos é bastante controversa, alguns dos entrevistados atribuem o nome ao fato de serem três homens, ou seja, três cabeças que iniciaram a Rádio, enquanto que outros afirmam que os idealizadores eram maçons e que sempre ao assinarem qualquer documento finalizavam com três pontos dariam nome à rádio.

Euvaldo Carvalho ficou encarregado de utilizar o microfone e criar a grade de programação, mas, foi Raimundo Fonseca Mendes que se destaca como o primeiro locutor da história do rádio no Piauí, afinal contava com uma longa experiência de haver trabalhado em amplificadoras, inclusive a amplificadora da prefeitura que havia sido instalada na Praça da Graça em 1935 pelo prefeito Mirócles Vêras.

Sendo assim, a criação da Rádio PRKK 3 Cocos como ficou conhecida pela população foi recebida com muito entusiasmo, mas sua instalação foi concebida através da clandestinidade e essa característica perdurou durante sua breve existência – em torno de três meses.

O papel da rádio segundo seus idealizadores/fundadores, era servir como ferramenta de comunicação e educação popular, mobilizar a comunidade - em torno dos problemas comuns, contribuir com a organização da cidade, entreter o povo e promover seus valores culturais e artísticos. O ponto de partida da programação eram as necessidades e interesses da comunidade; os programas pretendiam ser um espaço para a expressão e participação popular.

A PRKK, no entanto, logo necessitou de ampliação em suas instalações. Nesse sentido, com a ajuda de comerciantes da cidade, ela passa a ter estúdio próprio, com auditório, instalados num dos cômodos da residência de Alcenor Madeira ao passo que inaugura um novo transmissor. O sucesso foi aumentando e todas as noites a partir das dezenove horas, variados programas de estúdio poderiam ser ouvidos pela rádio 3 Cocos, até mesmo as notícias mais importantes da Prefeitura Municipal de Parnaíba eram lidas em boletim oficial a pedido do então prefeito Mirócles Vêras.

Apareceu logo a necessidade de melhorar a PRKK. Foi quando veio ao nosso auxílio o Tenente Mariano Bertoli, que ocupava elevadas funções na Capitania dos Portos de Parnaíba, e que, com Fonseca

Mendes, saiu ao comércio pedindo uma ajuda para a rádio-emissora. Três contos de Réis foram arrecadados e isto já era suficiente para melhorar a PRKK. Resolveu-se então que estúdios próprios seriam construídos numa dependência da casa de residência de Alcenor Madeira, á praça de Santo Antonio, e isto se fez imediatamente Euvaldo lembrou então a conveniência de se mudar a onda para a faixa de broadcasting e fabricar um transmissor mais potente, com duas válvulas 807 no final e uma 6L6 na oscilação. Dentro de poucos dias se inaugurava o novo transmissor, instalado em estúdio próprio, com auditório, etc., na casa de residência de Alcenor Madeira. Ai então o sucesso cresceu.

Todas as noites, ás 19 horas, lá estava a "Rádio 3 Cocos" a gritar e apresentar os mais variados e interessantes programas de estúdio, que se prolongavam até tarde da noite. (CORREIA; LIMA, 1945, p. 185).

Nesse período em que a emissora estava em pleno desenvolvimento de suas atividades, foi obrigada por força da legislação parar com os trabalhos, depois que o Departamento dos Correios e Telegráficos²¹ de Teresina ordenou que a Rádio 3 Cocos fosse fechada por se tratar de um estabelecimento clandestino.

A emoção evidenciada no momento de seu fechamento é apontada neste trecho,

Certo dia, pelas 9 da manhã, o grande amigo da PRKK, o carteiro Antonio Saldanha da Rocha, pai de Maria da Graça, a cantora que ainda hoje brilha nos programas da PRJ-4, visivelmente emocionado e triste, trazia um ofício da Agencia Postal Telegráfica, endereçado a Alcenor Madeira, intimando-o a fechar a emissora, por ordem do Departamento dos Correios e Telégrafos, em Teresina, por ser clandestina. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1942, p. 88).

O funcionário dos correios Antonio Saldanha da Rocha, - empresa responsável pelo controle de radiodifusão no Brasil - mantinha certo grau de cumplicidade com a rádio, afinal sua filha era a cantora que brilhava nos programas que ocorriam nas tardes de sábado e que provavelmente lhe trazia muito orgulho. O fato do senhor Antonio Saldanha da Rocha ser o responsável direto pelo fechamento da emissora lhe causava comoção e tristeza, pois perderia o prazer de ver no estúdio e ouvir a voz de sua única filha brilhar na PRKK Rádio 3 Cocos.

Aliás, é preciso notar que esta medida não causou nenhuma surpresa aos organizadores da PRKK, que já a esperavam a qualquer momento, pois conheciam

²¹ Órgão interno do Ministério da Viação e Obras Públicas tinha a responsabilidade de expedir as licenças para o funcionamento das estações de radiocomunicação.

a legislação federal a respeito. A partir de então os idealizadores e benfeitores se juntaram objetivando legalizar a situação da PRKK, nome este que já havia sido substituído para Rádio Educadora de Parnaíba, a pedido de Jacira Desouza, filha do capitão Nelson Desouza, os quais, inclusive muito contribuíram financeiramente à emissora.

Apesar do funcionamento da emissora ser clandestino, o ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1942 p. 88) identificou a existência de anúncios de lojas e também apontou o serviço de recados e avisos realizado pela emissora. Seu alcance era pequeno e atingia somente a cidade e seus arredores e a experiência teve pouca duração.

Analisar de que forma a sociedade ajudou na consolidação de uma emissora de rádio em Parnaíba, que mecanismos viabilizaram a apresentação das estrelas do Rádio do Brasil na cidade e qual o impacto desses shows na sociedade parnaibano é o que aprofundaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

POLIFONIA DO RÁDIO PIAUIENSE: A Memória em Disputa

2.1 A sociedade que deu origem ao Rádio parnaibano

O rádio era visto, até o início da década de 30 como um veículo de comunicação razoavelmente inédito, mas com o tempo, passou a ser usado cada vez mais para o lazer²² e para a diversão²³, a radiodifusão ainda estava em sua fase incipiente. O público que o rádio foi alcançando com o passar do tempo era moldado por sua ação direta e os hábitos dos cidadãos foram sendo alterados significativamente. Além disso, ao longo da década de 1930 o rádio foi se mostrando um veículo de publicidade economicamente rentável.

No início da década de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder no Brasil e implanta o Estado Novo (1937-1945), Vargas simbolizava o poder do Estado, em sua concepção do “novo homem” e passava para a população,

²² Elias e Dunning (1992, p. 112) entendem o lazer como um tipo de atividade que se insere no tempo livre, colocando o indivíduo como transformador da sua realidade, este, enquanto sujeito social pode dotar de sentido a atividade de lazer e aproximá-la da busca da excitação ou do prazer. O prazer definido enquanto a busca de um descontrole medido ou ainda um descontrole controlado. Para os autores o lazer, apesar de trabalhar no limite do descontrole, está intimamente ligado às dimensões culturais e podem ser estudadas através de ações pontuais como, por exemplo, as atividades recreativas.

²³ O rádio, ao proporcionar a diversão, rompe com a vida cotidiana, adquirindo uma relativa autonomia e, por outro lado, na medida em que estabelece vínculos afetivos, faz de sua audição uma necessidade constante. Ao trazer elementos do fantástico, ele estabelece uma dimensão de satisfação.

esperança de uma sociedade melhor. Getúlio Vargas levava a entender que a população evoluiria junto com o Estado Novo dentro do contexto “novo homem”, um novo ideal político, onde a mão-de-obra seria valorizada, os meios de produção seriam renovados, iniciando uma nova fase econômica.

Em Parnaíba, este ideal foi tomando forma através das novas tecnologias incorporadas no cotidiano da cidade e em obras públicas que aos poucos mudam a paisagem urbanística. Além disso, nesta mesma década, a economia apresentava franco crescimento, o prolongamento da estrada de ferro de Parnaíba até a cidade de Piri-piri, que ficava 180 km de distância, pode ser um bom indicador deste bom momento experimentado pela economia parnaibana.

O trem que naquele período interligava as cidades de Parnaíba, Cocal da Estação, Piracuruca e Piri-piri na região Norte do Piauí, era o meio de transporte mais utilizado e mais barato, tanto para transportar cargas quanto para transportar pessoas. Com a construção da estrada de ferro a economia da cidade de Parnaíba aumentou enormemente, gerando uma classe burguesa e aumentando o poder de compra do cidadão comum. Além de beneficiar as famílias mais abastadas, o trem também ajudou muitas famílias pobres periféricas que moravam nas proximidades da estrada e muitos empregos diretos e indiretos foram gerados. Surgiu ainda dessas atividades uma economia informal e muito intensa, afinal, homens, mulheres e até crianças vendiam os mais diversos produtos para aqueles que viajavam de trem (café, cana, tapioca, bolos...), aquecendo, sobremaneira, a economia do norte do estado.

Este bom momento econômico das décadas de 30 e 40, explica em parte a formação de uma sociedade burguesa que preocupada em acompanhar o ritmo dos grandes centros nacionais como Rio de Janeiro e São Paulo ou mesmo internacionais como Paris e Londres, investe maciçamente na modernização da cidade em todos os seus aspectos, sobretudo os culturais e sociais.

A cidade de Parnaíba sofreu mudanças acentuadas em seu traçado urbanístico no início da década de 1920, onde a elite parnaibana junto ao poder público inicia um processo de remodelação da cidade. Esta remodelação dos espaços urbanos implicou num redirecionamento de locais de moradia com a criação de novos bairros como, por exemplo: o bairro Nova Parnaíba e principalmente nos espaços de sociabilidade da cidade, apesar deste processo se iniciar na Década de 20, é:

Entre os anos de 1930 e de 40, momento de transformações políticas e que irão repercutir sobremaneira nos modos de pensar em viver na cidade, que o empenho das elites em modificar o traçado urbanístico da cidade se farão sentir mais fortemente [...] com a construção do calçamento poliédrico no centro da cidade [...] jardins, praças [...]. (LIMA, 2005, p.212).

O texto acima nos direciona a pensar que no período citado, a cidade Parnaíba havia se transformado em um enorme canteiro de obras, o centro da cidade recebendo calçamento poliédrico denuncia um núcleo urbano com ruas de areia. Pode-se afirmar ainda de acordo com o autor que as mudanças do traçado urbanístico ocorreram devido principalmente aos desejos políticos e ao empenho das elites locais em remodelar a cidade.

A criação de um aeroclube em Parnaíba em outubro de 1940 (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1943 p.99) é outro bom indicador econômico e que ainda demonstra em parte o grande poder aquisitivo desta sociedade burguesa, além da preocupação dos jovens parnaibanos com a formação de um cadastro de reservas para engrossar a fileira de pilotos ávidos por participar da Segunda Guerra Mundial que se desenrolava naquele momento (1939-1945).



Fotografia 04: Primeira turma de aviadores civis com suas respectivas madrinhas a receber um brevê no Piauí, dia 25 de outubro de 1942.
Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1943 p.192.

Esta conjuntura beneficiou sobremaneira o cenário cultural descrito e assim, muito grupos de teatros, de circos, orquestras, bandas de alcance nacional se apresentavam com certa freqüência nos vários locais de lazer na cidade, criando um ambiente profícuo para a fundação da Rádio Educadora de Parnaíba.

Na década de 1930, Parnaíba era uma das mais prósperas cidades do Piauí com seu comércio de exportação de babaçu e outros produtos locais. Além de muitas representações de reconhecidas empresas estrangeiras como a Philips, por exemplo. Parnaíba é apontada como um dos pólos econômicos do Nordeste e por causa das condições materiais que ela dispunha, conseguiu desenvolver o processo de modernização.

“É a liquidação de um período e o começo de outro”, constatava uma crônica no ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1939, p.95) ao analisar aquele momento histórico. “Tenho impressão de que o ritmo da história está de novo se desacelerando” (Idem), escrevia, diagnosticando um “retardamento na passagem do tempo”. Ele estava impaciente com a aparente demora com que os acontecimentos a sua volta se desenrolavam, num ritmo típico das épocas de transição.

A modernização da cidade no início da década de 1940 é marcada pela instalação da Rádio Educadora de Parnaíba, da Central de Telefone, da canalização da água, símbolos estes, inconfundíveis da modernidade. Os anos 40 ainda foram festejados também com a criação da Biblioteca Pública Municipal e do Colégio São Luiz Gonzaga.

Além disso, a cidade contava com o Lactário Suzane Jacob que atendia às famílias carentes provenientes da periferia da cidade e ainda do Rotary Club, entidade filantrópica que tinha como objetivo a prestação de serviços à comunidade. Com tantas iniciativas e empreededorismos a sociedade parnaibana foi se articulando, e lentamente foi germinando a idéia da legalização de PRKK - 3 Cocos, agora com o nome oficial de Rádio Educadora de Parnaíba como veremos no próximo tópico.

2.2 O processo de instalação

Se fosse nos Estados Unidos, na Inglaterra ou no Japão, as pessoas iam primeiro, juntar dinheiro, fazer coleta pública, formar uma sociedade anônima... Aqui não! Juntaram-se um vendedor de Rádios: ALCENOR MADEIRA, um técnico que consertava aparelhos: EUVALDO CARVALHO, um instalador de antenas: RAMIRO SANTOS e um jornalista de bonita voz: FONSECA MENDES, o primeiro locutor de nossa Rádio. Tira uma peça daqui outra dali, e estava funcionando a PRKK. (Alves, 1987 p.4)

A afirmação acima foi feita por Maria Irma, (primeira locutora da Rádio Educadora) em um programa (1986) organizado por Rubem Freitas (primeiro colunista social de Parnaíba a trabalhar na Rádio Educadora) a pedido da Prefeitura Municipal, para comemorar os cento e cinquenta anos da cidade de Parnaíba, quando se conseguiu reunir a maioria dos antigos colaboradores que iniciaram as primeiras transmissões da emissora na década de quarenta. O programa contou também com a participação de artistas locais para interpretar canções da década de 40 e 50 simulando nostalgicamente o ambiente radiofônico da época da instalação.

O que se pode observar a partir das afirmações de Maria Irma, é uma demonstração da capacidade de articulação entre os sujeitos envolvidos no processo, aliados ainda a uma certa inclinação ao improvisado. Sua comparação entre países reconhecidamente ricos que para instalarem uma estação de rádio passariam então por uma intensa burocracia para conseguirem formar uma sociedade radiofônica e os parnaibanos que, de acordo com sua fala, constituíram a sociedade até de certa maneira fácil, forjou uma idéia de que no Brasil a constituição de uma estação de Rádio não necessitaria da aprovação estatal, ou que se evitaria os trâmites legais - bastante demorados - para sua instalação. O fechamento da rádio - devido sua situação de ilegalidade - três meses depois, mostrariam que no Brasil as dificuldades de implantação de uma estação radiofônica eram iguais ou maiores que nos Estados Unidos ou na Europa.

Afinal, a concessão de uma emissora de radiodifusão não era coisa fácil, toda a tramitação burocrática de papéis levava um tempo bastante longo, e sem os devidos contatos políticos este tempo era mais longo ainda, é preciso ponderar ainda que a concessão necessariamente passava pelo crivo e autorização do Presidente da República Getúlio Vargas. Não se pode negar a enorme persistência de seus fundadores que tiveram que trabalhar duro na realização do projeto de instalação da rádio no final dos anos 30 e início dos anos 40 em Parnaíba.

Desde a implantação do rádio em nosso país, os sucessivos governos transformaram os veículos de comunicação em moeda forte. “Ao longo das décadas, o Estado foi distribuindo concessões de rádios para os grupos econômicos e políticos que formavam sua base aliada de sustentação, numa espécie de capitâneas hereditárias eletromagnéticas”. (COSTA, 2005, p. 39).

A impressão que se tem sobre a sua atuação desde os primeiros tempos permite acreditar que significava algo extremamente avançado, mas, ao mesmo tempo, sério e profissional. Pelo menos é isso que a emissora transmite através dos seus documentos (como, por exemplo, livro caixa, livro de registro de empregados, livro de registro de anunciantes), equipamentos antigos e postura empresarial.

Uma das características da Rádio Educadora de Parnaíba e que será encontrada também em outras Rádios do Brasil, por ocasião de sua fundação –, foi o número de pessoas envolvidas no empreendimento. Segundo informações organizadas no Almanaque da Parnaíba de 1942 (p.89), e fornecidas pelos entrevistados, esse número ficou em torno de cem pessoas que foram responsáveis para levar adiante o projeto que lentamente deu início à primeira Rádio no Piauí.

A Rádio Educadora de Parnaíba nasceu como uma sociedade, tendo como fundadores cerca de 100 acionistas. Deste modo, a criação dessa sociedade começou a ser agilizada em agosto de 1939 e para tanto de acordo com FREITAS (1987, p.11) “Antonio Melo e Alcenor Madeira foram os responsáveis por colocar as ações à venda”.

Ainda de acordo com Freitas,

Fonseca Mendes, Alarico da Cunha, Antônio Melo e Alcenor Madeira trabalhariam com as comissões. Mas na tarefa de vender os títulos da sociedade, esses sentiram dificuldades em função do descrédito de muitos quanto ao sucesso da Rádio, em vista de toda a situação que a mesma estava passando. Contudo, muitas dessas pessoas desacreditadas e desanimadas resolveram ajudar no projeto e em dois meses, oitenta ações (cada uma custou na época 1000 cruzeiros) foram vendidas. De todos aqueles procurados pela comissão, apenas dois se negaram a comprar. (Idem)

A Rádio Difusora de Teresina também foi formada por uma sociedade Anônima de Ações²⁴, conforme é possível perceber no trecho a seguir,

Com a ajuda de Alcenor Madeira, em 1948, a sociedade por cotas de responsabilidade limitada era formada. Como acionistas estavam: Cláudio Pacheco, um dos titulares com maior parte das cotas da Rádio Difusora de Teresina; Sigefredo Pacheco; João Clímaco de Almeida; Astrolábio Paiva e Silva; Francisco Pires Gayoso e Almendra, dentre outros. (Lima, 2007)

Não é possível afirmar com certeza, mas esse tipo de prática de certa forma contribuía para o sucesso do empreendimento na medida em que representava os interesses de uma parcela significativa da população e não só dos sócios. E após relativo sucesso na venda das ações foi iniciada a convocação dos sócios para concretização da sociedade.

De acordo com uma convocação encontrada no jornal de Parnaíba **“O Norte”** edição de 29 de agosto de 1939 (p.03),

Rádio Educadora de Parnaíba S.A, - Capital 80:000;000 – Assembléia Geral de Constituição – Convenção – são convidados os senhores subscritores de Ações a se reunirem no salão principal do “Cassino 24 de Janeiro”, desta cidade, no próximo sábado, dia 2 de Setembro, às 19,30 horas, a fim de resolverem sobre a constituição da sociedade, para o que já foi satisfeita a exigência legal do depósito de 10% sobre o capital, feito no Banco do Brasil. Parnaíba, 29 de agosto de 1939. Os fundadores: José de Moraes Correia, Francisco Fontenelle de Araújo, Antonio Castelo Branco Clark, Antonio Otávio de Melo, Alarico José da Cunha, Alcenor Neves Madeira.

Além dessa convocação, vários convites individuais foram encaminhados a possíveis novos compradores, para a Assembléia Geral de constituição da Rádio Educadora de Parnaíba S.A. Notamos ainda que a sociedade já contava com os seus fundadores devidamente estabelecidos e que sua formação era bastante heterogênea contando com empresários dos mais diversos ramos. Da tríade das primeiras experiências radiofônicas, consta apenas o nome de Alcenor Madeira. Uma possível explicação era o fato de que para entrar na sociedade era necessário

²⁴ LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis Asas das Ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Dissertação (Mestrado em História), Teresina, UFPI, 2007.

comprar uma Ação no valor de mil cruzeiros, quantia bastante elevada para os padrões da época. Assim, dois membros fundadores da emissora ficaram de fora do processo de formalização da Rádio Educadora de Parnaíba.

E foi no dia 2 de setembro de 1939 que ocorreu esta Assembléia Geral que na construção da trama histórica da Rádio Educadora de Parnaíba, se deu à noite por volta das 19:30 horas, onde se reuniram os sócios no salão principal do Cassino 24 de Janeiro localizado na avenida Getúlio Vargas número 64 – local muito prestigiado e frequentado pela elite parnaibana, onde eram realizadas festas e bailes.

A história do Cassino 24 de Janeiro se cruza várias vezes com a história da Rádio Educadora de Parnaíba, na medida em que, a primeira assembléia deliberativa de constituição da Rádio ocorre no Cassino, a grande maioria dos primeiros sócios fundadores da Rádio Educadora de Parnaíba, também eram sócios do Cassino 24 de Janeiro.

O Cassino estava localizado na chamada Rua Grande²⁵, que era a rua onde grande parte da elite paraibana residia, sendo fundado com apoio da ACP²⁶.

[...] e sua inauguração se deu naquela data, 24 e janeiro de 1925 com suntuoso baile no palacete de sua primeira sede a travessa da glória número 591[...] Além das festas dançantes previstas nos estatutos, tais como: palestras, cerimoniais belíssimos de colação de grau dos estabelecimentos de ensino, concertos de piano e, show de artistas nacionais de renome e, campanhas inesquecíveis como a da construção preventório padre Damião [...] (SILVA, 1987, p.229).

O luxo transformava o Cassino no lugar desejável por todos, a fineza e o requinte faziam parte do ambiente e poder das elites, legitima o esplendor ao mesmo tempo em que o poder do cassino legitima as elites. Mas Parnaíba entre as décadas de 30 e 50 contava com outros clubes, como por exemplo, Clube da AABB²⁷ e o Igara Clube²⁸.

²⁵ Atualmente a Rua Grande é chamada de Avenida Getúlio Vargas e uma das avenidas centrais da cidade de Parnaíba.

²⁶ Associação Comercial de Parnaíba, fundada em 1917, congregava em torno de si, a maior parte dos comerciantes de Parnaíba.

²⁷ Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), funcionava em prédio próprio na praça da Graça, centro de lazer da cidade, mas apesar disso, não tinha o glamour do Cassino 24 de Janeiro. Atualmente funciona às margens do Rio Igarçu – Beira Rio.

²⁸ Igara Club, com arquitetura Art Nouveau, funcionava às margens do rio Igarçu – Beira Rio-, era mais um espaço de lazer de Parnaíba. Encontra-se atualmente desativado. Sua arquitetura foi



Fotografia 05. Cassino 24 de Janeiro local da Assembléia Geral de fundação da Rádio Educadora de Parnaíba.
 Fonte ALMANAQUE DA PARNAÍBA, nº 61, 1994, p. 41.

Esta fotografia de 1942 mostra a fachada principal do clube tendo ao centro os sócios fundadores e à esquerda suas respectivas esposas e filhos, os trajes de gala dos homens e as roupas finas das mulheres, apontam para o grau de elitização que o clube exigia de seus associados. Mais à direita vê-se os membros da orquestra que pertencia ao clube e que embalava as festas durante os eventos mais importantes realizados no Cassino 24 de Janeiro.

O Cassino 24 de Janeiro, o lugar politizado, um clube tomado como lugar de poder, como um o divisor de águas da sociedade parnaibana. Seu nome é em função do 24 de janeiro de 1823, data em que a capital do Piauí na época Oeiras adere ao movimento de independência do Piauí.

Neste Cassino se podia perceber uma certa separação da sociedade parnaibana; uma parte que podia freqüentá-lo, ligada principalmente aos grandes comerciantes, exportadores e algumas famílias tradicionalmente abastadas e uma outra que não podia, incluindo nesta última, comerciários, marinheiros, trabalhadores urbanos assalariados, dentre outros.

idealizada por ANÍSIO DE ARAÚJO MEDEIROS, Arquiteto, desenhista, pintor e cenógrafo bastante prestigiado nacionalmente, nascido em Teresina, no Piauí, em 1922. Formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura em 1948. Realizou sua primeira exposição de pinturas em 1944. Conquistou o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna (1956). Também foi premiado na VIII Bienal de São Paulo com um trabalho de cenografia (1966). Autor dos três painéis (dois trabalhos em cerâmica sobre as marinhas de guerra e civil, e um grande afresco sobre a guerra e a paz) no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (1960).

Compareceram neste evento importantes figuras que compunham o cenário político, econômico e social daquela época da cidade²⁹, “alguns dos homens mais ricos e importantes da cidade” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA 1943 p.192) que haviam adquirido ações, para realizar uma Assembléia Geral que decidiria os rumos da recém criada sociedade que daria início à Rádio Educadora. Esta assembléia-geral serviria então, para discutir a instalação e legalização perante o governo federal.

Ao todo, os que estavam presentes e os procuradores representados naquela assembléia, haviam adquirido apenas 61,000\$000 contos de réis, de um capital social total necessário para dar início à compra de equipamentos, terreno, material de expediente e todos os trâmites legais de funcionamento da Rádio que girava em torno de aproximadamente 80.000\$000 contos de réis. Havia ainda a necessidade de angariar mais fundos com a venda de ações para concluir o projeto.

Esta Assembléia Geral foi presidida inicialmente pelo senhor Alarico José da Cunha³⁰, que naquela ocasião indicou o senhor Acrísio de Paiva Furtado para presidir os trabalhos de instalação da rádio. Uma das primeiras medidas adotadas na assembléia foi a leitura completa da composição dos estatutos sociais que estavam prontos e, “continham 43 artigos divididos em oito capítulos” de acordo com a Ata de Assembléia Geral de constituição (1939. p.01).

Estes estatutos foram registrados em cartório³¹ pelo representante legal da emissora naquele momento Francisco Fontenele de Araújo que também era sócio da Rádio Educadora. Em seu artigo primeiro o estatuto trata da designação da

²⁹ Dr. Joaquim Carvalho Aragão, Celso Augusto de Moura, Benedito M. Freire, Francisco Fontenelle de Araújo, Séptimus James Frederick Clark, José de Moraes Correia, Dr. João Tavares de Carvalho e Silva, Sebastião Furtado de Mendonça, Paulo Ramos Rodrigues, Raimundo Theodoro de Araújo, João Batista de Freitas Diniz, Capitão de Corveta Nelson Martins Desouza, Celso Gonçalves Cordeiro, Francisco Dumont de Furtado, Alberico Seixas de Miranda, Poncion Rodrigues, Acrísio de Paiva Furtado, Antônio Otávio de Mello, Raimundo Nunes, dona Luiza Lima Almendra, Renaud Pimentel Frasso, Durval Rodrigues Bacelar, Genésio Pires Rebelo, dona Maria José Machado Coimbra, Almirante Gervásio Pires Sampaio, Adolpho Quirino da Silva, Alarico J. da Cunha, Corinto Gonçalves da Trindade, Ben-Hur Franklin Veras, Alberto de Moraes Correia, Dr. Antonio Castelo Branco Clark, Dr. Simplicio de Rezende, Benedicto dos Santos Lima, Carlos Fontenele Gurjão, Dr. Heráclito Souza, dr Mirócles de Campos Veras, Alcenor Neves Madeira, e Jaime Coelho de Resende.

³⁰ Poeta, jornalista, folclorista, sociólogo, professor, tradutor, membro da Academia Piauiense de Letras e membro da academia maranhense de letras, sócio fundador da Radio Educadora de Parnaíba. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/Consulta/Autor.php?autor=13133>. Acessado em 03/01/2008.

³¹ Cartório Almendra. De propriedade do Senhor Luiz de Sampaio Almendra. Que ainda hoje pertence à família Almendra e funciona na Rua Duque de Caxias, no centro da cidade de Parnaíba.

emissora e outorga a diretoria poderes de instalar a estação e agências ou filiais, como pode ser observado a seguir,

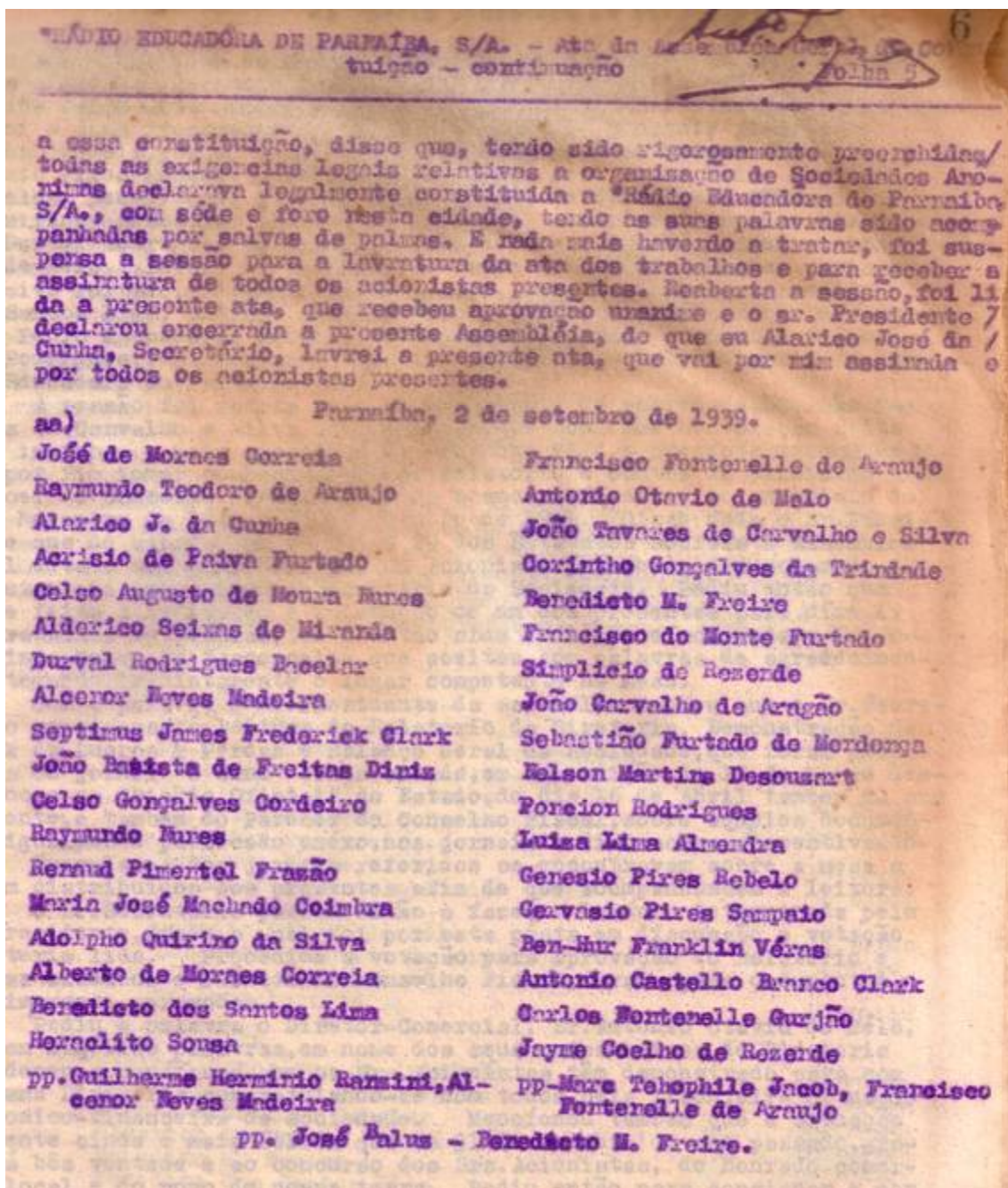
Artigo 1º: Sob a denominação de “Rádio Educadora de Parnaíba S.A.”, fica constituída com sede e foro nesta cidade de Parnaíba Estado do Piauí, uma sociedade anônima que se regerá pelos presentes estatutos e pela legislação federal em vigor.

Parágrafo único: A diretoria da sociedade fica autorizada a estabelecer agências ou filiais; ou ainda a nomear agentes representantes ou instalar estações radiodifusoras que julgar conveniente desde que haja para esta ultima prerrogativa necessária licença do governo federal. (Almendra, p. 19)

Após a leitura dos estatutos houve uma eleição da mesa diretora e de acordo com ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1945, p.184),

Na Assembléia Geral de constituição foi aclamada a primeira diretoria da sociedade: José de Moraes Correia, Presidente; Vice - Francisco Fontenele de Araújo; Tesoureiro - Raimundo Th. de Araújo; Diretor Comercial - Antonio Otávio de Melo; Secretario - Alarico da Cunha, e aclamado Alcenor Madeira para o cargo de Superintendente.

Como pode ser comprovado, através da Cópia da ata de Assembléia Geral ocorrida em 2 de setembro de 1939 no Cassino 24 de Janeiro, onde se vê os nomes de alguns dos membros que participaram e assinaram. Uma das finalidades deste documento seria o registro cartorial formalizado que era exigido por lei para a fundação de uma estação radiofônica.



Fotografia 06. Cópia da ata de Assembléia Geral ocorrida em 2 de setembro de 1939.
 Fonte: Arquivo particular do senhor Bernardo Batista Leão.

Os nomes aqui apresentados como os primeiros membros da diretoria, representam neste momento econômico da cidade de Parnaíba os mais expressivos como, por exemplo, José de Moraes Correia, grande empresário que além de exportador de cera de carnaúba era também químico, notabilizou-se por ter

conseguido introduzir o processo pelo qual transformou cera parda, de segunda categoria, em cera flor, de primeira categoria.

Ao final da assembléia o senhor Acrísio de Paiva Furtado³² que a presidia, declarou ainda que ficasse do conhecimento de todos os presentes:

[...] do depósito em dinheiro da décima parte do capital social feito na agência do banco do Brasil, Guia de selo por verba da alfândega de Parnaíba sobre o número 908 na importância de 240 mil réis. Ata da Assembléia Geral de constituição (1939, p.01).

O depósito era uma garantia de legitimidade da sociedade. Após a leitura da ata e sua conseqüente assinatura por todos os presentes, foi dado início então ao longo processo da legalização e instalação da emissora que, segundo ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1943 p.192), “levou cerca de seis (06) meses e contou com a participação de diversos parnaibanos, das mais diferentes atividades profissionais”.

Para levar adiante o projeto os idealizadores, ainda contaram com o auxílio do senhor Guilherme Hermínio Ranzini, que morando no Rio de Janeiro, então distrito federal, e apresentado a José Moraes Correia o presidente da Rádio Educadora por um amigo em comum, foi quem requereu a legalização da Rádio Educadora.

No entanto, o pedido foi negado, “[...] indeferido por não estar preenchendo as formalidades legais, nem na parte técnica, nem na parte administrativa social, pois uma firma individual não podia explorar Radiodifusão”. (LIMA & CORREIA, 1945, p. 185).

Provavelmente por desconhecimento da legislação, os parnaibanos propuseram que a emissora fosse administrada por uma firma individual, assim o pedido foi negado. Neste ponto o senhor Guilherme Ranzini teve papel destacado, pois informou como o processo deveria ser organizado, inclusive enviando um orçamento básico com os custos dos principais equipamentos necessários à instalação de uma emissora de rádio.

O decreto de número 21.111 assinado por Getúlio Vargas que estabelecia as regras de Radiodifusão no Brasil, e a abertura de uma firma individual para o seu funcionamento, o que segundo o referido decreto em seu artigo 11 era proibido,

³² Comerciante, dono da firma “Acrísio Furtado” que se dedica ao comércio de exportação de couros e peles para Europa e América do Norte, presidente reeleito várias vezes do Cassino 24 de Janeiro, provedor da Santa Casa de Misericórdia, prefeito em 1947 além de deputado estadual. O Livro do Centenário de Parnaíba 1844/1944 (1945, p.387).

[...] § 2º Poderão as estações da rede serem instaladas pela União ou, mediante concessão do Governo Federal, por **sociedades civis, companhias ou empresas nacionais idôneas** (Grifo nosso), observadas todas as exigências educacionais e técnicas que forem por ele estabelecidas.

Além de ter que resolver o problema da firma individual – abrindo uma sociedade anônima -, os sócios tiveram ainda que contratar os serviços de um engenheiro para desenvolver um projeto técnico que viabilizasse a instalação e o escolhido para o empreendimento foi o carioca Carlos Frederico Wettler que, além de criar o projeto, ajudou na adaptação do prédio e na instalação do primeiro transmissor de 1/2kw de potência.

Após esse período de dificuldades, que durou aproximadamente dois meses e com os bons resultados conseguidos, foi finalmente oficializada por decreto concedido pelo então presidente do Brasil, Getúlio Dorneles Vargas,

Fica assegurado à Rádio Educadora de Parnaíba S. A., o direito de estabelecer, na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, uma estação rádio-difusora de 1/2 kw, destinada a executar o serviço de rádio-difusão, com finalidade e orientação intelectual e instrutiva, e com subordinação a todas as obrigações e exigências instituídas neste ato de concessão. (DECRETO Nº 5. 118, DE 13 DE JANEIRO DE 1940, artigo primeiro).

Com a concessão em mãos e o dinheiro conseguido com a venda das ações, os sócios fundadores iniciaram a efetivação do projeto. Em meados de março de 1940, chegava a Parnaíba o engenheiro Carlos Frederico Wettler que trazia na bagagem todo o material, a documentação para funcionamento e os projetos técnicos. Algumas semanas depois chegaria à cidade o transmissor de ½ kilowatts para pôr em funcionamento a Rádio Educadora.

2.3 A compra dos Transmissores: Uma disputa de memórias

A questão da memória tem sido elemento de empenho crescente nas últimas décadas. E isto se pode constatar, através da intensificação de pesquisas no campo

da oralidade, e ainda na propagação de empreendimentos privados e políticas públicas voltadas à preservação do patrimônio material e imaterial.

As recordações e versões do passado, sua elevação, conservação e declinação, suas variações em função das conjunturas políticas e sociais são resultado dos choques pelo reconhecimento público - aquilo que Pollak (1989) designou como - a memória em disputa³³.

Ressaltando a maneira como a memória orienta, regula e até influencia esse jogo de forças.

Para que a memória dos outros venha assim a reforçar e completar a nossa, como dizíamos, é preciso que as lembranças desses grupos não deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem meu passado (HALBWACHS, 2006, p.98).

Se elegermos como meta, a construção de uma memória radiofônica em Parnaíba que seja capaz de agrupar múltiplas identidades; necessitamos proporcionar bastante cuidado à memória ou, no plural, às memórias que aí se encontram implicadas.

Ainda segundo Pollak, para se compor, a memória implica a eleição de determinados conteúdos e a eliminação de outros, o que atribui ao trabalho da memória uma articulação suplementar e põe em destaque a seriedade da conservação de uma determinada cultura.

E, para a construção de uma memória radiofônica é necessário que esta edificação se faça a partir de fundações sólidas o bastante para sobreviver minimamente a brisas ou às ventanias do tempo histórico.

Quando procuramos situar a Rádio Educadora nos primórdios da radiofonia piauiense, somos envolvidos por uma intensa nebulosidade documental, em que as informações que obtemos não conseguem desfazer totalmente. Os dados

³³ A percepção de memória em disputa que me orienta é adotada de empréstimo à obra de Michel Pollak, que pode ser elucidada a partir de um trecho de sua obra, quando diz que, [...] o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas." No entanto quando o autor se refere as essas divisões, ele não está falando unicamente sobre o Estado e a sociedade civil, mas também entre as minorias e a sociedade englobante. POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 02, n.03, 1989, p.03-15.

conseguidos nem sempre coincidem e muitas vezes são contraditórios, como é o exemplo da compra do primeiro transmissor.

Há quem diga, como o radialista Carlos Said, que os equipamentos seriam sucata de uma estação de rádio militar norte-americana instalada no litoral piauiense, onde hoje seria Luís Correia. Para Said, “os americanos deixaram os equipamentos que foram adquiridos por compra pela família Correia, família tradicional de Parnaíba”. (Solon, 2006 p.25).

E acrescenta ainda, “É importante ressaltar que não existe nenhuma outra fonte além da entrevista de Carlos Said que menciona tal forma de aquisição dos equipamentos. Solon”. (Idem).

Estes trechos contidos na dissertação de mestrado *O Eco Dos Alto-Falantes: Memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*, de Daniel Vasconcelos Solon, defendida em junho de 2006, refletem uma versão a partir da entrevista concedida pelo jornalista, radialista, advogado e professor universitário Carlos Said.

A maioria da documentação consultada dá conta de que os equipamentos necessários para a montagem da emissora foram adquiridos com os recursos financeiros provenientes da arrecadação da venda das ações.

A maior parte dos documentos encontrados durante a pesquisa que tratam do assunto, e ainda alguns dos entrevistados, desconhecem que os transmissores da rádio tenham sido adquiridos de militares norte-americanos pelos membros da família Correia, ou ainda, nunca ouviram falar ou tenham conhecimento da presença de uma base militar norte-americana na cidade de Luís Correia ou mesmo em suas proximidades. Além disso, através de exaustiva pesquisa em jornais e periódicos não foram encontrados quaisquer vestígios da presença de militares norte-americanos nas décadas de trinta ou quarenta no litoral do Piauí, ou pelo menos na praia de Luís Correia como afirma Carlos Said.

O que se pode perceber - e apesar de não serem conclusivas-, após as pesquisas com as fontes sobre as quais nos debruçamos, é que o transmissor foi adquirido no Rio de Janeiro pela sociedade que deu origem à emissora, e ainda, as fontes apontam para a existência de um transmissor de origem nacional de marca bastante conhecida na época fabricado pela empresa paulista Maia Rabelo S/A.

O transmissor que é visto na fotografia abaixo - produzida em 1986 - em uma dependência do antigo prédio onde funcionavam os transmissores da emissora, pelo então diretor da Rádio Educadora na época Airton Alves.

Esta fotografia foi utilizada na composição de um pequeno livro encomendado para celebrar os quarenta e sete anos da emissora.



O antigo, adquirido em 1940.

Fotografia 07: Primeiro transmissor da Rádio Educadora de Parnaíba da marca Maia e Rebelo S.A, adquirido em 1940.

Fonte: Rádio Educadora de Parnaíba 47 anos de pioneirismo (1987, p.19)

A fotografia acima, apesar de desgastada pelo tempo, esclarece preliminarmente a questão central no se refere à origem do transmissor. Apesar de não ser possível constatar - pela qualidade da fotografia - qual realmente seria a marca do transmissor, é possível perceber ao menos que o transmissor seria nacional, se seguirmos a lógica dos acontecimentos da década de 1940, principalmente porque na Europa, a maior produtora de equipamentos de radiodifusão naquele momento enfrentava uma guerra - a Segunda Guerra Mundial³⁴ (1939-1945).

³⁴ A Europa foi palco da 2ª Guerra Mundial e este fato dificultou as importações brasileiras. Existe um processo de substituição das importações em curso, então é possível que o equipamento já fosse fabricado no País, ou pelo menos fosse montado, tendo peças importadas dos Estados Unidos.

De acordo com o Almanaque da Parnaíba (1944, p.275),

A idéia de uma emissora de ondas curtas tornava vulto na imaginação de todos, os anseios que embalavam esse sonho iam aos poucos, se transformando em ação e concatenando os elementos necessários a arrancada final, rumo ao alvo objetivado. A perseverança de Alcenor Madeira sobrepujava todos os óbices e o concurso cem por cento eficiente, de Antonio Melo ia transformando o sonho em realidade, obtido que foi, inicialmente o aumento de capital necessário para a aquisição de transmissor de ondas curtas. A **sociedade técnica paulista** (Grifo Nosso) resolveu as dificuldades que a guerra causava para a importação de material estrangeiro, fornecendo em excelente transmissor montado no Brasil sob os mais rigorosos princípios técnicos. E assim, em 6 de setembro de 1945, a PRJ-4 lançava-se na onda de 62.18 metros, irradiando a voz do Piauí na frequência de 4.825 kilociclos.

A Radiodifusão, durante a década de 1940, sofreu variadas restrições para importações decorrentes da situação criada pela Segunda Guerra Mundial. O Brasil tinha interesse estratégico em dispor de produtos para a defesa. A indústria passou a produzir aparelhos e sistemas com alto grau de complexidade, como aparelhos receptores e transmissores extremamente sofisticados, em todas as faixas de frequência, inclusive as mais elevadas.

A Sociedade Técnica Paulista (STP) que fabricava transmissores, receptores e outros produtos profissionais, é um exemplo de fabricante de material nacional desta fase. Muitas dessas novas tecnologias foram desenvolvidas e algumas deram origem a indústrias altamente competitivas que se estabeleceram tão logo a guerra terminou.

De acordo ainda com uma entrevista concedida por seu Francisco das Chagas Sousa Costa (2008) que trabalhou na Rádio Educadora de Parnaíba, na parte técnica, durante as décadas de 40 e 50 e que conhecia, manipulava e consertava os transmissores, além de todos os outros equipamentos eletrônicos da emissora, afirma que os transmissores eram de marca nacional: "(...) e quando eu cheguei aqui, o transmissor rapaz, era do mesmo fabricante Maia Rebelo S.A" (Costa, 2008, p.4).

Quando insisto na questão e lhe pergunto se este transmissor havia sido realmente comprado pela rádio, seu Francisco Costa foi categórico em sua resposta, apontando inclusive algumas características físicas do transmissor, "o fabricante eu

lembro do nome Maia Rebelo Sociedade Anônima, era um verde e foi de ondas médias”. (Idem)

A partir destas constatações aqui apresentadas, consideramos que ainda é cedo para se fazer conclusões sobre o assunto e é preciso mais estudos para se confirmar à hipótese de que os transmissores da Rádio Educadora de Parnaíba foram adquiridos novos e, que seriam de um modelo nacional produzido pela Sociedade Técnica Paulista ou, seria como afirma o Senhor Carlos Said, fruto de um acordo de compra de uma sucata de transmissor norte-americano entre o empresário José Moraes Correia e os militares norte-americanos presentes em Parnaíba em virtude da Segunda Guerra Mundial.

2.4 Finalmente é inaugurada!

Depois dos equipamentos montados, a rádio estava pronta para iniciar suas atividades de acordo com as regras estabelecidas pelo governo federal. No ALMANAQUE DA PARNAÍBA consta que, “Naquele dia se completavam doze dias de trabalhos pesados dentro da estação, na sua montagem, que eram apenas interrompidos por ligeiras refeições. Dia e noite consecutivos”. (1945, p.184)

Era 17 de abril de 1940 quando finalmente a emissora estava pronta para entrar no ar, todos os equipamentos foram exaustivamente testados. No dia seguinte, a cidade toda foi comunicada que naquela noite, à zero hora – horário previsto por lei - a nova onda poderia ser conferida, bem como várias outras localidades do Estado também foram informadas.

Os dirigentes, colaboradores, ouvintes, todos ansiosos para o tão esperado momento, quando, dada às 21 horas daquele 18 de abril a nova PRKK 3 Cocos, começou a irradiar suas ondas, que já alcançariam muitos lugares. Instantes depois, outro fato também marcou esse dia. O radialista Fonseca Mendes direcionou uma chamada à capital do Piauí, mesmo acreditando de não conseguir um retorno, devido principalmente à pequena potência registrada no transmissor que era de apenas 1/5 kilowatts.

Às 21 horas, do dia 18 de abril, portanto, estava no ar a nova PRJ4. Um disco. Uma chamada de Fonseca Mendes para Teresina, numa voz que deixava de ser aquela firme, própria do Fonseca, para ser substituída por outra toda dúvida. Será que ele chamava a Teresina naquele momento, tão em vão como havia chamado a capital nas experiências de PRKK? Não. Não demorou muito, antes de terminar mais um disco com música, já o telegrafo chamava. Era Teresina que informava perfeita recepção. O que aconteceu naquele instante, dentro da PRJ 4 é indescritível! A princípio, todos se entreolhavam como que pasmados. Ninguém falava. De repente, uma onda de alegria substitui a de pasmo e todos se abraçam e vibram de entusiasmo. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1945, p.185).

No entanto, logo Teresina enviou um telegrama, informando-os da perfeita recepção da frequência da Rádio parnaibana e “um misto de emoção, alegria e vibração tomou conta daqueles que estavam no estúdio” (Idem. p.185), principalmente porque essa era a primeira vez que a capital respondia a um chamado da PRJ-4.

O engenheiro Wettler não gostava de falar muito, e foi uma surpresa para Alcenor e Ramiro quando disse: "Um de vocês pode chamar os ouvintes, a estação está pronta para as primeiras experiências". Alcenor, que guardava o pavor ao microfone, naturalmente como uma recordação do que sofreu diante dele quando foi obrigado a usá-lo na primeira experiência, sentindo uma grande falta de Fonseca Mendes ou de Euvaldo, que não estavam presentes pelos motivos explicados, foi o indicado para o serviço, eleito pelos dois companheiros de trabalho. (IDEM, p.186).

Com efeito, uma grande expectativa foi gerada entre os parnaibanos, sobre qual realmente seria o dia em que a estação parnaibana seria oficialmente inaugurada. Durante este período de espera que durou quase três anos, entre aquele imprevisto de criação de um oscilador de Rádio-frequência em setembro de 1937 até maio de 1940, marco inicial da história da Rádio Educadora de Parnaíba.

No dia 03 de maio de 1940 ocorre a solenidade oficial de inauguração da PRJ-4.

No dia 3 de maio de 1940, como homenagem à data de passagem do aniversário do Governo do Estado, inaugurou-se a solene e festivamente a PRJ-4. Ainda está no espírito de todos o que foi aquela noite nos estúdios de PRJ-4. Noite de glória para Parnaíba!

Noite de vitória para o Piauí!. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1946, p.187).

A data teria sido escolhida em homenagem ao aniversário do então interventor do Estado Leônidas Melo. É importante frisar que só após o funcionamento da Rádio é que o estado resolveu ajudar financeiramente o projeto de radiodifusão parnaibano.

O interventor Leônidas Melo criou então, em 14 de maio de 1940 o Decreto Lei nº 264 que liberaria um crédito de 20:000\$000 (vinte contos de réis) “como auxílio do Governo do Estado à Rádio Educadora PRJ-4, de Parnaíba, para a despesa com suas instalações”.³⁵

A estréia oficial da Rádio Educadora, entretanto, não significou de imediato a solução de todos os problemas da emissora, principalmente os de ordem financeira, afinal como muitos acreditavam que as maiores dificuldades eram as dívidas acumuladas pela emissora no processo de compra dos equipamentos necessários para o seu pleno funcionamento. E foram momentos difíceis, de oscilações orçamentárias, mas que aos poucos foram sendo controlados.

E assim viveu a emissora por muito tempo, tropeçando aqui, levantando adiante, seguindo os planos financeiros de Alderico Miranda, a quem a Rádio deve indiscutivelmente uma grande parcela do seu êxito. Passaram-se os seis primeiros meses e subsistiu. Anos se seguiram, progredindo sempre. O comércio parnaibano, sempre voltado para os engrandecimentos nobres, não deixava de dar a PRJ-4 todo o seu apoio. Desde as grandes firmas, aos pequenos comerciantes, todos começaram a anunciar. As contas começaram a serem amortizadas lentamente. A publicidade de firmas do sul do País foi chegando aos poucos e mais algum tempo estava consolidada a Rádio Educadora. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1945, p.188).

Vencidos os primeiros seis meses de dificuldades financeiras em especial, a emissora que já havia recebido o apoio dos comerciantes de Parnaíba, passa a retransmitir propagandas de empresas nacionais - fato que ajuda no processo de consolidação da emissora. A programação da emissora se diversifica, diariamente a equipe técnica põe no ar, músicas de sucesso, notícias relevantes tanto no plano

³⁵ Livro de Resumos de Leis da Assembléia Legislativa de 1940.

local quanto internacional, shows de calouros que aos poucos se transformaram em grande sucesso, dentre outros.

Com a intensidade e regularidade dos vôos registrados no Aeroporto de Parnaíba, a Rádio Educadora conseguia manter atualizado seu acervo de discos,

A estação mantém hoje contratos diretos com as principais fábricas de discos, que lhe remetem por avião, semanalmente as últimas gravações; transmite diariamente, programas informativos – noticiosos; irradia para todo o Estado as principais festas que se realizam na cidade. E já agora cogitam seus diretores, de aumentar-lhe a potência. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1942, p. 87).

Com o lento e gradual sucesso alcançado pela emissora, além das facilidades de importação de material para a discoteca, a emissora cogitou um aumento de potência para amplificar seu faturamento que aos poucos se mostrava positivo.

A partir de 1942, a proposta de compra de um transmissor de ondas curtas é aprovada em assembléia. Em pouco tempo a Rádio Educadora de Parnaíba vislumbrava aumentar o alcance das suas ondas. E passados dois anos da inauguração, com a autorização do Conselho Fiscal e de uma Assembléia Geral ocorrida em 1942, à direção da Sociedade colocou na praça mais ações, e o capital agora seria de 200 mil cruzeiros.

A negociação desses títulos foi bem mais fácil que os primeiros na década de 1930, em vista da projeção que a Rádio Educadora alcançara. “[...] o aumento de capital para duzentos mil cruzeiros, para com este aumento adquirir um terreno, iniciar a construção do edifício próprio e comprar uma nova estação para a faixa de 60 metros de onda”. ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1945, p. 188)

Depois de vencidas essas primeiras dificuldades, a Sociedade pôde adquirir finalmente um terreno, e iniciar a construção de um prédio próprio e ainda comprar um novo transmissor e agora de ondas curtas na faixa e alcance dos 60 metros de onda.

Os anos 40 foram decisivos, pois a comunicação popular ganhou mais espaço no rádio brasileiro. Enfim, a música brasileira, os programas humorísticos, as novelas criaram e aperfeiçoaram a linguagem do Rádio no Brasil. Nos seus primeiros anos de vida, a Rádio Educadora foi adequando sua programação ao

modelo que fazia sucesso no sul e sudeste onde estavam concentradas as rádios mais famosas como, por exemplo, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

O sucesso alcançara uma proporção bem significativa e o volume de propagandas aumentaram muito, graças à ajuda do comércio, às subvenções anuais dispensadas pela Prefeitura Municipal de Parnaíba e também pelo Estado, aos ouvintes parnaibanos e de todas as outras localidades e por fim da determinação de todo o corpo de funcionários da empresa.

Em meados de 1944, cidades como Floriano, Campo Maior e Teresina, receberam agências de publicidade da emissora parnaibana, o que se constituiu uma ampliação da ação comercial da emissora no Estado, já na década de 1950 outras agências de representação da estação foram criadas no Rio de Janeiro e São Paulo.

Os anúncios começaram a vir de vários lugares, até mesmo “a publicidade de firmas do sul do país foi chegando aos poucos e mais algum tempo estava consolidada a Rádio Educadora” (LIMA & CORREIA, 1945, p. 188).

Era o início de uma nova era na área da Comunicação em Parnaíba – o tempo e o espaço estavam sendo dominados a serviço da divulgação de informações e da cultura. As primeiras experiências colocavam no ar os valores locais – músicos, cantores, declamadores.

Durante seu funcionamento a rádio apresentou uma grade de programação musical com gêneros variados como: música popular brasileira, tango, bolero e música norte-americana, apresentações musicais ao vivo com músicos amadores da cidade, além dos comerciais das lojas que apoiavam a iniciativa, recados e avisos de utilidade pública.

Intérpretes famosos da música popular brasileira Calby Peixoto, Orlando Silva, Vicente Celestino, Luiz Gonzaga e outros que rodavam repetidamente na emissora. Já a apresentação de músicos locais na emissora ocorria na forma de serenatas, principalmente à noite quando havia uma programação dedicada a elas.



Fotografia 08: Propaganda da Rádio Educadora de Parnaíba
Fonte: Almanaque da Parnaíba (1944, p. 242)

O rádio foi essencial para incentivar as modificações na rotina diária da população, o comércio e a indústria, as empresas de produção de bens, de todos os tipos encontraram no rádio seu potencial de propagação e convencimento e o poder de criar necessidades de uso de novos produtos, sobretudo por meio das propagandas dentro da grade de programação.

Existem alguns traços expressivos na grade de programação da Rádio Educadora de Parnaíba que até hoje são lembrados pelos entrevistados ou aqueles que trabalharam na emissora. E fazem referência à transmissão de comunicados para o interior de municípios circunvizinhos como um dos serviços de utilidade pública mais importantes realizados pela emissora ao longo dos seus mais de sessenta anos de existência. A Educadora trazia ainda em sua grade de programação diária de acordo com o Jornal O Sino (1944 p.3)

Mantinha ainda um noticioso "Jornal da Onda" entre 18h14 e 18h29, serviço telegráfico e o "Jornal Delta", entre as 21h30 e 21h45, boletim comercial e serviço telegráfico, expediente da prefeitura às 19h25, a posição das embarcações da União Fluvial Ltda às 19h55, cotações para gêneros de exportações do Piauí com o programa "Casa Inglesa", entre 19h30 e 19h45.

A emissora durante os primeiros anos de vida manteve um caráter de utilidade pública, como verificado na afirmação anterior esta característica tomava a emissora líder de audiência principalmente no horário noturno - considerado até hoje horário nobre -, devido às informações e serviços relevantes que prestava a toda a comunidade parnaibana. É possível notar que o Estado, representado pela Prefeitura Municipal se aproveitava da audiência da emissora para se beneficiar através de um espaço publicitário diário no qual dispunha aos ouvintes todo o seu expediente burocrático.

Quanto à posição das embarcações da empresa União Fluvial Ltda, eram informações de vital importância para os passageiros ribeirinhos que necessitavam deste serviço para sua locomoção e deslocamento para os centros urbanos, em busca dos mais variados serviços e compra ou venda de produtos para sua sobrevivência diária.

O programa "Casa Inglesa", que era apresentado entre as 19 horas e 30 minutos e 19 horas e 45 minutos, informava a cotação de gêneros para exportações do Piauí, era gerido e financiado pela empresa homônima que durante as três primeiras décadas do século XX havia ampliado significativamente o seu raio de ação, na venda dos mais variados produtos manufaturados importados principalmente da Europa para o Piauí, foi fundada ainda no século XIX e contava com "a maior frota de caminhões do estado no ano de 1942", (Almanaque da Parnaíba, 1943, p.194), conseguia através dos microfones da Rádio Educadora, influenciar uma enorme parcela dos ouvintes na compra de seus produtos que eram noticiados nos intervalos do informativo sobre o preço dos gêneros exportados do Piauí.

O "Jornal Delta", além apresentar as notícias locais e regionais, reprisava as notícias nacionais e internacionais que haviam sido divulgadas no "Grande Jornal E 7". Notícias que eram captadas por seus funcionários – em um processo chamado Rádio Escuta -, principalmente da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, criando assim um ar de exclusividade e instantaneidade dos fatos.

Além das notícias, é imensurável a importância deste serviço quando se verifica que a Rádio Educadora entre as décadas de 1940 e 1960 constituía-se no meio quase que exclusivo de comunicação entre a cidade e o campo. A lenta e gradual intensificação da comunicação entre, a cidade e o campo, também provocou neste último a procura e o acesso a bens produzidos no meio urbano. Entre os diversos equipamentos disseminados como indispensáveis para a moradia, tanto no meio rural quanto no urbano, encontrou no aparelho de rádio um bom exemplo.

Além disso, a emissora se mostra preocupada com a grade de programação e se destaca criando um estilo que lembrava as grandes emissoras do Brasil como afirma Benjamin Santos,

A Rádio Educadora da Parnaíba (PRJ 4 - ZYE 7) marcou história na cultura piauiense nas décadas de 1940 e 1950. Com programação na mesma linha da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a Educadora buscava também o mesmo nível das emissoras do sul. O estúdio era isolado por enorme cortina de vidro transparente, com auditório confortável e transmissão de alta potência. (2008, p.3).³⁶

Em sua época de ouro (1940 - 1960) a Rádio Educadora da Parnaíba chegou a ser comparada, em termos de qualidade de elenco, às Rádios do Sul do país, como destacou Benjamin Santos. Foi uma fase de grande desenvolvimento da Rádio Educadora, com ampliação de sua programação noticiosa, esportiva, radioteatro ao vivo, musicais e programas de auditório.

³⁶ Para compor este trabalho, foram necessários reunir uma série de entrevistas, a maioria foi concedida ao professor Francisco Alcides do Nascimento, fazem parte do projeto Memória Científica e Tecnológica da UFPI e estão à disposição pública, no acervo do Núcleo de História Oral (NHO) da Universidade Federal do Piauí, além deste material, também foram utilizadas entrevistas feitas por mim. A entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. E de acordo com Francisco Alcides do Nascimento (2006, p.20) "Os narradores aqui apresentados ajudam na compreensão da atividade radiofônica como uma atividade importante para a sociedade. Constroem uma memória que respalda a produção de certa história, não apenas do rádio, mas também da cidade onde eles moravam/moram e trabalhavam/trabalham e de algumas atividades econômicas que nela eram/são desenvolvidas. Cada detalhe faz parte de uma memória que está relacionada com o vivido, com a experiência, mas também com a fantasia, com a vontade de ser outro".



Fotografia 09 – Formatura da turma de concludentes do Colégio das Irmãs, 1945.
Fonte: Arquivo particular da senhora Maria Auxiliadora.

A emissora também cobria eventos e festividades que tinham certo destaque na sociedade parnaibana, como por exemplo, o da fotografia acima; onde se nota a presença da Rádio Educadora através de seu locutor Nelson Chaves que segura o microfone durante o anúncio nominal das concludentes do ensino secundarista do Colégio das Irmãs. Mais ao fundo e à esquerda sentado (o segundo da esquerda) está Alcenor Madeira que neste momento é o superintendente da emissora e convidado de honra neste evento.

O Rádio, por suas características, foi impondo várias alterações na rotina dos parnaibanos. É difícil ter-se a medida exata destas alterações. Este, conseguiu finalizar o isolamento no qual viviam os homens e conseguiu também dar ao homem o sentimento de pertencimento e de fazer parte de uma comunidade.

O Rádio também foi, para o homem moderno, o primeiro meio de comunicação disponível, que assumiu esta feição fascinante: falar, ao mesmo tempo, a um indivíduo ou a uma coletividade cobrindo grandes distâncias. Com uma extensa programação que incluía a informação, a música popular ou erudita, a Rádio Educadora foi alterando a rotina dos parnaibanos.

Mantinha na sua grade um programa para o jantar, das 18 h às 19 h, música popular de estúdio entre as 21 e 22 horas, música de concerto entre 22 e 23h e aos sábados, música para dançar entre 21h45 e 23h45, oferta da firma Moraes & Cia. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1945, p.189)

Aos sábados à noite a partir das 08 horas a Rádio Educadora transmitia um programa chamado “Bazar da Alegria” que era considerado o “Baile da cidade” (CAMPOS, 2003, p.2). Ocorria em vários pontos da cidade, uma espécie de salões particulares onde invariavelmente os cidadãos que tinham aparelhos de rádio convidavam vizinhos, parentes e amigos para dançar ao som das ondas da Rádio Educadora.

Lembrei agora de um programa que marcou época, chamado “Bazar da Alegria” porque o nome [...] ele era apresentado aos sábados de 8:00 a meia noite , as pessoas improvisavam festinhas em casa , festa dançante ai ele se rodavam digamos 15 minutos de música e ai se fazia um breve intervalo comercial e ali até agente dizia “Enquanto você vai beber uma água, um refrigerante , uma coisa é um pequeno intervalo para os nossos comerciais e em seguida vamos continuar dançando ao som do radio baile bazar da alegria , eu apresentei durante um bom tempo aos sábados a noite. (LOPES, 2004, p. 8)

Esta prática pode ser observada ao longo das décadas de 40 e 50 em todos os bairros da cidade. Segundo entrevista concedida pelo senhor Mario Campos,

[...] Eles tinham um programa, Bazar da Alegria, esse programa Bazar da Alegria, era um programa musical que começava às 8 horas da noite, não é, ia até as 10 da noite, só música para dançar, pouquíssimo comercial e quando eu queria fazer Bazar da Alegria na minha casa, eu colocava o rádio nesse terraço, colocava outro rádio naquela sala e na hora que começava o Bazar da Alegria, eu ligava o rádio daqui e liderava o rádio da sala e enchi o ambiente de música e a casa cheia de rapazes e moças a gente ia dançar por duas horas, de 8 horas às 10 horas. (2003, p.2)

Observa -se diante desta afirmação o poder que a programação radiofônica exercia sobre as sociabilidades do cidadão parnaibano, são essas as novas sociabilidades engendradas pela reconfiguração da mídia sonora. Pela característica original de construir discursos com o exclusivo apoio de sons (locução, sonoplastia,

música etc.), o rádio aguça a imaginação e constrói um vínculo entre a audiência e o real e também entre os próprios ouvintes.

Sob a direção e apresentação de Nelson Chaves que era locutor chefe e fazia ainda parte da direção como diretor executivo, era preparada e executada diariamente toda a programação da Rádio Educadora de Parnaíba. “Programação essa, que era batida a máquina com duas cópias em carbono, uma cópia para o apresentador do programa, uma cópia para a cabine de som e a outra para o arquivo.” RODRIGUES (2008)

Os programas de calouros eram apresentados no auditório da própria Rádio que ficava lotado aos sábados, domingos, feriados e em datas festivas programadas pela rádio. Era dividido em concurso de calouros e de brincadeiras com prêmios, ofertados pelas empresas locais. Era uma mistura dos programas de hoje como o de Raul Gil da Rede Bandeirantes de Televisão e Silvio Santos da rede SBT de televisão.

No natal a rádio apresentava um programa especial que durava o dia inteiro e atendia pedidos de ouvintes através de cartas que chegavam com um mês de antecedência. Famílias pobres, pessoas em dificuldades financeiras, pediam desde concertos em seus telhados, paredes caindo até empregos.

Há um caso citado pela Senhora Maria do Socorro Rodrigues (2008) filha do locutor e apresentador Nelson Chaves, onde ela recorda que "Lembro-me de uma carta que chegou em um desses natais, de uma menina que pedia de presente uma rede nova para dormir". RODRIGUES (2008).

Este programa de natal era patrocinado por empresas como: James Frederick Clark, lojas Rosemary, Fábrica de Guaraná Cacique, Sabão Morais entre outras, além das doações de parnaibanos mais abastados e emocionados, era possível realizar muitos destes desejos e sonhos.

Outro fato interessante era a preparação dos noticiários: as notícias eram anotadas pelos funcionários que ouviam pelo rádio, através do programa *Repórter Esso* da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, logo depois eram batidos à máquina e retransmitidos pelos noticiários da Educadora, um desses programas de notícias era o “Grande Jornal E 7” que ia ao ar, meia hora depois do Repórter Esso e criava uma atmosfera de certa credibilidade à Rádio Educadora.

Assim, eles estavam sempre em dia com as notícias, já que as retransmissões das notícias se davam trinta minutos após o Repórter Esso, os outros jornais, reprisavam estas notícias em seus respectivos horários.

2.5 CHÃO DE ESTRELAS: a vinda de estrelas nacionais do Rádio para Parnaíba.

Nelson Chaves também era responsável em contratar artistas que estavam no auge da fama. Estes artistas, no geral, realizavam suas apresentações no Cine Teatro Éden, devido à imponência do lugar com seus camarotes laterais e o salão enorme com um palco igualmente grande. O Cine Teatro Éden, ficava lotado com todos ingressos esgotados bem antes das datas dos shows. Podemos citar alguns nomes de artistas trazidos e contratados por Nelson Chaves como: Ângela Maria, Cauby Peixoto, banda Black Out, etc.

Nelson Chaves ajudava na administração, contratava cantores do *Cast* nacional para apresentações em Parnaíba, arrendava o Cine Teatro Éden, e contratava estes cantores através dos empresários de Parnaíba. A vinda aqui desses cantores era facilitada devido ao grande fluxo de tráfego aéreo registrado em Parnaíba. Algumas companhias aéreas, como por exemplo, a *Panair* tinha linhas e horários permanentes no aeroporto da cidade.

Quando estes cantores iam se apresentar em São Luís, Nelson Chaves entrava em contato com seus empresários e eram feitos contratos fechados via telegrama, para se apresentarem no Cine Teatro Éden, e depois em grandes bailes no principal clube da cidade, o Cassino 24 de Janeiro. A Rádio Educadora de Parnaíba transmitia todos esses espetáculos a partir do palco do Éden e depois do palco do Cassino.

Na fotografia abaixo é possível observar a presença da emissora personalizada na figura de Nelson Chaves ao apresentar tanto para o público presente quanto aos ouvintes da Rádio Educadora.



Fotografia 10: Banda Black-Out sendo apresentada por Nelson Chaves em maio de 1955.
Fonte: arquivo particular da Senhora Maria do Socorro Rodrigues

As famosas orquestras que se apresentavam em Parnaíba trazidas por Nelson Chaves, realizavam suas apresentações e shows nos clubes: AABB, Cassino 24 de Janeiro ou já mais tarde, no Igara Clube de Parnaíba. Nos clubes as orquestras de Rui Rey, Nereida e sua Orquestra são as mais lembradas, pelos entrevistados.

[...] por aqui passaram também a Orquestra Cassino de Sevilha, apresentando no palco do Éden e transmitido pela Educadora e depois em Grande Baile na Associação Atlética Banco do Brasil, certo? Aqui passou também Silvio Mazuka que morreu recentemente em São Paulo, ele era de Orquestra de Baile, sem se falar na Grande Orquestra de Rui Rei, que era contratado pela Educadora para se apresentar no palco do Éden e depois em Grande Baile no Cassino 24 de Janeiro que era o principal Clube da cidade era um clube fechado não é? E que depois tivemos a Associação Atlética do Banco do Brasil a AABB, que toda essa gente que se apresentou pela segunda vez também se apresentaram na AABB. Por aqui também vieram a Orquestra Tabajara da Paraíba, hoje a Grande Orquestra Tabajara sob a regência do Maestro Severino Araújo, cujo sou um grande admirador e tenho todos os seus cd's aí, pois bem, tudo isso está encaixado na história da Rádio Educadora de Parnaíba. (CAMPOS, 2003, p.4)

Como se pode perceber na imagem abaixo, a Orquestra de Ruy Reis sendo apresentado por Nelson Chaves ao vivo para os ouvintes da Rádio Educadora de Parnaíba, na sua segunda apresentação em setembro de 1947, no clube da AABB que funcionava na Praça da Graça próximo ao Cine Teatro Éden onde a orquestra havia se apresentado antes.



Fotografia 11: Orquestra de Ruy Reis sendo apresentada no Clube AABB, por Nelson Chaves.

Fonte: arquivo particular da Senhora Maria do Socorro Rodrigues

Já Luiz Gonzaga e Sivuca fizeram seus shows em praça pública (Praça da Graça), principal logradouro público de Parnaíba, devido ao grande número de pessoas que queriam vê-los, e seus shows também foram irradiados ao vivo pelas ondas sonoras da Rádio Educadora.

Como podemos ver na fotografia abaixo onde Ângela Maria se apresentou no palco do Cine Teatro Éden, pois o auditório da emissora era muito pequeno para

este tipo de evento e não comportava o público que se acotovelava e estava ansioso para conhecer uma autêntica estrela do Rádio nacional.



Fotografia 12: Nelson Chaves apresentando a cantora Ângela Maria.
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria do Socorro Rodrigues (filha de Nelson Chaves)

Ângela Maria ainda foi entrevistada e ao vivo cantou alguns de seus mais conhecidos sucessos nos estúdios da Radio Educadora e acompanhada dos músicos do seu conjunto musical que era conhecido como “Regional” CAMPOS (2003, p.5) e que faziam parte do *Cast* da emissora.

2.6 A vinda de Getúlio Vargas e os discursos políticos na Educadora

O rádio que informa e também desinforma, que faz rir e faz chorar, muitas vezes foi transformado em palanque eleitoral ajudando a eleger muitos políticos brasileiros principalmente os que mantinham algum controle sobre as emissoras nas décadas de 40 e 50 em todo Brasil e seu alcance guardado as devidas proporções, abarcava quase todo o território brasileiro e ajudando a criar uma nova identidade nacional.

A Rádio Educadora também fazia a cobertura de visitas de políticos famosos em Parnaíba, como Getúlio Vargas, Café Filho, Eduardo Gomes e Ademar de Barros. Como nos confirma em entrevista o senhor Mário Campos, “Ademar de Barros, não é? Cristiano Machado, Getúlio Vargas, um dos grandes comícios na Praça da Graça e que a Rádio Educadora transmitia de lá, se fosse de dia era de dia, se fosse de noite, era de noite”. (2003, p.4)

Durante o ano de 1950 o então candidato à presidência da república Getúlio Dornelles Vargas percorre o Brasil em campanha política, no final de agosto visita o Maranhão e no começo do mês de setembro visita o Piauí, começando pela capital Teresina. Após discursar em Teresina, Vargas e sua comitiva seguiram para Parnaíba, em fins de setembro de 1950. Em Parnaíba Getúlio Vargas e Café Filho fizeram propaganda política e Getúlio sabia como ninguém que o uso dos microfones lhe garantiriam uma votação mais expressiva, por isso mesmo fez questão de fazer seu discurso na Praça da Graça – principal da cidade, onde foi montado um palanque especialmente para a ocasião.

Através de uma linha telefônica e os equipamentos necessários que foram montados no palanque com esta finalidade, os discursos de Vargas e Café Filho foram irradiados pela Rádio Educadora para todo o estado do Piauí, mas outras partes do território brasileiro puderam ouvi-lo porque nesta ocasião a Rádio Educadora já empregava as ondas curtas.

[...] e a Educadora lá, com suas instalações e tal e transmitia a, ela tinha a mala de som e chegando lá, o operador instalava aqui a mesa de canais, não é, aí tudo direitinho lá e tal e aí pegava o mesmo canal dela e aí chamava, fazia a chamada e o cara do estúdio ouvia a chamada e falava aqui e ele ouvia lá, e falava lá e ouvia aqui, e dizia ok!, aí testava, aí na hora de começar a solenidade, ou o próprio comício ele abria aqui e dizia, alô estúdio... alô estúdio, ok!... ok!, aí começava ali a transmissão de todas aquelas jornadas políticas[...]. (Idem, p.18)

A Praça da Graça é apontada pela maioria dos entrevistados como um lugar de encontro de toda a sociedade, é o lugar para onde se deslocam os moradores da cidade, uma vez que é em torno dela que estão localizados: o cinema, os bares mais frequentados, a igreja matriz, sem falar dos shows proporcionados pela Rádio

Educadora de Parnaíba que ali eram realizados. Sendo, portanto um lugar importante de entretenimento da cidade.



Fotografia 13- Nelson Chaves entrevista o então candidato Café Filho nas eleições de 1950.
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria do socorro Rodrigues (filha de Nelson Chaves)

O conteúdo resumido do discurso de Getulio Vargas pode ser verificado nos trechos abaixo, onde Débora Kfuri Regal em sua Tese de doutorado intitulada, *GETÚLIO VARGAS VOLTA AO CATETE: a estratégia de propaganda varguista nas eleições de 1950*. Resume assim,

Em Parnaíba Vargas continuou falando sobre a falta de atenção ao Estado por parte da União. Afirmou que o Brasil tinha uma dívida com o Piauí que precisava ser saldada. Falou novamente sobre a possibilidade de industrialização da carnaúba na própria região. Por fim, despediu-se afirmando que projetava uma Parnaíba desenvolvida, de que seus habitantes pudessem se orgulhar. (2007 p.77)

Segundo o senhor Francisco Costa (2008) em entrevista concedida, afirma que participou na parte técnica do discurso do Getúlio Vargas que ocorreu na cidade e que foi transmitido pela Rádio Educadora. Quando lhe perguntamos se outros

políticos conhecidos nacionalmente fizeram discursos transmitidos pela emissora, ele lembra de Jânio Quadros e ainda o do João Goulart “[...] do Partido Trabalhista Brasileiro era uma potência naquela época” (2008, p.3).



Fotografia 14 – Imagem panorâmica da Praça da Graça informando que o comício de Getúlio Vargas, levou para aquele logradouro um bom publico.
Fonte: arquivo pessoal do senhor Helder Fontenele

Nesta fotografia datada de 1950, é possível observar a multidão que se formou em torno da Praça da Graça em função do discurso de Getúlio Vargas quando de sua visita em Parnaíba na campanha presidencial. Infelizmente, a qualidade da imagem nos furta uma maior precisão sobre a figura de Getúlio em meio às pessoas que o cercam na hora do discurso em cima do coreto.

[...], por exemplo, o comício do Getúlio Vargas, quando ele veio vinha chegando de avião e o povo ia de pés para o aeroporto, não era asfaltada, era piçarra, o povão todo de pés, não é, aí ele lá do avião, ele mesmo disse na praça da Graça, chegou e disse, o que é aquilo? É um rio, o que é aquilo? E eu disse, não, doutor Getúlio, é o povo que veio para lhe receber e quando ele chegou, tava um automóvel de linha na REFESA, carro de linha, ele veio com a caravana dele, e esse automóvel de linha tinha um motor ford, um motor chevrolet e tal e ele vinha, veio no carro, mas o carro não foi preciso colocar para funcionar não, porque o pessoal veio foi empurrando mesmo, empurrando tá, certo, pois bem, então ele foi uma passagem muito marcante. (Ibidem, p.17)

2.7 Religião: Roteiro de uma história

2.7.1 A criação do Bispado de Parnaíba

Pensar o rádio e pensá-lo com um instrumento tanto de utilidade pública como um incentivador ou ainda como promotor de campanhas de caráter local, com grande poder de alcance e penetração social, é atribuir-lhe ainda, um caráter disciplinador e que pode ser analisado através de algumas campanhas realizadas pela Rádio Educadora de Parnaíba que obtiveram bastante êxito.

Em uma dessas campanhas a Rádio Educadora de Parnaíba, ajudou significativamente na criação do Bispado de Parnaíba que se desenrola a partir de 1941. O Bispado era um sonho parnaibano que remonta ainda do século XIX, quando foi enviado ao papa Leão XIII em 1898 um memorial com assinaturas da maioria dos católicos parnaibanos solicitando a criação de um Bispado no Piauí, com sede na cidade de Parnaíba.

Apesar do Bispado ter sido criado em 1905 na cidade de Teresina, os parnaibanos continuavam lutando para trazê-lo à Parnaíba. E foi com a ajuda da Rádio Educadora que este projeto começou a ganhar forma. Através das campanhas Radiofônicas que foram criadas as primeiras comissões arrecadadoras de fundos para a compra do patrimônio da casa paroquial que seria a sede da diocese.

De acordo com o ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1941, p.247) fora realizado “O CONCURSO DA PRJ-4” em prol da instalação do primeiro Bispado na cidade de Parnaíba, como aparece a seguir:

A campanha pró Bispado de Parnahyba começa a se alastrar em todas as classes sociais. Nem podia deixar de interessar-se vivamente pela causa a família parnahybana, a elite da inteligência e a elite argentaria, como a sociedade pobre que aspira com a simplicidade de sua fé brotam o advento do reinado social de Christo com a criação do primeiro Bispado de Parnahyba.

Com a liderança do padre Roberto Lopes Ribeiro à frente dos microfones da Rádio Educadora, toda a sociedade católica da cidade foi mobilizada e encorajada

maciçamente a fazer doações para a sua criação. “Domingo passado falou nosso amigo José de Souza Brandão; hoje ocupará o microphonio da Rádio Educadora nosso colaborador Benedicto Correia, alto funcionário da prefeitura”. (Jornal O SINO, 1940, p.6).

E, contando com a participação destes intelectuais, outros profissionais também foram convidados a se pronunciar em prol da causa: professores, religiosos, estudantes, comerciantes que se engajaram para a criação do primeiro Bispado de Parnaíba. Todos os domingos no horário das 20 horas, uma personalidade parnaibana fazia um discurso em prol da instalação do Bispado utilizando os microfones da Rádio Educadora.

Todos devem contribuir como já se disse, o pobre como pobre, o rico como rico – ou seja, desde mil réis a contos de réis – num só desejo de ver transformada a igreja da querida Nossa Senhora da Graça em Cathedral. Onde o solo episcopal seja um atestado eloquente da grande fé do povo parnahybano que tem como centro de nobreza a família parnahybana. A Rádio Educadora de Parnahyba vem prestando valioso concurso na propaganda da causa parnahybana, pondo-se à disposição do nosso vigário para irradiações sobre o assunto. E assim, é que todos os domingos às 20 horas, temos um orador na PRJ-4 conclamando os parnahybanos para o grande certame pela conquista do ideal da criação do Bispado de Parnahyba. ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1941, p.247)

No anúncio acima é perceptível a intenção da igreja de se deslocar para a mídia, uma vez que a mídia cria certa visibilidade social. A mídia faz parte da massa de tal forma que só nela e nela mesma que se constitui a linguagem comum. A programação da emissora de rádio desempenhava uma ampla influência sobre a imaginação dos parnaibanos de uma maneira geral. O que contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento de uma indústria da Radiodifusão, que por si só, atribuiu enorme importância junto à opinião dos ouvintes, colaborando para que os mesmos se envolvessem diretamente aos movimentos e desafios que moldavam a vida política e cultural da cidade. Esta campanha junto a outras ações culminou com a instalação do bispado.

Nos depoimentos sobre a Rádio Educadora que obtivemos, um dos programas mais lembrados na linha de programas com caráter religioso, é *A hora do Angelus*, que durante muitos anos foi ao ar diariamente, de segunda a domingo, das 18 às 19 horas. A emissora, entre tantos outros programas, transmitia “A Hora do

Angelus” como um programa de meditação que visava principalmente à família parnaibana.

É preciso lembrar ainda que o programa tinha muita audiência e era ouvido pela maioria da população como programa religioso. A seguir temos um trecho extraído de um roteiro de locução produzido Fonseca Mendes – um dos primeiros locutores da emissora -, para ir ao ar em 1984. O roteiro tinha por finalidade principal resgatar parte da memória da Rádio Educadora e ainda reunir os homens-memória que trabalharam na emissora.

Este programa seria inicialmente protagonizado por antigos colaboradores sob o comando de Fonseca Mendes, que no decorrer de sua existência contribuíram para seu funcionamento, intitulado: PRKK - Rádio Três cocos, PRJ4 – Rádio Educadora de Parnaíba: Roteiro de uma história (1983).

Este roteiro foi elaborado em ordem cronológica dos acontecimentos da emissora registrados na memória de Fonseca Mendes, destacaremos *A Hora do Angelus* por se tratar de um programa com características religiosas.

Seis horas da tarde, **HORA DO ANGELUS**, a música de Charles Gounod, evocativa da Virgem Maria, enchia os céus de Parnaíba, levada pelas ondas sonoras da rádio educadora (...) eram momentos de contrição, de reflexão, de breve penitência, de amor a deus e às pessoas, Ave, Maria (...)

Os acordes vão crescendo. Não muito tempo.

A "Ave, Maria" é cortada pelo prefixo da rádio. Após isso, música de época. A Rádio Educadora de Parnaíba foi se irmanando cada vez mais com o espírito, o jeito de ser, com as maneiras do nosso povo.

Depois da "ave, Maria", era a hora do jantar.

E entram, fortes, os acordes de uma valsa vienense.

Dura pouquíssimo.

Baixa para a fala do locutor, que continua.

E era a hora de se ouvir, lindíssimas valsas. Valsas vienenses. (1983, p.5).

Como se pode notar na citação acima, o programa “a Hora do Angelus” era um momento de reflexão para os ouvintes e as mensagens tinham a função de despertar neles sentimentos de caráter religioso. Além disso, segundo o autor, a emissora foi “SE IRMANANDO CADA VEZ MAIS COM O ESPÍRITO, O JEITO DE SER, COM AS MANEIRAS DO NOSSO POVO” (1983, p.5), esta afirmação denota a aproximação que a emissora tinha com os ouvintes.

É possível então apreender, a partir do discurso de Fonseca Mendes o elevado grau de audiência que a emissora conseguia obter neste horário. Segundo levantamento estatístico do ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1944, p.237) mais de 85% dos parnaibanos se declaravam católicos.

De acordo ainda com o Fonseca Mendes o programa ocorria na hora do jantar, o autor acrescenta “[...] quem não teria apetite e uma ótima digestão com um cardápio desses?” (1983, p.5). É importante ressaltar que durante as pesquisas este programa foi citado por alguns entrevistados, como no caso de Benjamin Santos (2008, p.4) que afirma:

Eu sei dos programas mais ouvidos (...) e..., e os programas de meditação que também eram copia, copia do...da Rádio Nacional (Rio de Janeiro), a Rádio Nacional tinha seis horas da tarde um programa ... uma crônica de uns cinco minutos de meditação do... eu vou lembrar do nome agora.... César... não vou lembrar do nome não, aqui na Radio Educadora que acontecia as seis horas da tarde (...) não eram orações... era tipo Ave Maria, era tipo **Hora do Angelus**, alguma coisa assim, e **eram crônicas muito, muito ouvidas**. Grifo Nosso.

Benjamin Santos então confirma, o discurso de Fonseca Mendes de que o programa era “muito ouvido”, confirma o horário e a característica de meditação além da religiosa e acrescenta que o programa era uma cópia de outro exibido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro que naquele momento histórico funcionava como uma espécie de Vitrine, para as emissoras de rádio no Brasil.

2.8 O alcance da Rádio Educadora

Entre tantas invenções da era moderna, o rádio merece um destaque especial, afinal, encurtou distâncias, aproximou culturas e trouxe para dentro das casas - independente da classe social -, a informação e o entretenimento através do som.

O rádio foi essencial para incentivar as transformações dos hábitos da população; as indústrias, as empresas de produção de bens, tais como alimento,

vestuário, cosméticos, entre outras, encontraram no rádio seu potencial de propagação e convencimento e o poder de criar necessidades de uso de novos produtos, sobretudo por meio das propagandas. A associação entre esse modelo de produção em série que se instaurava, nas indústrias e nas empresas de prestação de serviços caracterizavam uma nova sociedade: a sociedade de consumo.

Rádio Educadora de Parnaíba S/A

EMISSORAS:

PRJ-4 **ZYE-7**

1470 KILOCICLOS
(204, 1 METROS)
(ONDA LONGA)

4825 KILOCICLOS
(62, 18 METROS)
(ONDA MÉDIA)

Escritório e Estúdio:
Praça Santo Antonio, 880—Caixa Postal, 31—Fone: 199

Telegramas: «EDUCADORA»

Transmissões:
Avenida Jaime Rosa, 1190 — Bairro Nova Parnaíba

Parnaíba - Piauí - Brasil

Ajude o seu sistema de vendedores e representantes no nordeste brasileiro anunciando os seus produtos pelas ondas simultâneas de:

PRJ-4 e ZYE-7

Centenas de anunciantes de todo o Brasil, atestam satisfeitos, a eficiência direta da publicidade pelas emissoras reunidas de:

PRJ-4 e ZYE-7

Incorpore-se ao número desses anunciantes satisfeitos. Peça nos orçamentos e esclarecimentos, sem compromissos.

REPRESENTANTES:
Alceu N. Fonseca & Cia. Ltda.
Rio de Janeiro: Avenida Rio Branco, 138 - 6.^a
Caixa Postal, 8098 — Telefone, 22-6453
S. Paulo: Rua Florencio de Abreu, 157 — 10.^a andar
Conjunto 1005

Fotografia 15: Propaganda da Rádio Educadora de Parnaíba no jornal O Sino 1951.
Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1951 p. 12).

Após a aquisição do transmissor de ondas médias na faixa dos 62 metros, a Rádio Educadora de Parnaíba amplia consideravelmente seu raio de ação, passando a transmitir seus programas para todo o território nacional, o que a torna uma estação ainda mais atrativa para os patrocinadores. É a partir deste momento que sua programação é ouvida não só no estado do Piauí, como no Brasil, além de outros países.

Em 1943, com parte do edifício já construído, as novas instalações da Rádio Educadora de Parnaíba foram inauguradas e foi ao ar a nova emissora da PRJ-4 com o transmissor de ondas médias instalado e devidamente inaugurado de acordo com o Jornal O Sino (1943, p.2) “em solenidade realizada na praça da graça com a presença das autoridades locais e membros destacados da sociedade parnaibana, com suas ondas ultrapassando muitas fronteiras”.

As rádios que operam na faixa de frequência de ondas médias são as que conseguem atingir maiores distâncias, ultrapassando, por exemplo, as fronteiras de um país. Essas ondas têm maior alcance do que as ondas longas. A Rádio Educadora ampliou significativamente seu raio de ação com a compra de um novo transmissor de ondas médias,

Por uma feliz coincidência os nossos transmissores se encontravam numa posição privilegiada, que permitia sermos ouvidos pelos nossos soldados, de onde recebemos cartas de alegria por escutaram. De toda nossa região, somente a nossa emissora mantinha contato com os pracinhas na Itália. (ALVES, 1993 p.6).

Da Itália, os pracinhas de quando em quando, remetiam cartas confirmando a limpidez da transmissão ocupando, inclusive, por um bom tempo, lugar de destaque na rede radiofônica parnaibana.

Segundo informações colhidas em um artigo intitulado “40 anos no ar”, escrito por Rubem Freitas e publicado no jornal de Parnaíba Folha do Litoral (1980), os praças brasileiros da FEB³⁷, escreviam cartas contando histórias de seu cotidiano e enviando notícias sobre o front de batalha na Itália. Rubem Freitas neste artigo fala sobre o longo alcance da Rádio Educadora e como o sinal de ondas médias conseguia alcançar a Europa que naquele momento estava em guerra (1939-1945), e afirma: “Nessa estação de ondas médias realizamos um feito que até hoje é o maior da radiodifusão piauiense e um dos maiores do Brasil como passamos a relatar”. (FREITAS, 1980, p.4).

³⁷ A Força Expedicionária Brasileira, conhecida pela sigla FEB, foi a força militar brasileira de 25.334 homens que lutou ao lado dos Aliados na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Constituída inicialmente por uma divisão de infantaria, acabou por abranger todas as forças militares brasileiras que participaram do conflito.

De acordo com Freitas “Nessas forças estavam dois parnaibanos Alciomar Melo e Alcione Melo ambos tenentes da infantaria, filhos de Antonio Otavio de Melo um dos diretores da emissora.” (idem)

Mais adiante neste artigo, Rubem Freitas ainda afirma que o maior feito da emissora foi o contato radiofônico entre pai e filhos, que previamente fora estabelecido e depois confirmado via telegrama:

[...] Antonio Melo, havia aprazado com eles o dia e a hora em iríamos tentar contatar-nos pelo rádio, com os mesmos, e, chegada na hora aprazada, lá estava nosso companheiro Fonseca Mendes, ao microfone, tentando o histórico contacto. (1980, p. 4).

O ano que ocorreu este contato, de acordo com Rubem Freitas foi, ou no final de 1944 ou início de 1945, estas informações são extremamente relevantes do ponto de vista memorialístico da radiofonia piauiense, pois acrescentam uma enorme riqueza de informações e dá maior visibilidade para o estudo da radiodifusão em particular no pioneirismo da Rádio Educadora.

Em entrevista feita pelo professor Francisco Alcides do Nascimento com senhor Francisco Elisiário quando pergunta se a emissora tinha grande audiência e a resposta foi: “Tinha uma audiência doida, meu irmão recebia carta da Filadélfia, carta, dizendo: “[...] olha escutam os vocês aqui coisa e tal, tal e tal” elogiando e tudo mais, é tinha um alcance muito longo”. (ELIZIÁRIO, 2004, p.9).

Rubem Freitas que trabalhou na Rádio Educadora, afirma em que também recebeu correspondências do exterior, [...] Há quem sintonize a Educadora por aí, agente sempre recebe carta, eu mesmo recebo carta do Rio de Janeiro, de São Paulo, recebo, até do exterior, já recebi. (FREITAS, 2004, p.3).

O locutor da Rádio Educadora de Parnaíba Mário Campos, em seu depoimento afirma,

[...] que ela tem um alcance muito grande, ela tem um painel, um mural onde tem cartas e mais cartas do exterior, quem escreve dá a hora que sintonizou, o programa que estava escutando, tudo direitinho, até o prefixo, e essas cartas, vieram cartas da Holanda, veio cartas de muitos países, né, de navios cargueiros, que navega na nossa costa, passa no oceano atlântico, nós estamos bem perto dele, não é, eles passam lá, e eles lá, sintonizavam no rádio deles, a Educadora, e muitas vezes eles mandavam cartas, dia tal, tanta

horas, deixando o Porto Itaqui, de São Luis, em direção a Fortaleza, no Porto de Mucuripe, em certa altura na costa litoral piauiense sintonizava a rádio Educadora, tantas horas no programa tal. (CAMPOS, 2003, p.10).

O senhor Jaime Lins também locutor da emissora assegura que:

[...] nós chegamos até ter o alcance a nível nacional e internacional abrangendo mais a Europa, era comum receber cartas de pessoas que gostavam de radio, fita daquele tempo era em rolo né, eles mandavam na carta dizendo “olha ai na fita ta comprovando o horário, o nome do locutor, as propagandas veiculadas aquela coisa e tal, vinha muita carta da Suécia, Suíça, da Finlândia isso era uma rotina quase toda semana ouvintes que mandavam pedindo em troca foto-postal e alguma informação sobre o Piauí. (2004, p.7-8).

Um outro entrevistado que trabalhou na emissora, nas décadas de 40 e 50, o senhor Francisco das Chagas Sousa Costa, me revelou em sua entrevista que,

[...] agora lá, veio um engenheiro e mediu a altitude a li, e deu 12 m acima do nível do mar, naquele alto ali tem 12 m. A nossa torre de ondas médias tem 42 m e tínhamos muita potência alcançávamos os países brancos; Inglaterra e Japão. Austrália nós temos correspondência de tudo isso. (2008, p.3)

Quando lhe pergunto sobre o destino destas correspondências, seu Francisco Costa (2008, p.3) me responde que “Não sei onde foi ficar porque eu sabia pouco de inglês naquela época eu respondia as cartas deles lá e remetia pelo correio”.

Ao descobrir que o senhor Francisco Costa falava inglês, fui aos poucos conhecendo um pouco de sua história, e lhe pergunto onde ele aprendeu a escrever inglês, ele me informa todo orgulhoso que foi cabo da aeronáutica em Fortaleza e comandava um pequeno posto avançado quando “Sim eu escrevi um pouquinho, eu servi em uma base americana no tempo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e aprendi um pouco” (Idem). Seu Francisco Costa era o responsável pelas correspondências estrangeiras que chegavam à emissora, mas infelizmente não guardou nenhuma, pois segundo ele, “havia outras pessoas responsáveis por isso” (Ibidem).



Fotografia 16: Francisco Costa no estúdio da Radio Educadora em 1949.
Fonte: Arquivo particular do senhor Francisco Costa

Durante a realização da pesquisa, constatou-se que existem poucos documentos para se confirmar as afirmações dos entrevistados, é possível que existam outros, já que as dificuldades para encontrá-los é bastante grande.

Apesar de alguns dos entrevistados afirmarem que existam muitas correspondências do período que havia até segundo Mário Campos (2003, p.10), “tem um painel, um mural onde tem cartas e mais cartas do exterior”, e as cartas vieram de vários países, mas que aparentemente este material se perdeu ou foi destruído com o passar dos últimos sessenta anos da história da emissora.

A fotografia abaixo, mostra uma propaganda da Rádio Educadora de Parnaíba divulgada no jornal O Sino (1951, p.3) é possível ver claramente a expressão “OUVIDAS EM TODO O MUNDO” podemos supor que seria apenas uma jogada de marketing da emissora ou, se somarmos às declarações dos entrevistados devemos crer realmente no enorme alcance da emissora.

EMISSORAS P.R.J. 4
D A
«Radio Educadora de Parnaíba», S. A.

O mais eficiente veículo de propaganda no Estado do P
ONDAS CURTA E LONGA
Frequencia: — 1470 e 4025 kilociclos —
Ondas respectivamente de 204 e 62,16 metros


OUIDAS EM TODO O MUNDO
Horario de irradiações: — das 17.00 às 23.00 horas

AGENCIAS: Rio de Janeiro — Rua de Alameda, 41 — estas 405 e 406, Caixa Postal, 2008
São Paulo — Praça Martim, São 1129 C. e D. — Caixa Postal, 247
Terreiros — Rua Elton Mattos, 1587
Florianópolis — Foz de Itacorubi, Praça João Pessoa
Belo Horizonte — Francisco F. de Góes, Praça Getúlio Vargas, 85
São Luís — Agência Tinsell, Rua Joaquim Torres, 177, sala II — Caixa Postal, 208
Fortaleza — Agência Prada e Vasconcelos — Caixa Postal 200, Rua Manoel de

Fotografia 17: Propaganda da Rádio Educadora no jornal O Sino (1951)
Fonte: Arquivo Público do Piauí.

Durante a entrevista com o senhor Rubem Freitas ocorrida em sua residência na cidade de Parnaíba, encontramos uma correspondência que até aquele momento só existia na memória dos entrevistados, mas que veio confirmar o alcance da Rádio Educadora. Esta correspondência foi endereçada a locutora Maria Irma que fazia parte do “Cast” e sempre foi motivo de admiração por parte do senhor Rubem Freitas, que se considera seu fã incondicional e, por isso mesmo, guarda um acervo com matérias de jornal, fotografias e até correspondências de Maria Irma.

LARS RYDEN



Barrvågen 11,
Sollefteå, SUÉCIA
9 de abril de 1955

Dear Miss Irma,

Thank you very much for the photograph that you enclosed to the letter, which I - and the Radio Club Universal - received from your station. I was so glad to receive it.

I wonder if you can write or understand the English language, and, if so, if you want to correspond with me? I would be glad if you like to.

I am 20 years old and a student at a high school in Stockholm, the capital of Sweden. My photograph I sent to your station last year together with some photographs from Sweden, but I enclose a new one here.

Hope to hear from you soon. Best wishes from Sweden.

Yours sincerely,
Lars Ryden
Lars Ryden

TO MARIA IRMA FROM
YOUR SWEDISH LISTENER
LARS RYDEN

Fotografia 18: Correspondência enviada pelo ouvinte Lars Ryden da Suécia para Maria Irma.
Fonte: Arquivo particular do senhor Rubem Freitas

O ouvinte sueco Lars Ryden se apaixonou pela voz de Maria Irma e lhe enviou algumas correspondências, das quais algumas foram respondidas por Maria Irma e ambos anexaram fotos. Este telegrama foi por enquanto, a única fonte encontrada que credencia ainda mais as afirmações anteriores.

Diante disto, é possível atribuir ao meio radiofônico um grande potencial para envolver o ouvinte em sua mensagem, incitando emoções e sensações. Isto transforma o “fazer” rádio numa tarefa de despertar a imaginação daquele que está ouvindo, exercendo vínculos interativos com os seus ouvintes. Demonstrando que uma das principais características do rádio é a intimidade com o ouvinte.

2.9 Rádio, futebol e pioneirismo: A Memória em disputa

As transmissões esportivas no rádio, que aparecem nos anos de 1930 multiplicam-se e ganham mais popularidade no Brasil. Apesar do futebol ser hoje em dia, o esporte mais explorado pelos meios de comunicação, em 1894, quando foi trazido para o Brasil pelo inglês Charles Muller, não foi recebido com muito entusiasmo pela imprensa da época. Como retrata FONSECA:

As pequenas colunas quase escondidas que tratavam do assunto foram crescendo apenas à medida que as pessoas passaram a comentar o esporte praticado por um pequeno grupo de jovens da sociedade. É por isso que a linguagem inicial da imprensa em relação ao futebol traduzia a posição intelectual de praticantes e torcedores. (1997, p. 67)

O jornalista esportivo tinha um caráter mais literário ou eram literatos que narravam a partida, por carência de jornalista especializado, considerados como cronistas. Maluly (2004) relata que,

[...] os periódicos esportivos brasileiros preferiam abordar assuntos relativos às modalidades esportivas que estavam mais ligadas às camadas superiores da sociedade brasileira e destacavam o público, deixando a partida em segundo plano. A partir da cobertura desses

eventos percebeu-se que o esporte poderia ser um grande aliado do jornalismo, já que reunia, ao mesmo tempo, personalidades e notícia.

A primeira partida transmitida pelo rádio em Copas do Mundo ocorreu em 1938, na França, com o jogo Brasil 6 x Polônia 5. A partir da cobertura desses eventos esportivos compreendeu - se que o futebol poderia ser incorporado ao jornalismo, já que agrupava personalidades e notícia.

A primeira bola de futebol que se tem notícia na cidade de Parnaíba, de acordo com (O Piauí, 2008, p. 5) foi um presente de Mr. James da firma CHAMBERLAIN DONNER & CIA de Manchester na Inglaterra, e chegou à cidade, antes mesmo de 1913. A doação inglesa viria servir de incentivo à criação dos primeiros clubes de futebol em Parnaíba: O Internacional e o Parnahyba Sport Clube.

A partir da década de 30, Parnaíba passa a contar com vários clubes locais que foram se formando nos bairros da cidade, ao que tudo indica clubes bastante prestigiados, a maioria deles contava com sede própria. Entre estes clubes pode-se destacar: Belga Esporte Clube, Brasil Futebol Clube, Coroa Futebol Clube, Esporte Clube Fluminense, Ferroviário Atlético Clube, Flamengo Esporte Clube, Guarani Futebol Clube, Paissandu Esporte Clube, Parnaíba Esporte Clube e Primeiro de Maio esporte Clube. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1944, p.318).



Fotografia 19: Arquibancada do Parnaíba Esporte Clube, localizado à Avenida Capitão Claro. Fonte: (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940, p.159).

Por ocasião do centenário de Parnaíba, foi organizada uma vasta programação para comemorar o evento. Entre as festividades pode-se destacar a participação do futebol, como é possível perceber através do que diz o cronista,

Dia 25 - Primeiro dia de comemorações às 16 horas:

Grande partida de futebol no campo da Casa Inglesa, entre Parnaíba e Campo Maior, em disputa da taça, Dr. João Almeida, homenagem da classe trabalhista.

Dia 27 - Terceiro dia de comemorações às 16 horas:

Grande partida de futebol no campo da Casa Inglesa, entre Parnaíba e Teresina, em disputa da taça, Centenário de Parnaíba.

Dia 28 - Quarto dia de comemorações às 16 horas:

Grande partida de futebol no campo da Casa Inglesa, entre Teresina e Maranhão, em disputa da taça, Cidade verde.

Dia 29 - Quinto dia de comemorações às 16 horas:

Grande partida de futebol no campo da Casa Inglesa, entre Parnaíba e Maranhão, em disputa da taça, Atenas Brasileira.

Dia 30 - Sexto dia de comemorações às 16 horas:

Grande partida de futebol entre Teresina e Campo Maior no campo da Casa Inglesa, em disputa da taça, Heróis do Jenipapo.

Dia 31 - Último dia de comemorações às 16 horas:

Última partida de futebol no campo da Casa Inglesa entre o vencedor da 1ª e da 3ª partidas em disputa da taça, Interventor Leônidas Melo, homenagem da cidade ao ilustre chefe do estado. (LIVRO DO CENTENÁRIO DE PARNAÍBA, 1944, p. 350-352).

O mesmo LIVRO DO CENTENÁRIO DE PARNAÍBA – Documentário da cidade (1944, p.352) apontava que “[...] todas as solenidades seriam irradiadas pela PRJ 4, Rádio Educadora de Parnaíba”, evidenciando que já em 1944, as partidas de futebol eram transmitidas pelas ondas Hertesianas, mas essa transmissão só era possível graças à fundação em 1938 da “rede telefônica pela Sociedade Ericsson do Brasil Ltda, que dispunha de 200 telefones e 4000 chamadas diárias” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1944, p.67). E uma destas linhas telefônicas funcionava em frente ao Campo da Casa Inglesa, possibilitando então a instalação dos equipamentos necessários para que as partidas de futebol fossem irradiadas.

Entretanto, em um trabalho apresentado no GT 5 - História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia-, em São Paulo no ano de 2007, pelo doutor em Ciências da Comunicação e professor da UFPI Gustavo Fortes Said e a bolsista de iniciação científica, graduada em Comunicação Social Raquel de Holanda Rufino. Estes pesquisadores defendem que:

[...] a opção por um recorte mais preciso do objeto de pesquisa aparece aqui como uma estratégia para manter o foco do artigo nas primeiras décadas em que se desenvolveu o radiojornalismo esportivo no Piauí, com recorte cronológico situado, portanto, entre os anos de 1940 e 1970, período em que acontecem as primeiras divulgações radiofônicas de eventos esportivos e em que, aos poucos, essas práticas vão se fortalecendo e se profissionalizando. Para tanto, somente uma pesquisa documental, aliada a um forte trabalho de coleta de depoimentos e de realização de entrevistas, pode, com rigor metodológico, reconstruir a história do rádio-jornalismo esportivo, das práticas lúdicas e, correlatamente, dos comportamentos por elas gerados no contexto do estado do Piauí. (p.2)

Os autores do artigo fizeram uma longa e exaustiva pesquisa documental além de várias entrevistas às personagens que fizeram parte das primeiras transmissões radiofônicas esportivas em Teresina. Mas, se propõem a compor um panorama mais detalhado do radiojornalismo esportivo no Piauí em um recorte temporal que coincide com esta pesquisa.

Na introdução do artigo os autores afirmam que, a primeira transmissão radiofônica de uma partida de futebol no estado do Piauí aconteceu em Teresina e no estádio municipal Lindolfo Monteiro, no início da década de 50, como podemos observar a seguir:

Aconteceu em 21 de março de 1950 a primeira transmissão de um jogo de futebol no estado do Piauí, ocasião em que, pelo extinto Campeonato Brasileiro de Seleções, jogavam naquela tarde ensolarada de terça-feira Piauí e Maranhão, no estádio municipal Lindolfo Monteiro, inaugurado em 15 de novembro de 1943. (SAID; RUFINO, 2007, p.3)

Nos desdobramentos a seguir, minhas intenções são bastante claras, serviram apenas para esclarecimentos em relação ao fato que: ao contrário do que foi informado, a primeira transmissão de futebol ocorreu em Parnaíba e o local foi o campo de futebol da Casa Inglesa .

Em seguida os autores afirmam ainda que Carlos Said e Areolino Costa, teriam sido os primeiros locutores esportivos do Piauí (SAID 2007, p.3) “recém contratados pela primeira emissora de rádio da cidade, a rádio Difusora de Teresina”.

Enquanto Said³⁸ e Costa³⁹ se esforçavam no estádio Lindolfo Monteiro para realizar a aquela que seria a primeira transmissão da primeira partida de futebol no Piauí, do estúdio da emissora, que se instalara no dia 18 de julho de 1948. (Idem, p.4)

De acordo com as fontes investigadas durante a realização deste trabalho de pesquisa por toda a década de 1940 a Rádio Educadora de Parnaíba transmitiu muitas partidas de futebol como a citada acima durante as comemorações do centenário da cidade de Parnaíba.

Assim, Nelson Chaves, Fonseca Mendes e Teodoro Angelo dos Santos Filho são apontados como os primeiros locutores esportivos do estado do Piauí. O que pode ainda ser reforçado, através de uma entrevista, concedida pelo senhor Francisco das Chagas Sousa Costa (2008, p.4) que trabalhou na Rádio Educadora de Parnaíba na parte técnica durante as décadas de 40 e 50, que ao ser indagado se apenas cuidava do transmissor havia me respondido que “é do transmissor e das transmissões externas de futebol, comício, isso, e aquilo outro”.

Mais uma vez nossa intenção aqui é uma maior proximidade com uma provável veracidade dos acontecimentos, afinal o ofício do historiador exige fontes, que em muitos casos servem como “provas” – não em um enfoque positivista -, para se levar adiante um processo de pesquisa com critérios acadêmicos. Afirmamos ainda, que nossas pesquisas por mais aprofundadas que parecem não encerram em si a questão, apenas lançam um outro olhar, baseado nas fontes encontradas e que certamente não são conclusivas.

³⁸ Carlos Said, jornalista, radialista, advogado, professor universitário, nasceu em 14 de janeiro de 1931. Tinha 19 anos quando participou da primeira transmissão Radiofônica esportiva no Estado.

³⁹ Areolino Costa, funcionário da Receita Federal, faleceu em 1966. Participou da primeira transmissão e pouco tempo depois saiu da rádio Difusora.

CAPÍTULO 3

RÁDIO EDUCADORA: Seus locutores e artistas

3.1 A trajetória dos locutores na Rádio Educadora de Parnaíba

O rádio possui uma profusão e uma íntima inserção na abordagem desenvolvida pelos estudos culturais na atualidade, privilegiando as produções discursivas e as representações sociais. No estado do Piauí, ele possui uma intensa atividade nos processos de sociabilidade e civilidade de determinadas camadas da sociedade, em que exerceu quase que majoritariamente, durante certa temporalidade, uma influência na tomada de decisões, reivindicações, manifestações e contestações.

Para Nora (1974, p.174-193), os meios de comunicação têm papel importante na história contemporânea ao tornarem públicos os acontecimentos. Ele destaca um deles, o rádio, que, por intermédio de sua palavra radiofônica assegura a importância do acontecimento, caracterizada pela quantidade de palavras que ele desencadeia: “voz que informa, explica, comenta, critica, parafraseia, extrapola, conjectura, eco do público de conversações privadas e, às vezes, veículo único da modernização” (Idem, p.182).

O rádio é considerado pela maioria dos entrevistados um companheiro de todas as horas, era visto como um amigo que dava conselhos, que promovia amores, criava novas amizades, servia para despertar e para fazer dormir também, o rádio encurtava distâncias, chegava onde outros meios não chegavam como o correio e os jornais, era o livro dos analfabetos.

A atuação dos locutores no rádio tem forte influência sobre os ouvintes. Ao tornar-se parte do cotidiano das pessoas, estes profissionais passeavam entre o entretenimento e a divulgação de valores políticos e culturais. Com o advento do rádio, os antigos discursos dos oradores tiveram que ser ajustados, a um veículo de comunicação que não permitia que as expressões gestuais ou corporais do locutor fossem vistas.

O profissional do microfone precisa saber matizar o que é dito. Assim, conforme o caso, dá força à expressão, muda o tom ou faz pausas. A voz constitui-se em um instrumento de trabalho que precisa ser usado sem exageros. Ser natural, no entanto, não significa deixar de lado a necessidade de convencer o ouvinte. A arte está em saber inserir o poder de convencimento com naturalidade na fala. (FERRARETTO, 2001, p.312).

Durante suas apresentações, os locutores conversam com os ouvintes de forma mais direta, discutindo sobre as tarefas da vida diária, acontecimentos do cotidiano da cidade, fatos nacionais e internacionais. Mas a condução do programa mesmo com a interação com os ouvintes orienta-se por um roteiro ou espelho elaborado antes da transmissão.

As performances de voz do locutor são sem sombra de dúvida, os instrumentos mais bem explorados por este meio de comunicação. São essas vozes, que apresentam programas, partidas de futebol, fazem anúncios, criam jingles, etc, que se destacam e criam uma atmosfera propícia de atrair e envolver o ouvinte. Os locutores passam alegria e jovialidade, alto astral, o que é adequado a um programa popular. O locutor de rádio consegue atrair a atenção do público exclusivamente por sua voz

As primeiras duas décadas do rádio no Brasil foram consagradas à leitura dos jornais impressos no ar. Os locutores, chamados 'speakers', não faziam cerimônia em ler as notícias diretamente do jornal ou a recortá-las destes. O estilo 'pomposo e rebuscado' da época desprezava qualquer iniciativa de busca de uma linguagem sintética. Nem mesmo os horários de início e término dos programas eram observados com rigidez. As notícias despertavam o interesse dos ouvintes, mas eram pulverizadas em meio à programação, sem tratamento especial, sem regras, sem tempo determinado. KLÖCKNER (1998, p.110).

Este quadro apresentado por KLÖCKNER, foi mudando gradualmente e no final da década de 30, os locutores de rádio já são vistos como profissionais que proporcionam ampla mutabilidade em suas atividades de trabalho, atuando dentro e fora da emissora de rádio, assumindo assim diversos papéis profissionais: dentro da emissora ele apresenta os programas, interage com os ouvintes, faz entrevistas, grava os comerciais; fora da emissora os locutores eram convidados para animar festas de aniversário, apresentar eventos culturais etc.

Além disso, dentro do recorte temporal estudado, a maioria dos entrevistados afirma que, trabalhar em rádio, principalmente diante do microfone, garantia projeção ao profissional, como recorda, em entrevista o senhor José Augusto locutor da Rádio Educadora na década de 1950, “Falar no rádio naquela época em 40 ou 50 era uma coisa assim, ser locutor de rádio mesmo o locutor comercial, tinha um destaque, uma projeção, assim como um ator, um artista hoje em dia. (2008, p.2)

Pela Rádio Educadora passaram muitos locutores, nossa intenção neste capítulo é apresentar alguns deles que passaram pela emissora entre as décadas de 40 e 60 como, por exemplo: Raimundo Fonseca Mendes, Maria Irma e Nelson Chaves. Outros tantos que passaram pela Rádio, mas que devido à ausência de fontes que possam elucidar com maior precisão estas passagens deixaremos registrados apenas seus nomes e que em outras oportunidades sejam relevados com maior profundidade como, Antonio Galeno, Javituê Marcolino, de Pernambuco, Theodoro Ângelo dos Santos Filho, da Bahia, C. R. e Silva, do Maranhão, além de muitos outros locutores que trabalharam na emissora em seus primeiros anos de funcionamento.

Em relação ao locutor Theodoro Ângelo dos Santos Filho, ficou registrado no ALMANAQUE DA PARNAÍBA, uma fotografia que o flagra em sua mesa de trabalho na hora em apresentava as notícias que iam ao ar a partir do meio dia no “Grande Jornal E7”, vale ressaltar que este jornal era apresentado de segunda a sexta e era uma “cópia” do Repórter Esso da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.



Fotografia 20: Locutor Theodoro Angelo dos Santos Filho em sua mesa de trabalho.
Fonte: Almanaque da Parnaíba de 1942 (p.91)

De acordo ainda com o mesmo Almanaque, o locutor Theodoro Ângelo era natural da Bahia, mas a convite de Nelson Chaves foi integrado à equipe de locutores da Rádio Educadora.

3.1.1 Raimundo Fonseca Mendes

Um dos locutores que iremos dar certa visibilidade neste capítulo é Raimundo Fonseca Mendes, que trabalhou como locutor gratuitamente durante os vários meses em que a Rádio PRKK 3 Cocos ficou no ar clandestinamente antes do seu fechamento. Colaborou ativamente na colocação e venda de ações da sociedade que mais tarde daria origem a PRJ 4 Rádio Educadora de Parnaíba, participou do processo de instalação da emissora, sendo após a inauguração um dos seus primeiros locutores.

Raimundo Fonseca Mendes, fazia parte do quarteto que fundou a PRKK 3 Cocos, sendo então, provavelmente o primeiro locutor do estado do Piauí e um dos principais locutores e articuladores da instalação da primeira rádio do Piauí. Ele

tomou conta do microfone ao lado de Alcenor Madeira durante os três meses em que a emissora funcionou clandestinamente. Quando a emissora foi finalmente inaugurada em 3 de maio de 1940, foi ele quem oficialmente transmitiu a primeira chamada radiofônica.

Nascido no Maranhão Fonseca Mendes veio morar em Parnaíba em 1932, e seu primeiro emprego na cidade foi no “*comércio, mais precisamente no setor de vendas*” ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1943, p.181), atividade na qual trabalharia por quase toda a vida paralelamente às atividades no Rádio.

Logo em seguida foi trabalhar como secretário na União Caixerai de Parnaíba⁴⁰, e em pouco tempo se tornou vice-presidente. Ainda na União Caixerai de Parnaíba, Fonseca Mendes conseguiu se destacar em uma campanha que promoveu “*em prol da introdução de 8 horas de trabalho diário*”, (Idem, p.181).

Logo nos primeiros anos de atividade da Rádio Educadora, Fonseca Mendes como locutor conquistou a simpatia dos ouvintes quando começou a chamá-los pelo nome. As cartas ao programa, chegavam de todas as comunidades rurais agradecendo e parabenizando o locutor que, ao ler as cartas, divulga o nome dos ouvintes e agradece pela audiência. Um gesto simples que vinha dando bons resultados, o espaço dado aos ouvintes parece que foi uma das marcas deixadas por Fonseca Mendes na primeira década de funcionamento da mesma. Talvez por tratar o ouvinte com respeito e abrindo espaço para que este divulgue o que sente vontade, ele tenha conseguido conquistar tantos ouvintes.

⁴⁰ Em função do desenvolvimento econômico que se registrava na cidade no início do século XX, das necessidades de congregar a categoria e formar mão de obra especializada na área contábil. Caixeiros viajantes e comerciários de Parnaíba fundaram em 28 de abril de 1918 a União Caixerai.



Fotografia 21: Auditório da Rádio Educadora de Parnaíba (1953). À esquerda em primeiro plano FONSECA MENDES, ao lado o Capitão dos Portos e Esposa.
Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1953)

Em sua trajetória profissional Fonseca Mendes de acordo com o ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1943, p.181) “foi primeiro-secretário por duas vezes no Cassino 24 de Janeiro”, principal clube da cidade que era extremamente criterioso em aceitar novos sócios.

Além disso, foi sócio fundador e secretário da “primeira de diretoria do aeroclube de Parnaíba e um de seus maiores incentivadores” (Idem). Ocupou também o cargo de inspetor da empresa Sul América Seguros.

E finalmente em 1942 abriu sua própria firma de representação em Parnaíba e uma filial na capital Teresina. A fotografia abaixo fornece informações complementares sobre esta firma particular de Fonseca Mendes. Suas especialidades eram Representação, Corretagem e Seguros, além de depósito de produtos para venda local e inclusive exportava cereais, - atividade comum nas décadas de quarenta e cinquenta na cidade de Parnaíba, motivada principalmente pela navegabilidade do Rio Parnaíba e as empresas fluviais que movimentavam freneticamente essas atividades. Esta empresa de representação foi durante muitos anos a sua principal fonte de renda.

Tendo como suporte financeiro sua firma de representação, Fonseca Mendes podia então se dedicar mais a sua maior paixão, o Rádio, apesar de receber salário fixo da emissora como integrante do *Cast*, este dinheiro não era suficiente para suprir suas necessidades.

R. Fonsêca Mendes
FUNDADA EM 1942
Escritório no Piauí em :

| | | |
|--|--|--|
| <p>PARNAÍBA : Av. Pres. G. Vargas, 316 Caixa Postal N. 47 Tele: RAIFONSE</p> | | <p>TERESINÁ : Rua Eliseu Martins, 1240 Caixa Postal N. 79 Teleg.: RAIFONSE</p> |
|--|--|--|

Secções Especializadas de :

REPRESENTAÇÕES
 Agente representante de importantes fábricas e casas nacionais e estrangeiras. Aceita representações de primeira ordem.

CORRETAGEM
 Intermediária base de comissões, para compra e venda de todos os produtos regionais. Comissões módicas. Serviço eficiente.

CORTA PRÓPRIA :
 Depósito de: Açúcar, Café, Cereais, etc. Exportação de Cereais -

SEGUROS :
 Agente e Banqueiros, no Piauí, de:
 «METROPOLIS» — Cia. Nac. de Seguros Gerais.
 (Danos, Vida e Acidentes Pessoais)
 Agente de: CIA. PAULISTA DE SEGUROS — S. PAULO
 (Fogo — Transportes e Acidentes no Trabalho)

Fornace ratarências de primeira ordem.

Fotografia 22: Propaganda da firma de representações de Raimundo Fonseca Mendes
 Fonte: Jornal O Norte 27 de dezembro de 1944

Fonseca Mendes era também, muito ligado ao esporte na cidade Parnaíba, assim ele ocupou o posto de presidente de honra Flamengo Esporte Clube, tendo inclusive integrado comitivas esportivas de vários jogos do flamengo em outros estados. Em 1940, por exemplo, levou o time do Flamengo à cidade Fortaleza conseguindo expressivas vitórias.

Além de todas essas atividades, também se destacou na literatura, seja escrevendo para alguns jornais como O Norte (1951, 1952), O sino (1956, 1957) ou no Almanaque da Parnaíba (1947, 1948) ou mesmo escrevendo poesias.

No campo da política foi eleito vereador pelo partido MDB em 1972, mesmo partido político do prefeito da época Elias Ximenes do Prado, curiosamente nesta eleição outro locutor da Radio Educadora era eleito seu nome: Mário de Santana Campos.

3.1.2 Mário de Santana Campos

Um outro radialista que marcou sua passagem pela Rádio Educadora de Parnaíba foi o jornalista parnaibano Mário de Santana Campos. Este foi um dos pioneiros na prestação de serviços à comunidade através do Rádio, como destaca MAVIGNIER (2008) “a forma diferenciada e inovadora de fazer crítica construtiva trazendo a público as reivindicações e anseios da população Parnaibana no espaço “*PÕE A VACA*”. Neste programa de utilidade pública, Mário Campos divulgava as cartas dos ouvintes e apresentava propostas para solucionar seus problemas junto aos órgãos competentes.

Mário Campos apresentava ainda segundo Mavignier, “extraordinária crônica “*PIMENTINHA DE CHEIRO*” sempre com atualidades, homenagens, agradecimentos e assuntos de interesses da comunidade em geral”. Este programa tinha uma roupagem diferente, pois privilegiava assuntos de cunho social, mais ligado aos acontecimentos festivos do cotidiano da cidade.

Mário de Santana Campos, nascido em abril de 1934, chegou na Rádio Educadora nos anos 60, a convite do diretor da Educadora na época Bernardo Batista Leão, passou a trabalhar no Departamento de Jornalismo da emissora. Nesse Departamento de Jornalismo às vezes ocupava o horário de um noticiarista, que por algum motivo superior não podia fazer jornal, - que era feito por dois apresentadores, e então Mário Campos ocupava o espaço de noticiarista naquela forma de solução de emergência. A partir destas primeiras experiências começou tanto a escrever noticiário como a ser locutor noticiarista.

Com o passar do tempo e sua maior familiarização com o rádio, Mário Campos ao lado de Marcos Belmiro⁴¹ fizeram um programa chamado “*Igaraçu: músicas e notícias*”. Um programa com duração de uma hora, onde se dividia o tempo entre os dois locutores na emissora.

O relacionamento entre o rádio e a política segue uma relação bastante estreita e radialistas com programas de grande audiência que se candidataram a cargos públicos muitas vezes foram eleitos com a maioria dos votos vindo

⁴¹ Marcos Belmiro era um homem de televisão, da época da TV Ceará, que era da Rede Tupi de Televisão que vindo morar em Parnaíba, passou a trabalhar na Rádio Educadora ao lado de Mário Campos.

principalmente dos ouvintes. De acordo com Ortriwano (1995, p.60) “A influência política penetra em todos os setores da radiodifusão, está presente em tudo, mas é muito mais difícil de ser identificada, na prática, por meio de fatos concretos”. Em nosso país, como demonstra Moreira (1998), o rádio e a política sempre caminharam juntos.

Devido em parte, ao grande público que conquistou ao longo dos anos em que trabalhou na Rádio Educadora, Mário Campos conseguiu se eleger vereador pelo MDB em 1972, no mesmo partido do prefeito da época Elias Ximenes do Prado.

3.1.3 Rubem da Páscoa Freitas

Nascido em 1932 Rubem Freitas se considera “Jornalista, radialista e poeta”. Natural da cidade de Tutóia, no Maranhão, comemora em 2009, 80 anos de vida e 65 anos que chegou à Parnaíba. Sua veia jornalística já despontava desde cedo em sua vida; quando era menino fundou o jornal Excelsior na escola onde estudava, o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes e depois o jornal Renascimento, já no Centro Estadual Parnaibano, do qual era presidente.

[...] algumas pessoas acharam bonito eu dizer que não vim para Parnaíba, estudar, para trabalhar, eu vim trabalhar para poder estudar, primeiro porque, naquela época não havia colégios, não era público, hoje nós temos até Faculdade, a gente pagava o segundo grau, primeiro grau maior, pagava, só não pagava o primeiro grau menor, eram os grupos escolares, mas o ginásio na época, o curso de contabilidade era pago, eu tinha que trabalhar de dia para poder custear as despesas dos estudos à noite. (FREITAS, 2003, p.1)

Ao chegar a Parnaíba Rubem Freitas foi trabalhar em um escritório do senhor Darcy Mavignier, depois de alguns anos trabalhou em outros empregos principalmente no comércio local. Depois, conseguiu trabalho em repartições públicas, foi também funcionário da Prefeitura Municipal de Parnaíba; além de professor à noite em alguns colégios da cidade. Mas, suas duas grandes paixões eram escrever para jornais e o Rádio. Seus principais trabalhos impressos foram: “Centenário de Nascimento de Ademar Gonçalves Neves” (1983); “Parnaíba Sport Club – Setenta Anos Desenvolvendo o Esporte no Piauí” (1983); “Centenário de

Nascimento de Nestor Gomes Veras” (1984); “João Silva – Cinquenta Anos a Serviço do Bem” (1985); “Conheça Buriti dos Lopes” (1989) e “Parnaíba Tem Memória” (2007).

Sua entrada na Rádio Educadora foi uma experiência que até hoje não esquece, como ficou registrado em uma entrevista cedida ao professor Francisco Alcides do Nascimento, onde afirma que,

Eu comecei no ano de 1957, estamos com 46 anos, vai fazer 46 em maio, me lembro até o dia, foi 25 de maio de 1957, todo ano eu faço uma comemoração lá, dentro do programa, eu reúno autoridade, a turma da imprensa, e faço lá, uma festinha, coquetel, faço um, não deixo passar em branco.(FREITAS, 2003, p.4)

Em 25 de maio de 1957, acontece sua primeira participação como locutor da Rádio Educadora, em um programa de crônicas sociais. E esta data era tão importante que Rubem Freitas durante quatro décadas e meia, nunca deixou que passasse em branco, convidando autoridades e membros da imprensa para comemorar e rememorar o fato.

NORA (1993) caracteriza esta situação em que o passado vai cedendo seu lugar para a idéia do eterno presente através do uso da expressão aceleração da história. De acordo com Pierre Nora este ato é característico das sociedades atuais, quando afirma que,

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distancia, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. (p.08-09).

Rubem Freitas trabalhou em vários jornais de Parnaíba, como Folha do Litoral, O Sino, A Ação, O Tempo, Aljava, Jornal da Parnaíba, Norte do Piauí, Correio do Povo. Em Teresina trabalhou no jornal O Dia e em Fortaleza, no jornal O Povo. Pertence à Associação dos Cronistas Sociais do Piauí, da qual foi seu presidente, à Academia Parnaibana de Letras e à Federação Brasileira das Associações de Cronistas Sociais.

Um dos entrevistados (MAVIGNIER, 2008) recorda do programa de crônicas sociais apresentado diariamente por Rubem Freitas “Lembro também do programa do Rubem Freitas na hora do almoço. Falava das pessoas, dos aniversários. Até a música estou lembrando neste momento”. Estas recordações evocam memórias que quando vêm à tona se cristalizam nas falas dos depoentes.

Halbwachs (1990), explica que nossas lembranças fazem parte de um contexto social, no qual estivemos envolvidos direta ou indiretamente. As nossas lembranças, portanto, fazem parte de quadros sociais a partir de referências de um determinado ambiente coletivo, indicando que a memória é construção do presente a partir do passado, com motivações atualizadas.

3.1.4 Nelson Martins Chaves

Outro locutor e apresentador da Radio Educadora que também terá visibilidade neste trabalho é Nelson Martins Chaves, tido como um “homem muito preocupado com o rádio” LOPES (2004, p. 8), um homem que durante sua trajetória na Rádio Educadora foi ocupando os mais variados cargos, como por exemplo diretor artístico, diretor comercial, locutor chefe, locutor esportivo, etc.



Fotografia 23: Nelson Chaves em sua mesa de trabalho, 1951.
Fonte: RODRIGUES (2005, p. 6).

Segundo Rubem Freitas (2008, p.7) Nelson Chaves era muito criativo, foi responsável também pela criação de marchas carnavalescas “Tem aqui o Nelson Chaves, o Ivanildo Filho que era também fizeram uma marcha carnavalesca que ainda hoje é o pessoal gosta”.

De acordo com sua filha Maria do Socorro Rodrigues na introdução de seu livro “Sobre a Mesa” (2005, p. 5), seu pai era,

[...] jornalista, diretor do jornal A GAZETA, diretor e locutor da Rádio Educadora de Parnaíba e compositor. Compôs muitos jingles comerciais e várias músicas para campanhas eleitorais, (acho que vem daí o gosto dos meus filhos e o meu pela música), vereador reeleito 4 vezes seguidas e que realmente fazia um trabalho social muito bom na cidade e era querido por todos [...].

Nelson Chaves durante os anos em que trabalhou na emissora ocupou-se de diversas atividades se destacando em várias delas. Outro exemplo de suas habilidades artísticas pode ser verificado, como no caso da apresentação do rádio-jornalismo da Educadora que tinha bastante audiência na época, onde juntamente com Oliveira Andrade apresentava o Jornal ZY7, sempre precedido do jornal do esporte que acontecia de segunda a sábado das 11:30 às 12:30. As notícias eram sempre acompanhadas dos comentários de Nelson Chaves e de Oliveira.

O jornalismo da Rádio Educadora, ela já veio, naquela época, ela tinha um jornalismo, não era tão grande, era pequeno, era um noticiário, certo, era apenas um noticiário, não era aquele noticiário, jornal ZY7, ou Jornal da Educadora, não, ele não era, ele era um noticiário naquela hora, não é, aquele noticiário, e o que ela tinha de mais, o jornal que ela tinha, era o jornal do Esporte, certo, então o esporte marcava uma presença muito grande e tinha o noticiário, o noticiário era por volta do meio dia, com os comentário e tal, era um pequeno jornal, mas ela tinha, esse jornal era feito pelo Nelson Chaves e o Oliveira, o Oliveira, esse rapaz era funcionário do Banco do Nordeste, eles faziam o jornal. (CAMPOS, 2003, p.5)

Nelson Chaves também foi, o responsável direto pela vinda e apresentação de artistas de renome nacionais em Parnaíba nas décadas de 40 e 50 na Rádio Educadora, e de acordo com as memórias de Jaime Lins:

Nelson conseguia patrocínios, pagavam bem e os artistas voltavam satisfeitos, impressionados com o que viram em Parnaíba, porque era ainda uma cidade pequena, mas aqui se surpreende um visitante, porque ele chega pensando que é, que não é bom, e quando sai, sai elogiando e leva até saudade daqui. (2004, p.6).

Era através de seus contatos com os empresários locais, que se conseguia capital suficiente para bancar as despesas de apresentação dos grandes nomes da música brasileira e que naquele momento também eram estrelas do rádio nacional, como Emilinha Borba, Calbi Peixoto, Augusto Carneiros, Vicente Celestino, se apresentaram mais em Parnaíba do que na própria capital, Teresina, pois em Parnaíba “[...] o aeroporto era muito movimentado com várias empresas aéreas” ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1948, p. 198).

Além do aeroporto movimentado, a cidade ainda despontava economicamente pela presença do porto fluvial que amplificava a economia. O franco crescimento da cidade implicou por parte do poder público uma maior atenção. Segundo MENDES (2001, p. 37), esse incentivo à navegação proporcionará o fomento de riquezas gerado para a cidade de Parnaíba:

[...] acompanhando esse desenvolvimento econômico a cidade de Parnaíba vai formando uma infra-estrutura compatível com os novos tempos: {...} vice-consulado Britânico (1913); agência do Banco do Brasil (4 de julho de 1917); um corpo militar do Tiro de Guerra (24 de outubro de 1917); uma Associação Comercial (1º de fevereiro de 1917); linha aérea regular da " Nirba Line" utilizando hidroaviões; (1930) dentre outros empreendimentos.

Todo esse desenvolvimento foi decisivo na constituição de estabelecimentos, aparelhamento e infra-estruturas que possibilitaram as transformações de Parnaíba no principal centro econômico do Piauí nesse período. E algumas outras atividades econômicas, como a venda e beneficiamento do Babaçu fizeram a cidade de Parnaíba destacar-se no cenário piauiense em relação até mesmo à capital Teresina. Afinal, Parnaíba contava, “com localização geográfica privilegiada, próxima ao atlântico, na foz do Igaráçu, cresceu e consolidou-se como praça comercial”. (FERNANDES, 1998, p.23).



Fotografia 24: Hidroavião da Empresa Aérea “Condor” pousado embarcando e desembarcando passageiros, Parnaíba 1936.

Fonte: Arquivo particular do Senhor Helder Fontenele.

Todo este desenvolvimento, também pode ser notado a partir da entrevista do senhor Mario Campos, quando ele comenta sobre os contratos comerciais entre Nelson Chaves e os empresários dos artistas que se apresentavam em Parnaíba,

[...] por que era fácil naquela época o tráfego aéreo era muito grande e tinha um tráfego noturno que era Pan Air que passava aqui seis horas da tarde ia até Recife e depois voltava e esses cantores quando se apresentavam em São Luis, os empresários a faziam contato com Parnaíba e olha que naquela época a telefonia não era como a de hoje, e era por telegrama e era fechado os contratos aqui com Nelson Chaves, os cantores se apresentavam em São Luis e depois vinham de Pan Air pra cá, e aqui se apresentavam no Éden e depois em grandes bailes no principal clube da cidade, no Cassino na 24 de janeiro. E a Educadora passava a transmitir lá do Palco do Cine Teatro Éden, por aqui passaram cantores como Emilinha Borba, Carmélia Alves, Luis Gonzaga, Nelson Gonçalves, Miltoninho, Ângela Maria, Jorge Goulart, Orlando Silva, o grande arcondionista Sivuca, por aqui passaram também a Orquestra Cassino de Sevilha, apresentando no palco do Éden e transmitido pela Educadora e depois em Grande Baile na Associação Atlética Banco do Brasil, certo? Aqui passou também Silvio Mazuka que morreu recentemente em São Paulo, ele era de Orquestra de Baile, sem se falar na Grande Orquestra de Rui Rei, que era contratado pela Educadora para se apresentar no palco do Éden e depois em Grande Baile no Cassino 24 de Janeiro que era o principal Clube da cidade era um clube fechado não é?(...). (CAMPOS, 2003, p. 4)

Na fotografia abaixo tirada em fins de 1949 é um bom exemplo da vocação exportadora da cidade de Parnaíba. Afinal, a apresentação de artistas nacionais como no caso de Ângela Maria eram financiadas com o dinheiro de empresários locais ligados principalmente ao comércio exportador.



Fotografia 25: Nelson Chaves (à esquerda), Ângela Maria (centro) e Luiz de França diretor da Rádio Educadora 1947.

Fonte: Arquivo particular de Socorro Rodrigues

As fotografias que fazem parte do acervo particular de Socorro Rodrigues – filha de Nelson Chaves -, mostram uma certa relação de amizade entre Nelson Chaves e a maioria dos artistas que se apresentaram na cidade trazidos por ele. Uma possível explicação para responder esta questão foi dada pela própria filha,

Meu pai os tratava muito bem, e sempre preparava nos mínimos detalhes todo o itinerário, acomodações, quando eram cantoras, tanto o quarto de hotel quanto o camarim eram abarrotados de flores e bombons, além de muitos mimos tanto para homens quanto para mulheres. E eles simplesmente adoravam!. RODRIGUES (2008)

Outro fator a se considerar, é que a maioria dos artistas citados, veio para Parnaíba trazidos através da parceria Rádio Educadora e Nelson Chaves mais de uma vez, o que provavelmente criou laços de amizade. Além de tudo isto, os contratos fechados entre Nelson Chaves e os empresários destes artistas eram sempre pagos antecipadamente, inferia muita credibilidade à emissora.

[...] organizava tudo, trazia artistas, vinham artistas, professor, artistas de fora, artistas da época, de plena vivencia, como Cauby Peixoto, Emilinha Borba, Nora Ney, Álvaro de Oliveira. Ângela Maria, essa turma toda no auge, Nelson Gonçalves, todos no auge da história vinham para cá, fazer programação aqui, fazer show e tal, naquele tempo, era muito fácil, né, tinha os aviões diretos, agora não temos mais, então os artistas vinham e o Nelson conseguia patrocínios, pagavam bem e os artistas voltavam satisfeitos, impressionados com o que viram em Parnaíba, porque era ainda uma cidade pequena, mas aqui se surpreende um visitante, porque ele chega pensando que é, que não é bom, e quando sai, sai elogiando e leva até saudade daqui. (FREITAS, 2003, p. 4)

Outra característica interessante em Nelson Chaves era sua vontade em dar oportunidades às pessoas que queriam ingressar na música, através dos famosos programas de calouros, que existiam na emissora e que foram introduzidos e copiados por ele da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Nelson Chaves é o locutor e animador de programas, em sua cidade natal, onde ele próprio apresenta grandes atrações de sua autoria, redigindo “scripts” e textos comerciais, com rara habilidade e experiência. Verdadeiro “gentleman”, simpático e inteligente, em pouco tempo, já conseguiu angariar entre nós, grande número de amigos e admiradores. (Maranhão, 16/8/52).

Na década de 1940, o Brasil começava a viver a “Era de Ouro” da radiodifusão, caracterizada por uma programação voltada ao entretenimento, predominando os programas de auditório. Além do fato de que o esporte ocupava um espaço importante na programação. Ortiz (1988, p.38) lembra que o início da “sociedade de massa” no Brasil ocorre porque se consolida, nesse período, a sociedade urbano-industrial se modernizou em diferentes setores. Em 1943, a inauguração das ondas médias na Rádio Educadora, acelerou sobremaneira o desenvolvimento da Rádio Educadora, causando impacto social no contexto histórico em que se seguiu.

3.1.5 Maria Irma ou Edna Maria? A Show Woman da Rádio Educadora

Além dos locutores assinalados acima, também daremos visibilidade neste trabalho a uma locutora que se destacou bastante na Rádio Educadora. Entre as décadas de 40 e 50 a Rádio Educadora de Parnaíba tinha no seu "cast" uma locutora que também era cantora, seu nome era Maria Irma da Fonseca e Silva, filha do senhor Eduardo Napoleão, nascida no Rio de Janeiro da década de 30, mas que aos seis anos de idade veio morar em Parnaíba, onde estudou, viveu sua infância e adolescência. "Seu talento para a música foi descoberto precocemente e quando criança já representava em teatros e danças, sendo muitas vezes personagem principal das apresentações que participava". (FREITAS, 2008, p.6)

Maria Irma que segundo Benjamin Santos,

A Irma logo com a voz boa e com sotaque carioca, que a mãe dela pela carioca dona Ana, a Irma facilmente passou a locutora da rádio, **a ser primeira locutora de rádio** (grifo nosso), da Rádio Educadora e deve ter sido com certeza a primeira do Piauí, pelo próprio fato de não haver ainda nenhuma emissora no Piauí nos anos 40, não tenho certeza ainda tem qual o ano a Irma passou a ser locutora. (2008, p. 9)

Maria Irma é apontada por Benjamin Santos como a primeira locutora do Piauí, esta afirmação também é dividida por Nilsângela Cardoso Lima em sua dissertação de mestrado intitulada *INVISÍVEIS ASAS DAS ONDAS ZYQ-3: Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 – 1962)*, quando informa que:

Pioneira piauiense em radiofonia, a Educadora de Parnaíba no final dos anos 1930, levou pelas ondas eletromagnéticas a voz de *Maria Irma*, primeira locutora e cantora do rádio no Estado do Piauí. Desde então, os ouvintes piauienses passaram a desfrutar da "voz forte e firme" de Maria Irma, que se tornava a mais nova cantora do rádio. (2006, p.82)

Além dos depoimentos de outros entrevistados que trabalharam na rádio, como o senhor Jaime Lins que afirma: "[...] Maria Irma foi a primeira locutora de rádio do Estado do Piauí. Inclusive isso despertou a atenção porque, assim como... Ela ingressou como locutora, bem jovem, uma mulher bonita, [...]". (2003, p. 7). Como se

pode observar através destas fontes, Maria Irma foi a primeira mulher a ingressar na carreira de locutor no Piauí. Mas seu ingresso não foi fácil, as imposições sociais da época devido ao preconceito que existia em relação às mulheres dificultavam sobremaneira sua atuação no rádio, como denuncia novamente Jaime Lins,

[...] ela ingressou como locutora bem jovem, uma mulher bonita, mas assim como era difícil o acesso pra se tornar uma cantora assim também era pra ingressar como locutora de rádio, a sociedade reprimia, a família e ela corajosamente lançou no rádio e se tornou famosa [...]. (Idem).

É possível notar no discurso de Jaime Lins que Maria Irma foi bastante audaciosa ao ingressar na carreira artística e principalmente no rádio, pois a sociedade reprimia e a família também. De fato, este preconceito correu com outras mulheres que ingressaram no rádio em outras emissoras do Brasil, principalmente entre as décadas de 40 a 60.

Em Parnaíba seu pai evitava a todo custo que ela fosse cantora do Rádio, por isso, às vezes, trancava seus sapatos a cadeado. Mas seu lado artístico era mais forte. “Era só ele sair para o Cassino 24 de Janeiro, para encontrar os amigos, e Irma era socorrida pela amiga da esquina que lhe emprestava uma sandália e lá estava cantando sambas na Rádio Educadora”. (FREITAS, 2008, p.7)

Segundo Benjamim Santos o fato de Maria Irma morar perto da emissora também ajudou a aproximá-la do rádio, “A Irma que era, que morava vizinha da Rádio Educadora devia ter sido, muito conhecida do pessoal da rádio assim com as filhas do seu Saldanha, a Terezinha, a Wilma, a Maria da Graça”. (2008, p.5)

Mas, SANTOS acrescenta quase se redimindo que,

A Irma como locutora nos anos 50 foi importantíssimo na Parnaíba na sua ação como locutora porque na época a locutora mais famosa e mais conhecida no nordeste era da Rádio Jornal do Comércio de Pernambuco a Cacilda Vanuza com uma voz especialíssima e que marcou época com um grande slogan da rádio jornal do comércio que era *Pernambuco falando para o mundo* a Cacilda Danuza trabalhou também no cinema no filme do Alberto Cavalcante do Rio que foi feito em Pernambuco e depois quando a Irma casou com Dr. Magalhães filho seu Juquinha Magalhães e foi para o Rio de Janeiro passou para o Recife e no Recife facilmente ela se tornou locutora oficial, primeira locutora da Rádio Jornal do Comércio ela falando também a mesma coisa que Cacilda Danuza falava *Pernambuco falando para o mundo*. (Idem, p. 6)

Além de todas essas qualidades citadas por Benjamim Santos, Maria Irma quando em sua viagem ao Maranhão como convidada de honra para apresentar as festividades de comemoração da Rádio Difusora do Maranhão foi assim descrita,

Sem dúvida, uma personalidade artística, digna de atenção, justamente por se apresentar com as qualidades a que alude mimos, acrescidas ainda da sobriedade de sua propaganda, que quase nenhuma, que ao contrário de muitos ases, e craques do rádio local, que se rotulam de maiores, magnatas, ou magnânimos, espetaculares, e outros absurdos ridículos. (Maranhão, 16/8/52).

Quando foi convidada a participar das comemorações de aniversário da Rádio Difusora do Maranhão, no dia seguinte à sua apresentação a emissora divulgou uma nota onde elogiava efusivamente Maria Irma, como pode ser observado abaixo,

Além de cantora de esplêndida dicção e de conhecer bem a língua Maria Irma, é ainda uma cantora muito interessante, dessas que sabe conquistar os auditórios, tanto com a voz como com os seus atrativos pessoais. É desembaraçada e brilhante e traz, sempre consigo uma alegria contagiosa ou algo viajada, já atuou em algumas emissoras do país, como é o caso da Mayring Veiga do Rio e Rádio Clube do Ceará. Gostou do Maranhão, onde pisa pela primeira vez e garante que vai sentir saudades. (Maranhão, 16/8/52).

Quando adolescente, descobrira outro talento, sua voz, não só de cantora como também locutora, de voz forte, firme e boa dicção. Foi então, contratada por Nelson Chaves diretor na época, para trabalhar na Rádio Educadora de Parnaíba.

A Maria Irma, eu lembro dela quando ela veio aqui e o pai dela, o senhor Eduardo, instalou aqui uma fábrica de brinquedos com o nome de uma filha dele, irmã da Maria Irmã, Jônia, fábrica de brinquedos Jônia, que nada perdia para a Estrela e há quem diga que a Estrela comprou essa fábrica, Maria Irma chegou aqui e granjeou muita simpatia, ela talvez não tivesse, 1,60 de altura, mas muito bonitinha, cantava muito bem e foi locutora da Rádio Educadora, ela, o nome dela na rádio era Edna Maria, seu pseudônimo, Edna Maria e para cantar era Maria Irma, ela foi uma grande locutora da rádio Educadora, uma grande locutora mesmo, foi cantora também. Foi embora para o Rio e depois que estava no Rio, veio várias vezes aqui rever os amigos, enfim, tivemos também, ainda temos com vida, que fizeram parte do cast da Educadora, ela fazia parte do cast da Educadora. (CAMPOS, 2003, p. 4)

Maria Irma da Fonseca e Silva, tinha duas personalidades artísticas, enquanto locutora da Rádio Educadora de Parnaíba e em outras Rádios que também trabalhou enquanto profissional era Maria Irma, e enquanto cantora era conhecida como Edna Maria.

A firma Moraes Souza S.A de Parnaíba, mandou confeccionar em homenagem ao seu talento grandes calendários com o seu retrato para distribuir à sua vasta clientela espalhada em todo o estado do Piauí com seguintes dizeres: "Maria Irma da Fonseca e Silva, a estrelinha do Rádio parnaibano". (FREITAS, 1994, p.2)



Fotografia 26. Carteira de trabalho de Maria Irma em 1949
Fonte: acervo particular de Rubem Freitas

Maria Irma se casou com Dr. José Forte Magalhães, jovem médico parnaibano recém-formado, e o casal foi morar em Recife onde seu marido tinha uma boa clientela. Maria Irma ingressou na Rádio Jornal do Comércio.

[...] se tornou famosa também como cantora e em pouco tempo devido a expressão da emissora seu nome ficou conhecido além Piauí né, além divisas e em pouco tempo ela foi trabalhar no Recife e lá ela trabalhou tanto na Radio Jornal do Comercio como na Radio Globo de Pernambuco que eram as duas emissoras famosas aqui do Nordeste, Clube e Jornal. (LOPES, 2003, P. 5)

Mas, Dr. Magalhães faleceu prematuramente e Maria Irma viúva e os dois filhos (Júnior e Iluska) foram residir na cidade do Rio de Janeiro. A Rádio carioca Mairink Veiga contrata Maria Irmã, e no Rio de Janeiro ela trabalha tanto como locutora quanto como cantora. Quando cantava foi acompanhada por nomes que hoje são verdadeiros mitos da música na década de 1950, como Jacob do Bandolim, Altamiro Carrilho, Orlando Silva, Canhoto e seu regional.

Seu pai não olhava com bons olhos que Maria Irma fosse cantora do Rádio e por isso foi buscá-la, obrigando-a a abandonar a carreira na Rádio Mairink Veiga e retornasse para Parnaíba. Durante algum tempo Maria Irma se entregou aos afazeres domésticos e à educação dos dois filhos. Seu pai falece e Irma se vê em complicada situação econômica. Quando em 1953 surge um vantajoso contrato em Recife, na então famosa e potente Rádio Jornal do Comércio. Maria Irma então se muda com a família e trabalha novamente no rádio sua grande paixão. Em Recife trabalhou ao lado de grandes nomes nacionais como Sivuca, Capiba, Luis Vieira e as Irmãs Acyoman.



Fotografia 27. Maria Irma no estúdio da Rádio Jornal do Comércio (PE) 1954.
Fonte: acervo Particular de Rubem Freitas

E finalmente, Maria Irma se rendeu à televisão, quando foi convidada, a participar na Rede TUPI de televisão em um programa infantil chamado **Tia Edna**, que era patrocinado pela fábrica alimentos “*Pullman*”, que entrava no ar todos os sábados e domingos a partir das 16 horas com vasta programação voltada às crianças, era uma espécie de *programa da Xuxa* atual, com brincadeiras, jogos e sorteios tudo ao vivo. Este programa durou mais ou menos dois anos e atravessou os dois últimos anos da década de sessenta, quando a emissora passou por dificuldades econômicas demitindo assim Maria Irma.

A fotografia abaixo foi tirada em 1969 no auge do programa infantil **Tia Edna**, é possível identificar a logomarca da emissora de Tv Canal 6 e mais adiante crianças no palco brincam em mesas acompanhadas por uma assistente de palco.



Fotografia 28: Maria Irma como Tia Edna na extinta rede Tupi (1969).
Fonte: Acervo particular de Rubem Freitas.

Após o fim do programa no início da década de 1970, Maria Irma se afasta lentamente da vida artística e se dedica com mais intensidade à família e aos afazeres domésticos. Retorna algumas vezes à Parnaíba para rever os amigos e em duas ocasiões na década de noventa apresenta ao lado de seu declaradamente maior fã em Parnaíba - Rubem Freitas também locutor da Rádio Educadora-, programas que homenageiam o rádio e todos aqueles que ajudaram na construção de sua história.

3.2 OS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO: o conjunto Regional e os calouros.

O rádio em determinados períodos representou uma forte união entre a indústria fonográfica e a sociedade ao colocar na sua grade os programas de auditório. Com o intuito de abranger determinada esfera da sociedade em determinados horários, granjeando um retorno bastante significativo, notadamente por intervenção dos programas de auditório, que possibilitavam às vezes a criação de fãs-clubes que ocasionalmente enviavam cartas, e que permitiam a participação do público ouvinte.

O acesso instantâneo à música, com todo o seu poder de alterar os estados psicológicos e as disposições emocionais dos ouvintes, tornou-se logo o aspecto mais contagiante e irresistível da audição radiofônica e a principal fonte de seu poder de transformação cultural. (SEVCENKO, 1998, p.588).

As músicas que tocavam na rádio fascinavam corações e mentes e prendiam a atenções das pessoas, que acolhiam as mais variadas tendências, sempre optando por aquelas que satisfizessem as suas necessidades mais imediatas. As músicas que tocam na Rádio Educadora vão aos poucos se constituindo como uma referência cotidiana, tão necessária quanto a alimentação, por exemplo.

Com os primeiros programas de calouros, nasceram os famosos programas de auditório, que se aperfeiçoaram e se transformaram em espetáculo de palco. Como atesta o senhor Rubem Freitas em entrevista,

[...] tinha as irmãs três irmãs Maria da Graça da Rocha, Vila Rocha e Teresinha Rocha essas três cantavam na radio e nos programas de calouros depois nos programas de auditórios que se fazia e sempre faziam né e também e assim em termo de amadorismo como eu falei tinha umas senhoras da sociedade que algumas cantavam e tocavam piano e também outros artistas [...]. (FREITAS, 2003, p.5).

Sendo que a partir da década de 1940, as emissoras investem na contratação de artistas que por sua boa aparência, jogo de cintura, suas brincadeiras nas apresentações de palco, fossem capazes de agradar o público. O deslumbramento desempenhado por esses programas de auditório não ficava apenas em suas apresentações artísticas em si, mas na força de atração que os centros urbanos exercia sobre pessoas em processo de ascensão social nas áreas menos desenvolvidas do Brasil.

[...] e outra coisa interessante que existia nas emissoras de radio é que toda emissora de radio possuía auditório ali se dava oportunidade a pessoas que queriam ingressar na musica , era os famosos programas de calouros eu cheguei a apresentar alguns e além dos programas de calouros a radio mantinha também as quintas feiras a noite isso que eu apresento hoje rodando discos era apresentado ao vivo , programa de velha guarda chamado né então tinha a chamada prata de casa aqueles artistas que já faziam parte do elenco “casting”e convidados também e ali as pessoas iam assistir o programa ao vivo tinha aquele auditório , tinha um palco , teatro então era uma coisa muito bonita , as famílias iam assistir

programa e sabia que todas as quintas a noite ali eles iam[...]. (Lopes, 2003, p.8).

Esses profissionais preocupados em angariar cada vez mais público, também decidiram se profissionalizar cada vez mais. Essa profissionalização foi a ponta de lança da valorização dos artistas de rádio, principalmente porque a apresentação dos programas de auditório sempre acontecia na condição “ao vivo”.

A captação da popularidade pelas emissoras passou a ser prioritária, e muitas vezes a transmissão de programas de auditório ocorria diretamente de teatros ou casas de shows, as emissoras aos poucos transformaram seus estúdios em pontos de atração como ocorreu em Parnaíba. Alguns ídolos locais surgiram nos programas de auditório da emissora.

A partir desse momento, alguns artistas que se destacavam regionalmente começaram a aparecer nacionalmente gerando entre as rádios brasileiras, uma verdadeira permuta de atrações. Por isso, a partir da década de 30 para uma estação de rádio era indispensável a presença de um “*Regional*”.

O nome “regional” se originou de grupos como Turunas Pernambucanos, Voz do Sertão e mesmo Os Oito Batutas, que, na década de 20, associavam a instrumentação de violões, cavaquinho, percussão e algum solista a um caráter de música regional. (CAZES, 1998, p. 85)

O conjunto regional surgiu da vinculação dos mais baratos instrumentos à venda e fabricados no País como violões, cavaquinhos e bandolins, pandeiro, flauta e o acordeão, tornaram o conjunto harmônico apto a solos e acompanhamentos. Quando os cantores se apresentavam ao vivo e precisavam de um acompanhamento, as emissoras de rádio preferiam usar o conjunto regional que era barato e eficiente.

Então tem essa passagem e essas pessoas faziam parte do cast da Rádio Educadora e ela tinha auditório, quando ela esteve no seu primeiro prédio, ela tinha um pequeno auditório, quando ela veio para a praça Santo Antônio, ela veio para a praça Santo Antônio, ela tinha um auditório, muito bem montado e o palco, tinham dois, tinha, tinha os estúdios que era separado do palco por um vidro *Rayban*, lá dentro ficava o gabinete do locutor, ali ficava os estúdios não é, e também o serviço de áudio, de som, passando por uma portinha que

foi muito bem feita, não é, tipo um vitrô, ficava aqui diante do povo num outro auditório, contigo ao mesmo auditório, certo? Muito bem, então eles tinham quando era um programa, existia um programa de auditório, um programa de calouros, calouros, tinha programa, aqueles concursos de música e tal, era no auditório de frente para o povo aqui, e quando era um programa de estúdio, os cantores se apresentavam lá dentro separado por uma cortina de vidro, que era *Rayban* na época, então Alcides, isso é uma primeira parte dessa história da emissora e que também tinha um programa pano de boca, pano de boca passava aqui a cortina né, e você aqui no auditório ouvia o anúncio, mas não se dizia o nome do cantor e você tinha que ouvir e descobrir o nome da música e o nome do cantor que estava interpretando aquela música, certo, no final ele juntou todo mundo, abria a cortina e você via quem era o cantor do cast da rádio Educadora e tinha também o seu, além do mais tinha, como eu quero chegar, é, tinha também uma orquestra, tinha também o seu regional que é aquele conjunto musical, músico regional, que era o Miguel da flauta, hoje ele está em Fortaleza, um flautista de pura grandeza, essa era a composição Raimundo Elisiário no Violão, Zé Canequinho, esse apelido é que era interessante, Canequinho, violão irmãos Amorim, pandeiro e **afouxega**, aquela cabaça com cordas, pois bem, tinha o Zé Leite no Violino e no **zio** que pegava aquele surdo pequeno e tinha os ritimistas para completar, agora tínhamos também numa apresentação especial Anastácio Magalhães e sua orquestra, Piratas do Ritmo, essa viajou para Fortaleza, São Luis, Teresina, andou por vários locais, se apresentando nos estados vizinhos. (ELIZIÁRIO, 2003, p.9)

Como se percebe na fala de Francisco Eliziário a emissora aos poucos foi se profissionalizado e do pequeno auditório do primeiro prédio a Radio Educadora construiu o segundo prédio e ampliou bastante o auditório que recebia shows de calouros, além do conjunto regional que se apresentava e até uma orquestra chamada *Piratas do Ritmo* para as apresentações especiais.

Seu Eliziário nesta mesma entrevista cedida ao professor Francisco Alcides do Nascimento revela que *Piratas do Ritmo* também tocavam nos carnavais que tradicionalmente ocorriam na cidade, quando destaca que: “Bloco, a gente tocava no carnaval só fazia aumentar que nós botava mais um trombone piston pra fazer mais barulho né, avisava o pessoal, convidava todo mundo que queria ir atrás né então agente fazia o conjunto, o carnaval, tiramos 1º lugar dois anos seguidos”.(2003, p.4)

Quando perguntado se tocavam em clube, seu Eliziário responde que:

Não nós saímos tocando na rua mesmo andando na rua, nós saímos de manhã almoçava na casa de um dos componentes do bloco era lá na coronel Pacifico e de lá a gente descia pra praça um negocio de 4 e meia pra 5 horas da tarde que tava todo mundo lá né e a gente

chegava era aquela coisa doida depois então nós se aperfeiçoamos mais o conjunto mesmo pra tocar em festa aí fomos tocar em festa até então era conjunto local, nós éramos conjunto local depois então nós começamos a tocar em festa, esse rapaz do coisa aqui passou a tocar o saxofone ele era um saxofonista muito bom e então Chico Duzimba...Então, começamos a tocar em festa, no Cassino, na AABB que é ali onde hoje é a Caixa Econômica e tocamos aqui também nesse Castelo do Thor, tocamos ali casa do mestre W.Ramos que é ali x com o mirante do anzol hoje e depois começamos a sair, Camocim nós tocamos na linha toda de Camocim até Crateús, fomos a Fortaleza, Sobral e sai naqueles rumos do Itapipoca, Itu, Itueira, aquele mundo todo a gente tocava, eles lá... São Benedito em cima da serra também, eles lá mandavam unicamente dizer “Anastácio eu preciso do conjunto tal dia e tal e tal preço e tal e tal nada” a gente ia chegava lá tocava na festa até 6 horas da manhã, até 6 horas da manhã, no final ele já tava ali perguntando “Quanto é?”, “É tanto” pagava ali a gente saia pegava o carro vinha embora pra casa porque ali a gente saia daqui e já deixava uma festa contratada ai a gente ia pra lá tocava a festa dele de manhã saia de lá pra cá todo mundo dormindo dentro do carro (...) ai então a gente vinha embora pra cá pra tocar na festa a noite, isso aconteceu diversas vezes. (Idem).

O conjunto *Piratas do Ritmo*, de acordo com a fala de seu Eliziário conseguiu vários contratos de trabalho não só em Parnaíba, nos vários clubes da cidade como Cassino 24 de Janeiro, AABB; como Também em outros estados. Conclui-se então o alto grau de sofisticação profissional que alcançou o conjunto nas décadas de 40 e 50.

Além disso, com a expansão dos programas de auditório, foram sendo introduzidos outros instrumentos de entretenimento como: show musical, espetáculo de teatro de variedades, circo além dos sorteios. Esses programas de auditório terminaram por desenvolver dinâmicas de apresentação que conservam o público dos auditórios em estado de verdadeira excitação e fascínio durante sua apresentação.

Para isso os animadores dos programas contavam não apenas com a presença de cartazes de sucesso garantido junto ao público, mas ainda com a colaboração de grandes orquestras, conjuntos regionais, músicos solistas, conjuntos vocais, humoristas e mágicos, aos quais se juntavam números de exotismo, concursos à base de sorteios e distribuição de amostras de produtos entre o público. (TINHORÃO, 1981, p. 70)

O conjunto *Regional* da Rádio Educadora além dos programas de auditório com os shows de calouros, ainda acompanhava as apresentações dos grandes nomes da música popular brasileira em Parnaíba. Pela necessidade de acompanhar cantores no tom que eles queriam e de músicas que muitas vezes não conheciam, diversos músicos parnaibanos que participavam do *Regional*, que viveram no período de estudo deste trabalho, apontam esta prática como “a maior escola para aprender a música popular brasileira”. (ELIZIARIO, 2003, p.2)

Os músicos destes *regionais*, na sua maioria, aprendiam seu repertório ouvindo as músicas pelo rádio ou comprando os discos, ou ainda do contato com os músicos ou cantores que acompanhavam. O senhor Domingos Moraes Cunha era um desses músicos do *Regional* e perguntado se acompanhou algum artista famoso na entrevista cedida ao professor Francisco Alcides do Nascimento ele declara que,

Acompanhei Ana Maria, Nelson Gonçalves, Calbi Peixoto aquele Altamar Dutra aqui quando chegava um cantor novo era eu que ia acompanhar naquele tempo não tinha esse playback que a gente chama o tal do disco pra acompanhar. (CUNHA, 2004, p.7)

Mais adiante seu Domingos nesta mesma entrevista afirma que,

Acompanhei tudim, dona Dalva de Oliveira, acompanho até o bigode que canta, era novo sabia os sucesso deles quase tudo, a gente aprendia tudim, quando eles chegavam ... rapaz arranjam uns músicos pra acompanhar agente, agente ia atrás deles no hotel onde eles tavam hospedados, fazia um pequeno ensaio e de noite fazia o show [...] (Idem)

A emissora possuía um auditório em sua sede na Praça Santo Antônio com capacidade para umas 200 pessoas, o que facilitava enormemente a apresentação dos artistas acompanhados pelo regional que aconteciam ao vivo. Nestas apresentações a emissora às vezes era obrigada a cobrar entrada para evitar tumulto, já que a presença destes artistas mudava o cotidiano da cidade antes, durante e mesmo depois que iam embora. Depois da apresentação desses artistas a comunidade parnaibana passava dias comentando as apresentações e os fatos que marcaram tais apresentações.

O auditório, ... o auditório da Educadora tinha, exatamente o estúdio envidraçado como o estúdio da Rádio Nacional uma cortina de vidraça de vidro isolava o estúdio do auditório com um pequeno profênio entre o estúdio depois da ... da vidraça, de frente para o público, o auditório ... o auditório, era de um certo modo para a época luxuoso, em relação aos auditórios dos cinemas da Parnaíba. Os cinemas da Parnaíba tinham um auditório muito mal confortáveis e o da Rádio Educadora não, era de poltronas de palhinha sendo que a primeira fila, na primeira fila as poltronas eram mais confortáveis, maiores e de braços. (SANTOS, 2008, p.5)

Com o auditório da emissora, os programas de calouros eram verdadeiras atrações na cidade, principalmente aos sábados. As características do auditório ainda resistem ao tempo e fazem parte da memória de alguns dos entrevistados como no caso de Rubem Freitas que nos revela,

[...] tinha assim, um cortinado bonito, vermelho, me lembro bem, era aquele vidro que separava o auditório daquela parte dos estúdios, né, e eu até, quando comecei a falar, foi uma novidade para a população, o povo gostava muito, e às vezes, eles estavam falando, era 11:30 até 12:30, e o pessoal saía do trabalho e entrava na rádio só para me ouvir e me ver falar, eu ficava meio encabulado programa de auditório, cidade pequena né, programa de auditório e tava cheinho e agente chegava lá tinha um palco um alto assim no momento era vidro e agente ficava do outro lado de lá tanto que o pessoal ficava todinho do lado separado, lá ficava só o locutor e o artista e o regional. (FREITAS, 2003, p. 3)

E estes programas de auditório tinham enorme audiência na cidade, por sua característica “ao vivo” agregavam em torno de si verdadeiras multidões que se aglomeravam para assistir, torcer, vaiar e aplaudir todos que se aventuravam em apresentações, que eram acompanhadas pelo conjunto Regional. Além disso, muitos artistas que faziam parte do Cast da emissora surgiram a partir destes programas.



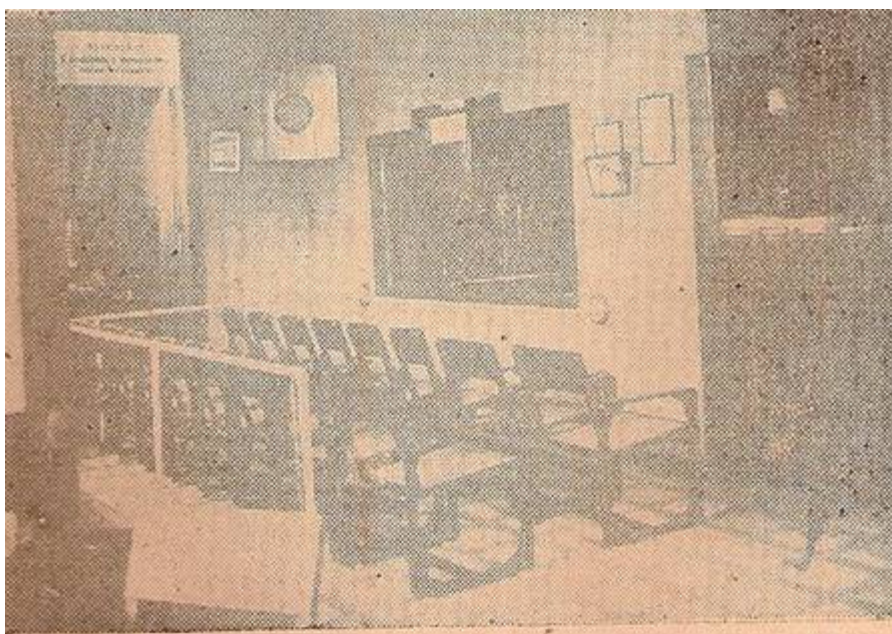
Fotografia 29: Edna Maria cantando no Auditório da Rádio Educadora de Parnaíba
 Fonte: Acervo particular do Senhor Helder Fontenele

A fotografia acima mostra uma das principais atrações da Rádio Educadora de Parnaíba aos sábados e domingos, quando eram apresentados os programas de auditório com a participação das estrelas locais do Rádio parnaibano e a chance de apresentação nos programas de calouros que eram dirigidos pelo apresentador e locutor Nelson Chaves. A orquestra que aparece na foto era chamada de “Regional” e seus membros pertenciam ao quadro permanente do “cast” da Rádio Educadora de Parnaíba.

Tinha, tinha é um conjunto interessante ainda hoje tem gente tocando por ai tinha há Miguel Leite, Chico Eliziário era muito era muita gente dois Elisiário Francisco e Raimundo né tinha Miguel Leite na flauta Anastácio Magalhães que tinha um conjunto pirata inclusive eles eram que tocavam no conjunto e acompanhava os artista que vinham de fora né. Maria Irmã era antes da apresentação dos artistas fazia apresentação dela que quando o artista chegava ela já tava cantando até em circo que na época vinha pra cá ela fazia o show antes do inicio do circo lá a onde o circo tava funcionando ai marcou muito a nossa historia. (FREITAS, 2003, p.6)

Na fotografia abaixo registrada em 1942 e presente no ALMANAQUE DA PARNAÍBA, é possível ter uma idéia de como era o interior do auditório da Rádio Educadora, o conjunto de cadeiras de palhinha no centro da imagem revela um

espaço reservado aos convidados de honra. Por trás deste espaço de honra ficavam as outras cadeiras com conforto inferior e reservada a todos aqueles que diariamente visitavam a emissora. Do lado direito da imagem é possível perceber a vidraça que separava o estúdio do auditório e por onde era possível acompanhar as atividades desenvolvidas na emissora, seja por seus locutores, seja por suas apresentações musicais.



Fotografia 30: Auditório da Radio Educadora de Parnaíba.
Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA (1942, p. 87).

Benjamin Santos (2008, p.2) destaca que os programas de auditório “se tornaram o destino de vários parnaibanos e um dos principais lazeres da época”. Ele mesmo era frequentador assíduo, chegando inclusive, a ganhar alguns prêmios com suas performances no show de calouros nos domingos matinais, que ainda hoje é motivo de orgulho, em suas memórias ainda residem vários fragmentos desta época. Esses shows ocorridos aos domingos eram apenas para revelar e despertar os talentos infantis, a presença de pais orgulhosos nestes dias era considerável. “Lançado como uma novidade maravilhosa, o rádio transformou-se em parte integrante do cotidiano. Presença constante nos lares converteu-se em um meio fundamental de informação e entretenimento”. (CALABRE, 2002, p. 7)

Benjamin Santos consegue lembrar e até cantar algumas músicas que lhe deram prêmios de primeiro lugar nos concursos de calouros realizados no auditório da Educadora. Ele relata que:

Eu fui a muitos, eu era assíduo aos programas de auditório da rádio, e havia programas no rádio dos mais diferentes gêneros, tanto semelhantes aos do Rio de Janeiro como os programas de calouros, nem um programa de calouro do Brasil foi mais famoso do que o do Ary Barroso, chamava-se se não me engano papel carbono e na Parnaíba o Nelson Chaves que era o locutor e programador da rádio criou também programas de auditório para calouros, esse calouros ganhavam prêmios, inclusive os programas de calouros devem ter revelado cantores que eu não sei quais aqui na Parnaíba. (SANTOS, 2008, p.8)

MONTENEGRO (1994, p. 16) revela que à medida que depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor. Assim sendo, esta é mais uma forma de adentrar nas verdades particulares de cada indivíduo que, por sua vez, ajuda a formar o imaginário coletivo.

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado as nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado. (Idem, p. 152)

Calabre (2002) assinala também que o rádio criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas e estimulou novos tipos de sociabilidade. E mais, considerado ícone da modernidade até a década de 1950, o rádio teve um grande papel social na vida privada e pública.

Às vezes existiam até filas para assistir os programas de auditório da Rádio Educadora. Na parte artística, os espetáculos eram comandados por Nelson Chaves e o conjunto Regional que não tinha uma composição fixa, variava entre dez e quatorze membros foi por muitos anos liderado por Francisco Elisário.

3.3 O surgimento de artistas locais

Parnaíba, oh Parnaíba! Parnaíba que trago em meu coração. Ao recordar com saudade, minha infância e minha mocidade, Parnaíba dos meus sonhos de amor, do samba-canção.

É assim que recordo Parnaíba, como a eterna canção. Dizia o locutor de Rádio em Nova York, onde morei, que ali onde a melodia dominava, dizia: "here is where the melodies lang on".

E eu pensava, ao ouvir todas aquelas bonitas músicas: "Lá na minha distante e pequena Parnaíba já conhecia todas elas. Lá também a melodia dominava".

É sempre assim que eu me lembro de Parnaíba: com uma melodia pairando no ar. (FREITAS, 1994, p.2)

A Rádio Educadora de Parnaíba criou alguns ídolos nascidos na própria cidade, o sucesso, porém era mais local, restrito na medida em que estes começavam a participar de sua programação com certa regularidade. O rádio necessitava atrair músicos que se firmaram muitas vezes em outros espaços na maioria de caráter nacional, afinal, o rádio não se constituía enquanto espaço autônomo de produção musical.

No Cast da Educadora tinha uns cantores, Luis Freitas, não é, Luis Freitas, tinha o Chico Elisiário, João Pereira a Maria Irma que como cantora era a Edna Maria, tinha o Damasceno de Moraes, a Maria Auxiliadora, essa cantava uma coisa lindíssima a voz dela, tinha a Teresinha Rocha, mãe da Tête Rocha, a Vilma Rocha, irmã da Teresinha Rocha, Ivanildo Pinho, esse hoje tá em Recife, chegou aqui no Circo Garcia quando veio em Parnaíba, gostou da cidade, conheceu uma moça, casou e constituiu família. (LOPES, 2003. p.5)

Todos esses artistas se destacaram dentro do recorte temporal deste trabalho. Neste momento do trabalho vamos dar visibilidade a Edna Maria⁴² que entre as décadas de 40 e 50 encantava os ouvintes da Rádio Educadora com suas interpretações de canções conhecidas na época. "Edna Maria e Nelson Chaves, é o par divertido de radialistas que a Rádio Educadora de Parnaíba mandou para São Luís, a fim de tomar parte das comemorações de aniversário desta emissora". (Maranhão, 16/8/52).

Edna Maria era seu nome artístico enquanto cantora das apresentações culturais da cidade de Parnaíba. Na maioria das vezes que artistas se apresentaram em Parnaíba vindo de todas as partes do país, como Emilinha Borba, Alcides

⁴² Edna Maria era nome artístico adotado por Maria Irma em suas apresentações musicais.

Gerardi, Carmélia Alves, Nelson Gonçalves, Nora Ney, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Dalva de Oliveira, Black-Out, Jorge Goulart em tantos outros artistas em plena evidência nacional que se apresentaram na cidade, Edna Maria era a primeira a se apresentar, e segundo as memórias do senhor Rubens Freitas, os artistas ficavam impressionados com a garota estrela de Parnaíba e sempre convidavam para se apresentar no sul do país onde o campo para mais vasto, mas por imposição principalmente do pai era obrigada a recusar.

De acordo com o Almanaque da Parnaíba de 1948 (p. 211), as músicas que mais se cantavam na Rádio Educadora de Parnaíba na voz de Edna Maria eram: *Carinhoso* (Composição de João de Barro e Pixinguinha), *Junte tudo o que É Seu* (Composição de Custódio Mesquita), *Nem eu* (Composição de Dorival Caiemy), *Saia do Caminho* (Composição de Dalva de Oliveira), *Não eu não posso lembrar que te amei* (Composição de Herivelto Martins), *Assim se passaram dez anos* (Composição de Rafael Hernandez), *Madrugada* (Composição de Herivelto Martins e Evaldo Ruy), *Esses moços* (Composição de Lupiscínio Rodrigues) que faziam bastante sucesso entre os ouvintes por serem as mais pedidas.



Fotografia 31. Edna Maria, em primeiro plano à esquerda, uma das primeiras cantoras da Rádio Educadora de Parnaíba em sua despedida no dia 09 de dezembro de 1951 sendo apresentada por Nelson Chaves. Nos famosos programas de auditório da época.
Fonte: arquivo particular do senhor Rubem Freitas.

Rubens Freitas (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1952, p.187) retrata Edna Maria em uma de suas crônicas como, “bonita, elegante, graciosa, lábios sempre a sorrir, bem tratada, atualizada, roupas às vezes ousadas para a época, em torno de si girava em uma legião de amigos e admiradores, todos queriam a sua amizade. E ela era como a lua a todos encanta e não é de ninguém”.

Além de Edna Maria, vamos destacar outras mulheres que fizeram durante bastante tempo parte do *Casting* da Rádio Educadora como cantoras:

A Vilma, a Maria Irma, Vilma, a Maria da Graça que era irmã da Vilma, tinha Teresinha Rocha que é irmã do nosso saxofonista, essa fazia programa da saudade né, ela é minha irmã também Maria do Rosário faziam o programa da saudade e era bom, era divertido era muito gozado ai então o povo trabalhando na rádio desde quando era criança (deste tamanho) se botava um caixão pra ela ficar em cima pra cantar, alcançar no microfone [...]. (ELISIÁRIO, 2003, p. 8).

Na emissora, estas artistas faziam programas musicais que conseguiam angariar público expressivo e ouvintes cativos. Podemos citar ainda como exemplo, Maria do Rosário que trabalhava fazendo as quintas feiras um programa chamado “*A Hora da Saudade*”, onde cantava músicas românticas quase sempre acompanhadas do conjunto Regional.

Havia uma outra cantora no *Casting* da Rádio Educadora que fazia um programa parecido com o da Maria do Rosário e que era apresentado às sextas feiras, esta artista era irmã do saxofonista do conjunto Regional que se chamava Colin e ela chamava-se Teresinha Rocha, que tinha uma voz muito bonita, segundo CAMPOS (2003, p.6) “[...] nós tínhamos como a nossa sapoti, era a nossa Ângela Maria.”

Marina Queiroz foi outra cantora que fazia parte do *Cast* da emissora e revela em entrevista que sua trajetória se iniciou em programas de calouros infantis, realizados aos domingos.

Eu comecei garota, com sete ou oito anos já cantava no rádio no programa de calouros né, todo domingo eu cantava. Começou por aí. Eu ganhava os prêmios. Tinha as meninas e os meninos que cantavam, do lado das meninas sempre eu ganhava. Os prêmios eram naquela época... tinha bebidas era um litro daquela bebida chamada Gancia, era uma bebida doce mas isso eu era muito garota e chegava em casa e minha mãe vendia e mandava fazer qualquer

negócio. Eu ganhava sapatos, aquele sapatinho de plástico, tinha muitos prêmios. Bom aí passou tempo, passou tempo, foi passando, passando eu fui ficando adulta e Mocinha então eu fui fazer parte do cast da Rádio Educadora. (QUEIROZ, 2007, p. 1)

De acordo com sua fala, os calouros vencedores recebiam prêmios ofertados pelas empresas locais. Apesar, de serem prêmios de pequeno valor comercial, sua mãe conseguia algum dinheiro com a venda dos mesmos. Com o passar dos anos Marina Queiroz conquistou um lugar de destaque na emissora, chegando a fazer parte do *Cast* da Rádio Educadora .

[...] eu era a cantora da rádio era eu a Edna Maria, Teresinha rocha, tinha também a Rozarita, que cantava também a Rosarita [...] a Rádio Educadora era um prédio bonito muito bem organizado, o auditório era lindíssimo, onde os cantores ficavam lá dentro passavam de vidro tinha uma cortina ar refrigerado com um piano muito bom lá dentro e tinha a orquestra, violões e músicos que acompanhavam a gente. [...] tinha também a Olga Maria, a Olga Maria cantava também era a cantora também na Rádio Educadora tinha uma voz muito boa. (Idem, p.2)

Aponta também, a passagem de outras cantoras pela emissora como a Rosarita, Teresinha Rocha, Edna Maria e Olga Maria que faziam parte do *Cast* da Rádio Educadora. Um fato que chama a atenção era o não pagamento por estes serviços prestados. Segundo Marina Queiroz, era comum alguns artistas trabalharem gratuitamente, “[...] eu cantava porque gostava” .(Ibidem).

Ao ser perguntada se as pessoas a reconheceriam na rua, Marisa Queiroz em seu depoimento afirmou que a reconheciam como “Marina Queiroz a grande cantora”, com o sucesso e a visibilidade obtidos na emissora, o acesso para shows em clubes, aniversários e eventos dos mais diversos eram mais fáceis.

Um dos momentos marcantes de sua carreira como cantora foi cantar no Cine Teatro Éden ao lado de Sivuca seu grande ídolo na década de 1950 “[...] eu cantei no Cine Éden eu cantei sabe com quem, com o Sivuca, com Sivuca acompanhada por ele” (QUEIROZ, 2008, p.2). De acordo ainda com Marina, este acontecimento só foi possível por ela fazer parte do *Casting* da Rádio Educadora.

Além destas artistas de sucesso que trabalhavam na emissora ainda havia outras mulheres que ajudavam para que a emissora funcionasse como empresa,

entre elas Maria Auxiliadora responsável pelo serviço de controle da discoteca e que preparava e datilografava toda a programação do dia, todos dias.



Fotografia 32: Maria Auxiliadora e Alcenor Madeira no escritório da Rádio Educadora.
Fonte: ALMANAQUE DA PARNAÍBA 1942, p. 91.

Na imagem acima vemos a senhora Maria Auxiliadora à frente de uma máquina de datilografia, onde preparava a extensa programação da emissora e ao seu lado o senhor Alcenor Madeira superintendente da rádio. Era Alcenor Madeira quem autorizava e assinava diariamente os programas que deveriam ou não fazer parte da grade de programação, criando assim um ambiente de profissionalismo e credibilidade à emissora.

Como parte integrante do cotidiano do cidadão parnaibano, a Rádio Educadora analisada dentro do recorte temporal deste trabalho, era a principal fonte de audição das músicas, já que muitas pessoas não tinham condições de comprar os discos que eram lançados continuamente pelas empresas fonográficas. Além disso, o conhecimento que muitos parnaibanos tinham acerca das notícias locais, nacionais ou internacionais se dava a partir do rádio. Mais que uma fonte de informações e lazer, o rádio se incorporou profundamente na vida dos indivíduos, criando um vínculo afetivo que sobrevive até hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XX foi palco de variados experimentos que foram atravessados pelo uso das novas tecnologias. São tecnologias que desfiguraram rotinas, alteraram estruturas, mas, principalmente, dilaceraram muitos paradigmas. O estudo apresentado aqui delimitou uma destas novas tecnologias: o Rádio. Tendo-o como objeto de estudo, evidenciando sua instalação e suas sociabilidades geradas ao longo das décadas de 1940 a 1960 na cidade de Parnaíba. O veículo de comunicação aqui estudado tem inúmeras peculiaridades que, dentro das possibilidades deste estudo, foram analisadas.

No dia 25 de setembro é comemorado o Dia do Rádio. A data foi escolhida em comemoração ao aniversário de Roquete Pinto, considerado “Pai do Rádio Brasileiro”. Em 1923, Roquete inaugurou a primeira rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Vale lembrar que a primeira transmissão de rádio no país já havia ocorrido no dia 7 de setembro de 1922, para um discurso de Epitácio Pessoa, na época, presidente do Brasil, que serviria para demonstrar aos brasileiros as maravilhas desta nova tecnologia.

Esta pesquisa é dedicada ao levantamento, sistematização e interpretação dos diferentes suportes e registros de memória, orais e escritos. Percebe-se que, entre os anos 40 e 50, as emissoras de rádio se multiplicavam rapidamente. Para uma melhor percepção do alcance do rádio junto ao conjunto da população brasileira é importante destacar que, segundo os dados fornecidos pelo recenseamento geral de 1960, no final da década de 50 o país ainda possuía um índice de 53,16% de sua população analfabeta, sendo que 61,98% dos que não sabiam ler se encontrava entre a população rural. Ou seja, mais da metade da população do país tinha o rádio como principal fonte de informação, de atualização, como canal de ligação com o restante da sociedade.

O rádio é um valioso agente formador de opinião. Serve como meio difusor sem fronteiras e promotor da interação democrática ao propiciar passagem de informações entre diferentes segmentos da sociedade. O papel do Rádio pode ainda ser destacado como um meio adequado em modificar a realidade pela disseminação de um conhecimento ou conhecimentos específicos, além do papel decisivo na

preservação das tradições e dos costumes culturais do povo parnaibano. Resguardando a diversidade, prestando serviços seja no âmbito local ou regional, com programações voltadas para as mais diversas atividades e necessidades. Portanto, o Rádio está a serviço do desenvolvimento humano.

Pelas ondas do rádio, fatos históricos foram divulgados, notícias mobilizaram multidões, insuflaram concepções e propagaram princípios ideológicos. Ele tornou-se um instrumento do poder ou de micro-poderes, estando presente no cotidiano da maioria das famílias piauienses, disciplinando horários, modos e costumes, coordenando práticas sociais, mitificando personalidades, depreciando outras num modelo de circularidade e de projeção, mudança e permanência mediadas pela capacidade de interação com o veículo de comunicação que ultrapassou a dimensão da cidade moderna e passou a integrar os espaços sociais mais diversos e distantes.

O rádio no Brasil, à época da inauguração da rádio Educadora de Parnaíba, era o veículo de comunicação de massa mais popular e de maior prestígio. O rádio, em relação aos outros meios de comunicação, se aproxima mais da população devido a algumas características que lhe são inerentes: linguagem oral-auditiva, mobilidade, baixo custo, imediatismo e instantaneidade. A mensagem por ele veiculada foi fundamental para a construção de identidades e de mudanças culturais.

A memória e história da Rádio Educadora e a sua inserção na produção cultural oportuniza uma profunda reflexão acerca de sua ação mediadora e simbólica. A comunicação de massa e a indústria cultural, de um modo geral, foram representadas como um sistema simbólico pleno de significações e seus produtos como produções simbólicas. A Rádio Educadora de Parnaíba foi o tema que motivou a incursão na memória e história do rádio no Piauí, por se tratar de um lugar de memória, com um espectro de abrangência a ser investigado.

Na memória coletiva dos parnaibanos registrada no Almanaque da Parnaíba encontram-se manifestações de valorização da Rádio: “uma das maiores realizações que se registrou em Parnaíba no ano de 1940 foi, sem dúvida, a inauguração de nossa estação rádio-emissora – Rádio Educadora de Parnaíba PRJ 4.” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1942, p. 54.)

No processo de reconstrução da memória da Rádio Educadora de Parnaíba, a memória mantém uma estreita relação com a identidade. Para Le Goff (2003, p. 294): “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de

identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. A mudança nos hábitos e costumes também é analisada pelo mesmo autor ao passo em que novas práticas sociais são vivenciadas.

O rádio chegou ao Brasil em 1922, mas só veio a se instalar no Piauí dezoito anos mais tarde, quando, em abril de 1940, foi oficialmente inaugurada a Rádio Educadora de Parnaíba. Até então, a mídia sonora da região se fazia através dos serviços de alto-falantes que haviam se multiplicado em Parnaíba.

Enquanto objeto de estudo, o rádio possui uma profusão e uma íntima inserção na abordagem desenvolvida pelos estudos culturais na atualidade, privilegiando as produções discursivas e as representações sociais. No Estado do Piauí, possui uma intensa atividade nos processos de sociabilidade e civilidade de determinadas camadas sociais, em que exerceu quase que majoritariamente, durante certo tempo, uma influência na tomada de decisões, reivindicações, manifestações e contestações.

Além da História Oral, foi atravessado por análises dos Documentos cartoriais, Jornais da época, os Almanques – da Parnaíba e Teresina; Os trabalhos de dissertação de Daniel Vasconcelos Solon. O ECO DOS ALTO-FALANTES: Memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX; Nilsangela Cardoso Lima Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 - 1962), além dos livros e artigos do professor Francisco Alcides do Nascimento.

A partir da metodologia da história oral com material em áudio - entrevistas já localizadas no NHO (Núcleo de História Oral) da UFPI e entrevistas gravadas na cidade de Parnaíba ao longo deste trabalho que evidenciaram as histórias de vida dos sujeitos que nela trabalharam: radialistas, sonoplastas, cantores, produtores, ouvintes, dentre outros, foi possível reconstruir fatos relevantes servindo de suporte e em alguns casos de fonte primária.

Dessa forma, a presente dissertação pretende olhar para as vidas e memórias que estão atrás da Rádio Educadora de Parnaíba, sem perdê-la de vista. Sem dúvida, é uma janela privilegiada pela qual podemos observar parte da história da cidade e da trajetória de seus moradores.

Este trabalho justifica-se pela importância social de auxiliar a reconhecer a história que não é contada, que extrapola o discurso convencional, oferecendo

oportunidade aos entrevistados de elegerem os seus critérios para destacar o que para si é relevante em sua história pessoal em relação a um cenário, neste caso: a Rádio Educadora.

A Rádio Educadora de Parnaíba S/A, estaria completando este ano (2009) 69 anos e certamente em 2010 faria inúmeras atividades culturais, além de uma grande festa para comemorar seu septuagésimo aniversário ou suas bodas de vinho com a cidade de Parnaíba. Mas, o descaso, a má administração ou qualquer que tenha sido a razão, a emissora simplesmente não existe mais, está fechada, sepultada de tal forma que até seu transmissor desapareceu. Diminuindo, assim, as chances de retorno à ativa. A Rádio Educadora existe nos fragmentos de memória daqueles que a fizeram e daqueles que a amaram.

Esta pesquisa torna-se, então, um meio de contribuir para a comunidade acadêmica no que tange a preservação da memória do rádio parnaibano e seu passado, além de ser uma oportunidade de desenvolvimento intelectual para o pesquisador.

Ao longo desta narrativa tentamos alcançar os escopos sugeridos, isto é, desvendar a partir das lembranças de alguns homens-memória como se teceu a trama histórica da Rádio Educadora de Parnaíba. Acreditamos ter colaborado para esclarecer, e elucidar alguns eventos para a reconstrução desta trama histórica que poderão e deverão ser retomados e aprofundados por outros estudiosos que tencionem reconstruir a história da radiodifusão piauiense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS E ARTIGOS

A criação do rádio: 70 anos de rádio no Brasil. Disponível em <www.radioclaret.com.br>. Acesso em 23/05/2008.

A Era de Ouro do Rádio no Brasil. Disponível em <www.locutor.info/Biblioteca.htm>. Acesso em 29/05/2008.

A história do rádio (de 1844 até hoje). Disponível em <www.rádiojornalismo.com.br>. Acesso em 02/06/2008.

A história do rádio. Disponível em <www.bn.com.br/rádios-antigos/rádio.htm>. Acesso em 17/04/2008.

ALVES, Airton. **Rádio Educadora de Parnaíba 47 anos de pioneirismo.** Parnaíba, 1987.

ALCANTARA, Nenê. **O lugar preferido.** Rio de Janeiro, Diário Carioca, 28.08.1937.

ALMENDRA, Cartório. **Livro de Atas.** 1940, 170 p.

ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada.** [s.n.], 1988.

ARAÚJO, Diogo. **RÁDIO MEC.** Disponível em <http://www.radiomec.com.br>. Acessado em 16/05/ 2008.

ARAUJO, Maria Elita Santos de. **Parnaíba O Espaço e o Tempo.** Parnaíba: [s.n.], 2002.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos:** Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BRETCH, Eugen Bertold Friedrich. "Teoria do Rádio". In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio. Textos e contextos. Vol. I.** Florianópolis: Insular, 2005.

_____. Teoría de la Rádio (1927-1932). In.: BASSETS, Lluís (Ed.). **De las ondas rojas a las rádios libres.** Textos para la história de la rádio. Barcelona, Gustavo Gili, 1981

BURITY, Joanildo (Org.). **Cultura e identidade:** perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CALABRE, Lia. **A era do rádio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **No Tempo do Rádio**. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998.

CASTRO, Ruy. **ROQUETTE-PINTO: O HOMEM MULTIDÃO**. Disponível em: <http://www.radiomec.com.br/70anos/intro.htm>. Acesso em 23/03/2008.

CAZES, Henrique. Choro: do quintal ao municipal. São Paulo: Editora 34, 1998.

Centenário da Independência. Disponível em <http://www.radiomec.com.br/>. Acesso em 20/05/2008.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**: A fotografia como fonte histórica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. **O livro do Centenário de Parnaíba**: documentário da cidade. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.

COSTA, Osmani Ferreira. **Rádio e Política**: a aventura eleitoral dos radialistas no século XX. Londrina: Eduel, 2005.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Coordenação Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001.

ELIAS, N; DUNNING, E. **Memória e sociedade a busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a Técnica**. 2. ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto Editora, 2001.

FERNANDES, Wellington. **Desemprego no comércio parnaibano**. (1957/1998). Tcc (UFPI). Parnaíba 1998.

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) Esporte & Jornalismo, São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FREITAS, Rubens. **Parnaíba 150 anos de emoções**. Show musical, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001)**. 2005.

História do Rádio. Disponível em <www.microfone.jor.br/história.htm>. Acesso em 17/12/2007.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: Edufba, 2003.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso na História Brasileira (1941-1945 e 1950-1954)**. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em Comunicação Social apresentada à Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUCRS, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 2001.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 4 ed. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003.

LIMA, Elys Regina de Oliveira. **Impactos da Modernidade: Parnaíba no início do século XX**, in: Francisco de Assis de Souza et. Al. (Orgs.). **Fragmentos históricos: Experiências de pesquisa no Piauí**. Parnaíba, Piauí: Sieart, 2005. p. 207-214.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis Asas das Ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Dissertação (Mestrado em História), Teresina, UFPI, 2007.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**. São Paulo: Summus, 2001.

MENDES, Raimundo Fonseca. **PRKK - Rádio Três cocos, PRJ4 – Rádio Educadora de Parnaíba: Roteiro de uma história**. Parnaíba, 1983.

MALULY, L.V.B. **Panorama do Jornalismo Esportivo no Brasil**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – PUC/RS. Porto Alegre/RS, Setembro, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Márcio. **PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: Um lapso de memória na história do rádio brasileiro**. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2002.

NORA, Pierre, **Entre memória e história, a problemática dos lugares**. Projeto história. 10 PUCSP; São Paulo, 1993.

_____, **O Retorno do Fato História: Novos Problemas.** Coleção Ciências Sociais. Rio de Janeiro: F. Alves, 1974.

NORIEGA, Magali; PINILLA, Helena, **Parlantes: nueva experiencia peruana,** CHASQUI - Revista Latinoamericana de Comunicación,(10), (Quito:CIESPAL, 1984.

ORTIZ, Renato. Cultura e sociedade. In: **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana, **A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** Summus Editorial, 4^a edição, 1985.

PIAUI. **Censo Demográfico de 1º de julho de 1950.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1952. 28 p.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** in: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3. 1989.

_____. **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

Por que Vargas ficou conhecido como o "pai dos pobres"? Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/htm/dhbb_faq.htm#rep_1_3. Acessado em 16/06/2008.

REGAL, debora Kfuri. **GETÚLIO VARGAS VOLTA AO CATETE: A ESTRATÉGIA DE PROPAGANDA VARGUISTA NAS ELEIÇÕES DE 1950.** Tese de doutorado, Rio de Janeiro, PUC-RIO, 2007.

RODRIGUES, Maria do Socorro C. F. **Sobre a mesa.** Rio de Janeiro: Nova Gráfica, 2005.

SAID, Gustavo Fortes; RUFINO, Raquel de Holanda. **Rádio-jornalismo Esportivo no Piauí: do surgimento ao auge.** V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007

SANTANA, R.; TOMAZIELLO, Paulo Sérgio. Tendências da publicidade no rádio AM na cidade de Rio Claro: um estudo do programa Bom Dia Sucesso do radialista Ney Paiva. In: **II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho.** GT História da Publicidade e da Propaganda. Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3 (República: da Belle Époque à Era do Rádio).

SILVA, Maria da Penha Fonte e. **Parnaíba, minha terra .** [s.n.]. 1987.

SOLON, Daniel. **O Eco dos Alto-Falantes: Memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX.** Dissertação (Mestrado em História), Teresina, UFPI, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular**: do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Ática, 1981.

THOMPSON, Paul (2002). **A voz do passado**: história oral. 3 ed. Tradução por Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

JORNAIS E PERIÓDICOS

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. 19 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1939.

_____. 20 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1940.

_____. 21 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1941.

_____. 22 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1942.

_____. 23 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1943.

_____. 24 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1944.

_____. 26 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1946.

_____. 27 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1947.

_____. 28 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1948.

_____. 29 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1949.

_____. 31 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1951.

_____. 32 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1952.

_____. 35 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1955.

_____. 36 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1956.

_____. N° 61. Parnaíba: 1994.

_____. N° 62. Parnaíba: 1995.

Cadernos de Teresina. **A era do rádio**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

_____. **História e memória da Rádio Pioneira de Teresina**. Teresina. Alínea Publicações, 2004.

Jornal O Piagui. 2008, 2ª ed.

Jornal O Sino. Década de 1940 e 1950.

Jornal O Norte. Edição de 29 de agosto de 1939.

MARQUES, Renato Neves. História da Rádio Educadora de Parnaíba. In: **O Livro do Centenário de Parnaíba 1894/ 1994.** Teresina: EDIUFPI, 1994.

Maranhão, Rádio Difusora do. **Comentário do dia.** São Luiz 16/8/52.

ENTREVISTAS E OUTROS

CAMPOS, Mário. **Mário Campos** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2003. 28 p. dat.

CUNHA, Domingos Moraes. **Domingos Cunha** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2003. 25 p. dat.

ELISIÁRIO, Francisco. **Francisco Elisiário** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2004. 18 p. dat.

FREITAS, Rubem Napascoa. **Rubem Freitas** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2003. 16 p. dat.

LOPES, Jaime Lins Solano. **Jaime Lins** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2004. 27 p. dat.

MAVIGNIER, Ronaldo. **Ronaldo MAVIGNIER**, (depoimento, 2008). Entrevista cedida a Cleto Sandys Nascimento de Sousa em 15 de janeiro de 2008. Duração da entrevista: 35 minutos.

QUEIROZ, Marina. **Marina Queiroz**, (depoimento, 2007). Entrevista cedida a Cleto Sandys Nascimento de Sousa em 22 de setembro de 2007. Duração da entrevista: 39 minutos.

SANTOS, Benjamim. **Benjamim Santos** (depoimento, 2008). Entrevista cedida a Cleto Sandys Nascimento de Sousa em 22 de fevereiro de 2008. Duração da entrevista: 50 minutos.

ANEXOS

